

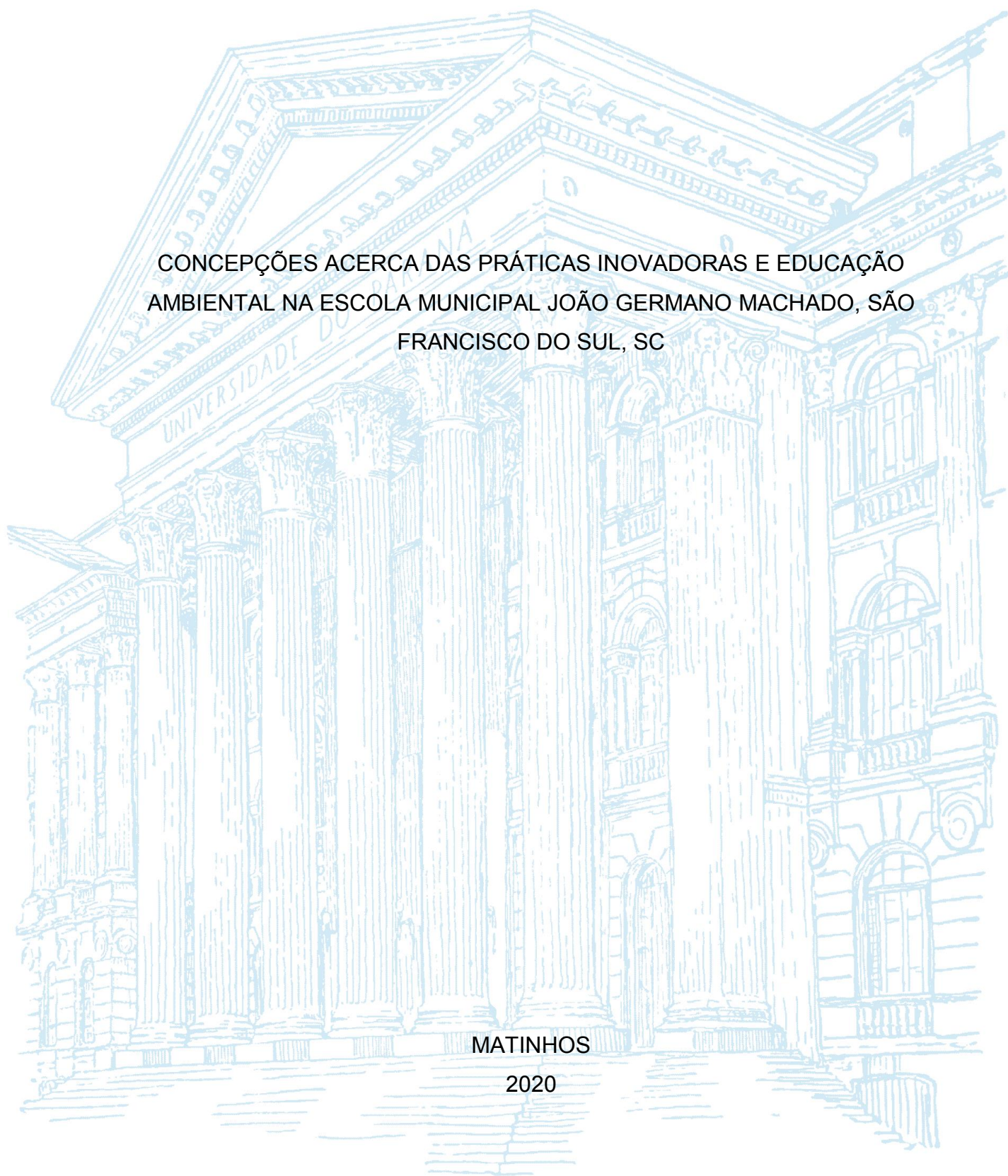
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JULIANO FERREIRA DE MORAES

CONCEPÇÕES ACERCA DAS PRÁTICAS INOVADORAS E EDUCAÇÃO
AMBIENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL JOÃO GERMANO MACHADO, SÃO
FRANCISCO DO SUL, SC

MATINHOS

2020



JULIANO FERREIRA DE MORAES

CONCEPÇÕES ACERCA DAS PRÁTICAS INOVADORAS E EDUCAÇÃO
AMBIENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL JOÃO GERMANO MACHADO, SÃO
FRANCISCO DO SUL, SC

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Rede de Ensino das Ciências Ambientais, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino das Ciências Ambientais.

Orientador: Prof. Dr. Christiano Nogueira

MATINHOS

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

M827 Moraes, Juliano Ferreira de
Concepções acerca das práticas inovadoras e educação ambiental na
escola municipal João Germano Machado, São Francisco do Sul, SC / Juliano
Ferreira de Moraes ; orientador Christiano Nogueira. – 2020.
135 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral,
Matinhos/PR, 2020.

1. Educação ambiental. 2. Ensino fundamental (São Francisco do Sul, SC). 3.
Educação inovadora. I. Dissertação (Mestrado) – Mestrado Profissional em Rede
Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais. II. Título.

CDD – 333.7071



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR LITORAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO REDE NACIONAL PARA
ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS - 33002045070P4

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **JULIANO FERREIRA DE MORAES** intitulada: **CONCEPÇÕES ACERCA DAS PRÁTICAS INOVADORAS E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA JOÃO GERMANO MACHADO, SÃO FRANCISCO DO SUL, SC.**, sob orientação do Prof. Dr. CHRISTIANO NOGUEIRA, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 29 de Outubro de 2020.

Assinatura Eletrônica

03/11/2020 10:40:39.0

CHRISTIANO NOGUEIRA

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

03/11/2020 12:02:55.0

LUIZ FERNANDO DE CARLI LAUTERT

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

03/11/2020 10:20:48.0

LUIZ EVERSON DA SILVA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Agradeço em especial à minha esposa Josiane e ao meu filho João Felipe, que compreenderam a minha ausência em muitos dos momentos. E aos meus pais Lídio e Vilma que tornaram o estudo prioridade na minha vida.

AGRADECIMENTOS

À todos que participaram de alguma forma, deixo aqui meus sinceros agradecimentos.

Agradeço pela trajetória transformadora percorrida até aqui. Uma história e uma vida ligadas à educação, que me fizeram ousar a refletir sobre mim mesmo e sobre o meu trabalho, e com isso entender que é possível gerar conhecimento a partir de qualquer espaço e que podemos sim inovar sem desvincular a aprendizagem significativa.

Não poderia deixar de agradecer, em especial, à minha esposa Josiane, por estar junto comigo sempre, compreendendo que toda minha ausência, neste breve período, era necessária e mesmo assim seguiu acreditando em mim.

Ao meu filho, que nesse momento precisava muito de um pai e encontrava um pesquisador, mas compreendia e me acolhia com seus abraços.

Agradeço aos meus pais Lídio e Vilma que tornaram este momento possível, eles que sempre colocaram sua fé na educação por acreditarem que não existia outro caminho que dignificasse o ser humano senão os estudos.

Agradecer a cada aluno que fez parte da minha história, vocês são o meu incentivo na busca pelo melhor. Essa não é apenas mais uma realização pessoal, ela é nossa!

Agradeço aos colegas de trabalho com os quais compartilho ideias, mesmo que diversas, mas que contribuem constantemente com o aprendizado de todos. Em especial àqueles professores que participaram como entrevistados, a participação de vocês veio a agregar conhecimento aos nossos estudos.

Agradeço aos meus diretores Carla, Rangel e Marcos Gerônimo pela compreensão e incentivo que me deram, em especial à diretora e equipe pedagógica da Escola Municipal João Germano Machado que abriram as portas possibilitando o prosseguimento de nossos estudos.

Agradecer aos colegas de mestrado pela partilha do conhecimento e amizade. Aos Professores do curso de maneira geral que nos conduziram a pluralidade de saberes. Meus agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Agência Nacional de Águas (ANA), pelo apoio prestado, e aos professores do Mestrado Profissional em Rede para o Ensino das Ciências Ambientais.

Aos professores membros da banca examinadora Professor Doutor Luiz Fernando de Carli Lautert, Professor Doutor Luiz Everson da Silva pelas excelentes contribuições.

Agradeço por fim ao meu orientador Professor Doutor Christiano Nogueira, por acreditar no meu trabalho compartilhando textos, conhecimento e participando na construção do mesmo.

“A educação é sempre uma certa teoria do conhecimento posta em prática”
(FREIRE, 2003, p.40)

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi realizar uma análise de como os docentes da Escola Municipal João Germano Machado, no município de São Francisco do Sul - SC, atuam como professores regentes no ensino fundamental – anos finais. O instrumento de pesquisa se deu através de questionário e entrevista não estruturada, com a finalidade de perceber as concepções que os docentes têm de educação ambiental e temas correlacionados. As questões e a entrevista tiveram como base para elaboração os principais conceitos abordados no referencial teórico, os quais constituíram os eixos temáticos. Os conceitos principais abordados na pesquisa foram: relação ser humano natureza; concepção ou não dos espaços de preservação ambiental; trabalho como interação ser humano- natureza; concepções de interdisciplinaridade em relação à educação ambiental; concepção de educação no processo formativo; compreensão de Educação/Escola Inovadora X Escola Tradicional; e concepções de educação ambiental. A partir das respostas dos docentes foi realizada a análise junto aos eixos orientadores. As Unidades de Análise foram obtidas por meio da Análise de Conteúdo, método que analisa as falas obtidas nas respostas das entrevistas. Como resultado das análises foi demonstrada forte ligação dos conceitos e concepções conservadores, embora com sentido inovador, quanto a educação ambiental e as temáticas correlacionadas. Observou-se um discurso forte de uma educação ambiental fragmentada, legal e institucionalizada, que está ligada a resolução de problemas locais, que é tida como mera formalidade. Com isto as concepções de educação/escola inovadora, assim como a adoção de espaços diversos de aprendizagem, na prática, prendem-se ao mesmo conceito. A educação ambiental, as relações ser humano-natureza e as contradições ainda são consideradas um a parte, como se o sujeito não fizesse parte desse conjunto.

Palavras-chave: Educação ambiental. Relação Ser Humano-Natureza. Concepção do papel docente. Educação-Práticas Inovadoras-Aprendizagem significativa.

ABSTRACT

The objective of this work was to carry out an analysis of how the teachers of the João Germano Machado Municipal School, in the municipality of São Francisco do Sul -SC, acted as conducting teachers in elementary school - final years. The research instrument took place through a questionnaire and unstructured interview in order to understand the conceptions that teachers have of environmental education and related themes. The questions and the interview were based on the main concepts covered in the theoretical framework and which constituted the thematic axes. The main concepts covered in the research were: relationship between human being and nature; Conception or not of the spaces of environmental preservation, work as human-nature interaction, conceptions of interdisciplinary in relation to environmental education, conception of education in the formative process, understanding of Education / Innovative School X Traditional School and conceptions of environmental education. Given the responses of the teachers analyzing together with the guiding axes elaborated according to the theoretical references, the Analysis Units were obtained through Content Analysis, analyzing the speeches of the teachers in the interview responses and their characteristics through the standard of arguments. Because of the analyzes, there was a strong connection between concepts and concepts, although with an innovative sense, strong indications of conservatism regarding environmental education and related themes. A strong discourse in a fragmented, legal and institutionalized environmental education, but linked to the resolution of local problems, taken as a mere formality and with this the conceptions of innovative education / school, as well as the adoption of different learning spaces are linked to the same concept in practice. Environmental education, the relationship between human and nature, contradictions are still considered a part, as if the subject were not part of this set.

Keywords: Environmental education. Human Being-Nature Relationship. Conception of the teaching role. Education-Innovative Practices-Meaningful learning.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – ESCOLA MUNICIPAL JOÃO GERMANO MACHADO.....	45
FIGURA 2 – ASSEMBLEIA ESTUDANTIL.....	47
FIGURA 3 – SENSIBILIZAÇÃO E HUMANIZAÇÃO AMBIENTAL	49

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES E SEUS EIXOS ORIENTADORES.....	51
QUADRO 2 - UNIDADES DE ANÁLISE QUE MAIS SE DESTACARAM NO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES	53
QUADRO 3 - UNIDADES DE ANÁLISE	54
QUADRO 4 - CÓDIGO APLICADO AOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	55

LISTA DE ABREVIATURAS

ANA	- Agência Nacional de Águas
BNCC	- Base Nacional Comum Curricular
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEMEIS	- Centros de Educação Infantil e Pré-Escola
CF/88	- Constituição Federal de 1988
CNE	- Conselho Nacional de Educação
DS	- Desenvolvimento Sustentável
EJA	- Educação de Jovens e Adultos
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
PNEA	- Política Nacional de Educação Ambiental
UNIVILLE	- Universidade de Joinville

SUMÁRIO

1	CONHECENDO O AUTOR	14
2	APRESENTAÇÃO.....	16
3	USO DOS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA	19
3.1	A ESCOLA E SEUS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM.....	19
3.2	EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PRÁXIS SOCIAL	24
3.3	PAPEL DOCENTE FRENTE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA NOS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM.....	30
4	CONTEXTO DA PESQUISA	35
5	OBJETIVOS	39
6	METODOLOGIA.....	40
7	SUJEITOS DA PESQUISA	43
7.1	PÚBLICO ALVO DA PESQUISA	49
8	COLETA DE DADOS	51
8.1	EMERGÊNCIA DAS UNIDADES DE ANÁLISE.....	51
8.2	UNIDADES DE ANÁLISE REFERENTES AOS QUESTIONÁRIOS	53
9	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	56
9.1	EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIALOGA COM AS DEMANDAS SOCIAIS.....	56
9.2	CONSUMO CONSCIENTE E GESTÃO DA ÁGUA	59
9.3	RELAÇÃO SER HUMANO – NATUREZA	62
9.4	ESCOLA INOVADORA EM USO DOS ESPAÇOS ROMPE COM O CONCEITO DE ESCOLA TRADICIONAL	66
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
	REFERÊNCIAS	76
	APÊNDICE 1 – PRINCIPAIS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS DA ESCOLA MUNICIPAL JOÃO GERMANO MACHADO.	80
	APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES DA PROPOSTA INOVADORA DA ESCOLA MUNICIPAL JOÃO GERMANO MACHADO... 	97

1 CONHECENDO O AUTOR

Eu, Juliano Ferreira de Moraes, graduado em Ciências Biológicas pela FAFI/UNESPAR e especialista em Educação, tenho minha história de vida interligada às questões ambientais. Minha infância foi marcada por visitas constantes à área rural do município de União da Vitória – PR, no sítio dos meus avós paternos, onde pude ter contato direto com a natureza e com o meio quase intocado pelo ser humano. Ainda naquele tempo, quando no manejo, sempre procurei manter os princípios da preservação e respeito aos seres vivos, cultivando os princípios éticos nas relações com o campo. Estudei em escolas que mantinham preocupação com o meio ambiente e trabalhavam com projetos e programas de Educação Ambiental, os quais abordavam, na sua maioria, reciclagem ou cuidados com a água. Ainda jovem fiz a opção pelo magistério técnico, onde aprendi a valorizar os recursos sempre reaproveitando e reduzindo o consumo, prática que trago até os dias de hoje em minha vida profissional.

Ao ingressar como professor especialista da área, com as disciplinas de Ciências e Biologia, tenho o compromisso direto com a formação plena dos educandos, para que estes possam agir de forma crítica e consistente nas questões ambientais que a cada instante emergem, quer nas mídias, quer nas localidades onde estão inseridos, insistindo constantemente na premissa de que a massa popular deve participar nas decisões relacionadas ao uso dos recursos naturais.

Minha história profissional é marcada por diversas abordagens de cunho ambiental, desde a participação, elaboração e coordenação de cursos, oficinas, seminários e projetos relacionados à temática e fundamentados na Educação Ambiental. Em 2017, em nossa unidade escolar, estive a frente de um projeto intitulado: “Gestão e o sentimento de pertencimento quanto à Baía Babitonga”, relacionado diretamente à Educação Ambiental, pois tratava do desenvolvimento de práticas sustentáveis e condutas ecologicamente corretas, estimulando ações, diálogos e parcerias que visavam a preservação do ecossistema, da biodiversidade local, do manejo, das atividades pesqueiras e portuárias. O projeto lançava mão das Ciências Ambientais como fonte de pesquisa e novas propostas, desenvolvendo o sentimento de que o meio ambiente pertence a todos.

Atuo como professor de Ciências e Biologia e creio que minha contribuição vai além da educação formal e dos conhecimentos acadêmicos, pois busco entender as realidades vividas por cada um, compreender como podemos agir para modificar atitudes nocivas ao ambiente promovendo a sensibilização do educando. Tenho a minha prática voltada a sensibilização e humanização ambiental. Ao optar pelo curso de Mestrado Profissional no Ensino das Ciências Ambientais vi a possibilidade de uma troca de saberes com outras áreas, de um olhar interdisciplinar e transdisciplinar. Na configuração atual da educação, na maioria das vezes, a responsabilidade de discutir a Educação Ambiental recai sobre as disciplinas de Ciências, Biologia ou Geografia, no entanto, sempre defendo que a preocupação e a responsabilidade pelo cuidado com o meio ambiente devem ser de todos e de todas as áreas do conhecimento. A Educação Ambiental deve ser integrada a todas as áreas do saber, transpassando os conhecimentos acabados e finitos, pois é uma ciência dinâmica que poderá contribuir com o meu agir em sala de aula, transformando a minha realidade e oportunizando aos educandos a possibilidade de serem agentes transformadores sobre o meio em que estão inseridos.

2 APRESENTAÇÃO

A Educação Ambiental é uma temática cada vez mais presente no cotidiano escolar. Pode-se considerar que é uma demanda emergente diante de tantas problemáticas de cunho ambiental que se apresentam no mundo, fazendo-se necessária uma discussão mais aprofundada por parte dos profissionais de educação imersos no ambiente escolar formal. É necessário que os professores percebam que trabalhar temáticas ligadas ao meio ambiente, principalmente as voltadas à preservação e produção com menor impacto, é de extrema importância, pois sendo a Escola um espaço onde se possibilita a partilha do conhecimento, ela deve ter papel fundamental na formação de cidadãos proativos, que defendem o meio ambiente.

Com esta pesquisa pretendeu-se contribuir para a área de Educação Ambiental, trazendo discussões que permitissem uma reflexão-ação no grupo de professores de uma unidade escolar que utiliza seus vários ambientes - tais como jardim, horta, área verde, campo de futebol (campo com grama), vasta área verde ao redor da escola, braço de mar aos fundos, área de manguezal que forma a Baía Babitonga - para desenvolver atividades e fortalecer-se, mostrando que é possível a construção de uma Consciência ambiental crítica para além dos livros e das ordens da figura do professor, tornando os alunos críticos e atuantes na sociedade.

Para que isso ocorra de fato se fez necessário que os professores acreditassem e fizessem parte do modelo de Escola que se está desenhando, sem fugir da responsabilidade de ser a instituição do saber, da pesquisa e da autonomia. É preciso que estes professores vivam as práticas no cotidiano, agindo e interagindo sobre o ambiente em que estão, num modelo dinâmico de Escola, transpondo o modelo sem que conhecemos hoje como Escola formal, na qual tudo é disposto em salas bem divididas e os papéis são hierarquicamente divididos. Os professores são o foco do entendimento desta proposta, como eles vivem, como expressam suas ideias sobre Educação Ambiental e como seria a prática nos espaços formais e não. Pretendeu-se gerar uma Reflexão das práticas aplicadas e por meio delas possibilitar mudanças nas formas de agir, modificando o meio no qual todos estão inseridos.

A pesquisa foi de cunho qualitativo, pois segundo Prodanov e Freitas (2013) o ambiente constituiu-se diretamente como a fonte dos dados coletados. Reforça-se a indissociabilidade entre o sujeito, em sua subjetividade, e o mundo objetivo. Os dados foram coletados de forma descritiva, no intento de retratar a realidade estudada na riqueza de seus elementos. A coleta foi realizada por meio de entrevista por pauta, em que foram entrevistados professores da Escola Municipal João Germano Machado situada no bairro Iperóba, município de São Francisco do Sul – SC.

O leitor terá acesso nos pontos posteriores à forma e à maneira que se construiu a pesquisa, os autores e suas contribuições que dão solidez à temática pesquisada, assim como a metodologia adotada para coletar os dados e respectivamente a forma de análise. De posse dos resultados foi desenvolvido um documento intitulado **Principais Concepções Pedagógicas da Escola João Germano Machado**, que irá servir de apoio à Escola na revisão, análise e reconstrução de sua proposta pedagógica, pois a mesma tem como princípio educador a adoção de toda a sua estrutura com espaços de aprendizagem nas questões ligadas à Educação Ambiental, buscando possibilitar a criticidade e a transformação do professor e posteriormente da comunidade escolar.

No desenvolvimento desta pesquisa escolheu-se entrevistar os professores da referida Escola, pois, desde o ano de 2018, adotou-se uma forma diferenciada de trabalho, espelhada na Escola da Ponte em Portugal, onde não há ensino seriado, não há figura do professor como detentor do saber, lecionando de forma expositiva, retratando exercícios de repetição e avaliação exclusivamente numérica. Neste modelo os professores assumem a figura de tutores dos alunos em diferentes etapas de conhecimento e se busca o desenvolvimento da autonomia e iniciação à pesquisa. Este ambiente se torna fértil para coleta de dados, uma vez que buscamos compreender o pensamento dos docentes quanto à Educação Ambiental Crítica e o papel fundamental das Ciências Ambientais como aporte a transformação dos saberes no qual os professores acreditam estar trilhando nos espaços de aprendizagem. Sabe-se que a Educação Ambiental perpassa todas as áreas do conhecimento constando como tema transversal no currículo, o que nos leva ao questionamento do papel docente neste contexto.

Buscou-se com a pesquisa gerar um ambiente de indagação e reflexão sobre o papel do docente frente às problemáticas ambientais que surgem, pois um professor que reflete sobre si e sobre seu trabalho é capaz de modificar a si mesmo. É necessário que mudanças ocorram no pensamento humano, na percepção de si e de mundo para transformá-lo, buscando uma forma sustentável de coexistir.

3 USO DOS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA

É preciso repensar sobre o modelo histórico da escola e da educação brasileira, assim como sobre as transformações que acompanham as relações sociais em que a mesma está inserida. A educação brasileira, embora tenha avançado muito, ainda carrega muito de um sistema de educação tradicional, apresentando certa dificuldade em romper com esse paradigma. Esta organização, quer seja estrutural ou funcional, se apresenta da mesma maneira desde o século passado, ignorando que os discentes de hoje tem acesso à diversos aparatos tecnológicos, ambientes e espaços que podem ser aliados ao desenvolvimento da aprendizagem. Nesse contexto, entendemos que a Educação Ambiental contribui para demonstrar que nos espaços onde se tem contato com a Natureza também se produz aprendizagem.

Sob a reflexão proposta por Arroyo (2004), podemos entrar no mérito da discussão e reflexão sobre o direito da universalização da consciência, que caminhou lado a lado com o direito ao acesso à Educação. O modelo de ensino aprendizagem mais formal, em teoria, teria que dar conta da demanda tanto das questões estruturais, quanto das questões ligadas às relações sociais e de aprendizagem. Esta premissa nos leva a um questionamento: a Escola, da forma como está estruturada hoje, atende ao objetivo para o qual foi criada, que é a aprendizagem? Neste estudo pretendeu-se demonstrar que a Educação Ambiental pode trazer indícios de que os outros espaços, que não somente as salas de aula, podem contribuir com a aprendizagem significativa.

3.1 A ESCOLA E SEUS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM

Para compreender a Escola e como ela está organizada hoje se faz necessário um mergulho na história da Educação. Passamos por correntes diferentes de acordo com as épocas da história, porém é interessante destacar as que nos remetem às Escolas que tiveram suas marcas no modelo burguês e posteriormente no modelo dos padres jesuítas. Conforme comentam Bueno e Pereira (2013, p.353):

A escola atual é fruto da criação burguesa do século XVI onde tinha por objetivo além de instruir, educar. No século XVII trabalha para disciplinar, educa para a moral, trabalha vigilância constante e submete a criança aos castigos corporais. Entende que a humanidade traz consigo uma natureza má, portanto a criança deve aprender a obediência e regras de conduta para que assim possam ser controlados os seus impulsos naturais.

Entendendo essa questão, podemos aferir que a Escola era vista como um local de instrução, onde os alunos eram nulos de conhecimento. Cabia à escola, além dos conhecimentos científicos, educar os alunos, que na época, se resumia a imposição pela força e à violência simbólica, na qual o objetivo era que as crianças ao final do processo fossem capazes de se integrar às regras sociais que lhes eram impostas, ignorando qualquer interferência por parte dos saberes do aluno e de suas vivências.

Segundo Saviani (2007) a escola existe para que se tenha acesso aos saberes científicos, assim como aos processos de desenvolvimento do saber. O fazer da escola é planejado segundo estes saberes. O currículo escolar, chamado currículo formal ou erudito, é sistematizado a partir da organização destas atividades e saberes oriundos da bagagem cultural. Para estar incluso nesta escola dita erudita é preciso dominar a leitura e a escrita, é por meio delas que ocorre a aquisição do saber e a aprendizagem da linguagem matemática, da natureza e social.

A Escola é o espaço que possibilita a troca de saberes, sendo um espaço de partilha e compartilhamento de conhecimento e cultura. Porém, é perceptível que se valoriza muito o conhecimento formal escrito, desprezando o conhecimento que o indivíduo possui através de suas relações com o meio.

Há necessidade de mudança neste cenário, pois as relações sociais com os saberes da natureza e outras áreas do conhecimento são extremamente importantes. Freire (2007) contribui com este pensamento afirmando que a educação permite que o educando se reconheça como sujeito e seja construído como pessoa capaz de promover transformações no planeta, de estabelecer relações sociais com o outro, de ser agente ativo em sua história e cultura, para isso deve ser construída uma educação que não venha subjugar e nem domesticar ninguém, mas que seja libertadora. É essa a Escola pautada nos espaços de aprendizagem diversos, onde tudo e todos estão imersos num ambiente de

aprendizagem, onde todos colaboram com a sua aprendizagem e com a do outro e o meio natural também se apresenta como mediador de conhecimento, pois no contexto da pesquisa apresenta valor significativo de aprendizagem, tendo em vista que foi abordado como fonte de conhecimentos a serem adquiridos e dialogados entre si.

Nessa perspectiva, buscamos por uma Escola que use de seus espaços diversos, para além de ambientes fechados, que faça uso de locais em contato com a natureza, onde professores e alunos se sintam em sintonia e conexão com a natureza e que estes ambientes possam ensinar e promover aprendizagem a todos os envolvidos, sensibilizando-os para conviver em harmonia e fazendo com que o indivíduo passe a atuar como agente transformador na busca pela sustentabilidade. Isso só será possível numa Escola que esteja aberta ao novo, ao diferente, que se desconstrua em sua gênese e se reformule, não em sua estrutura material, mas humana. É preciso que o corpo docente modifique sua estrutura de pensamento para podermos atingir as modificações ambientais necessárias para um ambiente mais saudável. É necessário que eles se sintam parte da natureza e que todos se conectem entre si, com seus educandos e com a natureza, e que se deixem guiar, como nos aponta Freire (1991), por uma escola democrática, onde se abandone a forma autoritária e sisuda em que o professor se empodera enquanto se veste daquele que ensina, mas que essa escola seja movida pelas perguntas, pelo questionamento, pois entendemos que o questionamento gera o movimento e dá vida e dinamismo à escola, e que no processo de ensino possa ser ensinado a pensar o correto sempre.

Notoriamente a Escola sofreu modificações em suas relações sociais e tem entrado em crise com seu foco, que é o ensinar e o aprender, pois quando ainda necessita recorrer à força e à violência, mesmo que simbólica, distancia seus agentes do aprender de forma prazerosa. Neste contexto urge a ideia de educação inovadora, com o intuito de romper com essa imagem de instituição escolar autoritária falida, preocupada com os excessos de conteúdos programáticos sem perceber a individualidade de cada um que ali está. Para colaborar Abramovay e colaboradores (2004, p. 36) dizem que:

As instituições escolares podem ser percebidas como modelos dos pressupostos básicos que determinado grupo desenvolve no processo de aprendizagem para lidar com os problemas de adaptação externa e de integração interna. Uma vez que os pressupostos funcionem suficientemente bem para serem considerados válidos, são ensinados aos demais integrantes como a maneira correta para lidar com aqueles problemas. Dentro desta perspectiva, a inovação aparece como uma experiência capaz de reordenar/mediar/negociar as interações tanto externas quanto internas, não apenas do ponto de vista das ações que gera, mas dos valores que transmite.

Abramovay e colaboradores (2004) também nos alertam para o cuidado em não comparar a Escola e a educação inovadora, pois aí se estabelece um mecanismo de avaliação e de campo de rivalidade, o que subjuga que outros modelos não são adequados e que o que se desenvolveu até então não era válido. O autor chama a atenção para a necessidade de a Escola estar constantemente se reinventando, sendo que muitas vezes modelos mais simples respondem positivamente para determinados grupos. Seus apontamentos criticam a forma como a Escola se organiza, revestida em sua autoridade autoritária, que por consequência afeta a comunidade escolar como um todo, defende que é necessário refletir sobre o que define o clima escolar. Trata ainda a INOVAÇÃO com cautela e procura denomina-la como experiências bem-sucedidas. Explicado assim:

A inovação, neste caso, pode ser pensada como um instrumento de recuperação da auto-estima institucional, de devolução de legitimidade e autoridade à instituição, enquanto portadora de certos modelos culturais. Recuperar a legitimidade significa restabelecer a confiança, o diálogo e o comprometimento dos diferentes integrantes com o projeto institucional, com os objetivos de curto e longo prazo da escola. (ABRAMOVAY et al., 2004, p. 35).

No debate baseado em Guarda e Oliveira (2007) e Alves (2003) encontramos como uma das escolas precursoras em inovação, na qual espelha-se a Escola objeto desta pesquisa, a Escola da Ponte localizada na Vila das Aves no Distrito do Porto, distante cerca de 30 quilômetros da cidade de Porto em Portugal. Esta escola atende alunos de faixas etárias entre cinco e dezessete anos, em sua maioria, seu público é de pessoas marginalizadas e excluídas pela sociedade. A aprendizagem se dá por dois ciclos, ocorre que até meados da década de 70 esta escola contava com o método escolar tradicional em formato até a 4ª série, onde tem o professor como o centro e os alunos, em uma posição de passividade,

seguiram regras, normas e roteiros iguais, ou seja as crianças não eram reconhecidas culturalmente, eram desprezadas em seus conhecimentos e suas individualidades. Posteriormente, a Escola da Ponte assumiu outra postura, invertendo sua forma de pensar e agir no contexto educacional em que viviam. O foco pedagógico da escola passou a ser centrado no aluno e na sua individualidade. Para isso foi desenvolvido um projeto pedagógico eclético, afim de atender um público heterogêneo. O critério para ser docente na Escola era sentir-se incomodado com o formato de ensino vigente, com atitude proativa, que incitasse os estudantes ao questionamento. Nesse modelo, o estudante é o pesquisador, e o professor tem o papel de orientador e de tutor, os professores se misturam aos alunos e o conhecimento, o ensinar e o aprender se movimentam numa perspectiva dialógica.

A Escola, objeto desta pesquisa, tem ainda como uma das escolas espelho e fonte de inspiração, a Escola Municipal Desembargador Amorim Lima, situada na Vila Gomes na cidade de São Paulo – SP, que também se inspirou na Escola da Ponte, mas que se reinventou aqui no Brasil. Esta escola traz marcas interessantes a serem analisadas e que servem como aprendizagem à todas as Escolas que ousarem seguir o caminho de experiências positivas que aproveitaram seus espaços como propulsores de aprendizagens. Dentre as características destacamos a ruptura com a metodologia tradicional, transformando a prática docente em colaborativa, compartilhada e solidária. Não há mais turma específica, nem salas fechadas. Se busca a transversalidade curricular sem se perder a especificidade de cada área do conhecimento. O foco de exposição dos conteúdos muda para a pesquisa e orientação aos Roteiros Temáticos, na qual professores e estudantes estão imersos num ambiente de pesquisa e interação. É importante uma atenção especial à formação continuada de qualidade aos professores que se propõe a esse modelo.

Este modelo colabora com a formação cidadã de todos os envolvidos, como nos remete Libâneo (2004) ao afirmar que as decisões devem ser tomadas de forma coletiva onde todos participem, em um ambiente democrático. Nesse viés, pode ser observado que a Escola da Ponte e a Escola Municipal Desembargador Amorim Lima trabalham buscando o desenvolvimento de ambientes que proporcionem, por meio das relações sociais, caminhos para a emancipação humana e para a educação libertadora.

A Escola Municipal João Germano Machado, nosso lócus de pesquisa, mais precisamente seu corpo docente, proporciona aos alunos a Educação Ambiental e os faz refletir e atuar sobre o meio. Os professores atuantes nesta Escola, objeto de nossa pesquisa, assumem uma postura desafiadora, pois a Escola vem buscando romper com o tradicional e se abrir para as novas possibilidades, na qual o professor passa a ser o colaborador e pesquisador junto com seus alunos e todos tornam-se sujeitos da aprendizagem. Podemos destacar que:

O saber ambiental, mais do que uma hermenêutica do esquecimento, mais do que um método de conhecimento do consabido, é uma inquietude do nunca sabido, que falta saber sobre o real, conhecimento que emerge do que ainda não é. Assim, o saber ambiental constrói novas realidades. (LEFF, 2009, p. 18).

As escolas mencionadas estão imersas em modelos diferenciados de ensino e aprendizagem e destacam-se em seus diferenciais comparado ao que se tem como conceito de escola formal, estão sempre na busca por experiências positivas na educação, assim como no processo de aprendizagem. Todas foram modeladas conforme suas demandas, passaram por reconstrução, as mais maduras, como as Escolas da Ponte e a Amorim Lima, servem hoje como inspiração à Escola João Germano Machado e a tantas outras que venham a ousar repensar seu modelo. Nessa perspectiva a Educação Ambiental ganha espaço, pois ela se constrói a partir das problemáticas e da inquietude gerada pelas relações sociais, o que por conseguinte se torna campo para o desenvolvimento da criticidade.

3.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PRÁXIS SOCIAL

A educação em si é uma prática social, uma vez que estabelece canal de comunicação entre os indivíduos e nesse campo se criam possibilidades de intervenções, regras e modificações das estruturas sociais. Neste sentido podemos destacar as ideias de Loureiro e Tozoni-Reis (2016, p 72):

A natureza devindo na história, por meio do ato da produção da sociedade (em toda a sua complexidade), é a própria natureza humana, que se constitui na dinâmica da natureza enquanto pressuposto da atividade humana. Assim, para o materialismo histórico-dialético não existem duas essências: a humana e a natural, mas sim a dialética natureza histórica-história natural, a unidade da natureza que está para além de nós e a partir da qual nos afirmamos como ser humano e nos tornamos distintos.

Para Carvalho (2004) a educação ambiental como espaço de construção social está longe de ser neutra e pacífica, pois está em constante movimento, conflito e ressignificação, visto que ocorre com diferentes atores e é uma disputa de forças e sentidos nas ações educativas. Por mais que se argumente, segundo ela, há dificuldade em chegar a um denominador comum sobre a Educação Ambiental, pois ela é construída sob as relações sociais e históricas dos indivíduos na contemporaneidade.

A autora relata ainda sobre a relação entre o pensar crítico e sua forma evolutiva no país, rompendo com todo o tradicionalismo dentro da educação e seus resquícios. Segundo ela é importante esse evoluir para posteriormente entender o papel da Educação Ambiental Crítica, pois ela está associada à emancipação do sujeito. Conforme cita Carvalho (2004, p 18):

A educação crítica tem suas raízes nos ideais democráticos e emancipatórios do pensamento crítico aplicado à educação. No Brasil, estes ideais foram constitutivos da educação popular que rompe com uma visão de educação tecnicista, difusora e repassadora de conhecimentos, convocando a educação a assumir a mediação na construção social de conhecimentos implicados na vida dos sujeitos. Paulo Freire, uma das referências fundadoras do pensamento crítico na educação brasileira insiste, em toda sua obra, na defesa da educação como formação de sujeitos sociais emancipados, isto é, autores de sua própria história. As metodologias de alfabetização baseadas em temas e palavras geradoras, por exemplo, buscam religar o conhecimento do mundo à vida dos educandos para torná-los leitores críticos do seu mundo.

No campo das relações sociais, dos indivíduos entre si e com a natureza, no uso e manejo dos recursos naturais, é preciso romper urgentemente com o modo de produção baseado no modelo capitalista predador, que impõe à sociedade sua forma de produção e de consumo, modelo que estimula o volátil mantendo um ciclo vicioso. É preciso entender que o ser humano é natureza, que ela não está disponível somente para seu uso exclusivo e que seus recursos são esgotáveis e não subsistirão a esse modelo. Loureiro e Tozoni-Reis (2016, p. 71) relata:

Ao refutar toda forma de pensamento que dissocia sociedade e natureza, indivíduo e sociedade, e que fragmenta o real em seu movimento contraditório, por entende-las como formas constitutivas das relações alienadas capitalistas, busca superar o idealismo e o objetivismo, a “naturalização” do que é socialmente produzido e a essencialização do ser humano. Para tanto, sustenta um modo de pensar que se define na práxis social, que apreenda o movimento do real em sua complexidade e enquanto totalidade. Afinal, uma prática revolucionária exige uma teoria revolucionária, que qualifique a ação transformadora para além do exercício crítico de questionar racionalmente algo posto como problema.

Trein (2012) colabora com nossas discussões e traz uma leitura crítica sobre a realidade, de que as relações sociais se dão de forma mercantil e isso muitas vezes tem se tornado imperante na organização social, fazendo com que as relações alienem seus agentes. Ao inserir nesse contexto a Educação Ambiental são expressas as relações num todo, quer seja político, social, cultural e da educação. Deve ser observado que na relação dos seres humanos com a Natureza há mediação com o trabalho, cabendo aí um compromisso na construção do pensamento crítico, onde o indivíduo perceba o conhecimento como produção social, que não há separação entre sua ideologia de classe. Souza (2010) colabora nessa discussão afirmando que todos são sujeitos e formam categorias históricas, são individualizados de acordo com suas práticas sociais e sua cultura, o que os une são as relações com o trabalho e o sentimento de pertencimento em oposição a classe opressora.

Ainda nesse viés, ao se pensar uma educação ambiental crítica que responda aos problemas de ordem ambiental e que contribua com o desenvolvimento sustentável destaca-se:

No que se refere a educação para com vistas a implementação de um DS, consideramo-la como um processo que deve contemplar os valores, a cultura, a história dos sujeitos envolvidos. Não se podem ignorar estas condições ao se promover uma EDS sendo que o ato de educar se insere num contexto social em que há diferentes grupos sociais com diferentes e muitas vezes antagônicos interesses. (NOGUEIRA, 2018, p. 6).

Para uma melhor compreensão Nogueira (2018) aponta o desenvolvimento sustentável (DS) como termo ligado ao uso dos recursos naturais sem comprometer as futuras gerações, comenta ainda que após a RIO 92 as ações educativas ficam a cargo da UNESCO nos princípios da educação para o desenvolvimento sustentável. Diante dos compromissos assumidos pelas nações e redistribuídos entre os

indivíduos, as ações sustentáveis, ainda assim, seguem um padrão mercantil. Não podemos afastar do ser humano o agir sobre a natureza e o existir, uma vez que todas as nossas ações sobre a natureza geram algum impacto, mesmo que pequeno, produzindo efeito sobre ela, e dela sobre o ser humano. Conforme Loureiro e Tozoni-Reis (2016, p. 72):

O ser humano para existir precisa continuamente produzir seus meios de vida. Isso impõe a transformação da natureza na satisfação de necessidades materiais e simbólicas, biológicas e socialmente estabelecidas ao longo da história. Esse processo de transformação da natureza, denominado de trabalho, não só determina dialeticamente o modo como satisfazemos necessidades como o nosso próprio modo de existir como indivíduos em sociedade. Nesse movimento ontológico, o ser natural se constitui também como ser social.

A Educação Ambiental pode ser vista como um ato político, portanto se faz necessário refletir um pouco sobre os conceitos apresentados conforme os autores acima a descrevem que ora se concebem sobre ela e sobre sua história de luta, visto que há luta por interesses.

No entendimento de Leff (2009) os saberes ambientais nos aproximam da sensibilidade humana, para que assim a educação ambiental possa contribuir na construção das políticas públicas com vista nas transformações ambientais desejadas. Conforme cita:

A educação ambiental emerge e se funda em um novo saber que ultrapassa o conhecimento objetivo das ciências. A racionalidade da modernidade pretende pôr à prova a realidade, colocando-a fora do mundo que percebemos com os sentidos e de um saber gerado na forja do mundo da vida. O saber ambiental integra o conhecimento racional e o conhecimento sensível, os saberes e os sabores da vida. (LEFF, 2009 p. 18).

No Brasil há uma certa preocupação legal com as questões ambientais, uma vez que traz uma preocupação com o meio ambiente, uma vez que é considerado bem comum a todos, assim como acarreta responsabilidades quanto ao cuidado com o meio. De uma maneira generalista por parte do legislador, há uma preocupação com o Meio Ambiente em um marco dentro da nossa Constituição Federal de 1988 (CF/88) em seu artigo 225:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. (BRASIL, 1988, não p.).

No que se refere à educação ambiental vamos mais além, no inciso primeiro, parágrafo quinto do mesmo artigo da CF/88 que aborda a educação: “V - Promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente;” (BRASIL, 1988, não p.).

A educação Ambiental sempre esteve intrínseca e foi objeto de luta e discussões de outras épocas, das quais cita-se a Política Nacional de Meio Ambiente em 1981, que trazia como preocupação a presença da educação ambiental em todos os níveis de educação e a preparação do cidadão para ser ativo em defesa do meio ambiente. Posteriormente nossa Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 assegura que o cidadão deve ter compreensão do ambiente natural e social. A Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, regulamentada pelo Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002 institui a Educação Ambiental e a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA).

Segundo a Lei nº 9.795/1999, em seu Artigo 1º, podemos definir Educação Ambiental da seguinte forma:

Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (BRASIL, 1999, não p.).

Uma modificação interessante pela qual passou a compreensão da educação ambiental, após o parecer aprovado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) CNE/CP nº 8, de 6 de março de 2012, foi que a Educação Ambiental foi incluída na Educação para os Direitos Humanos, sendo assim cabe o cuidado e o zelo pelos ambientes quer local, regional ou global, e que a Educação Ambiental constitui um campo estrutural de práticas e construção de políticas, no qual seus atores sejam comprometidos e capazes de transformar. Este é o papel emancipador da Educação Ambiental que se torna urgente e necessário diante de tantos descalabros socioambientais que vem ocorrendo a nível nacional e mundial e tão evidentes nas relações sociais.

Diante do exposto, conforme nos aponta Leff (2009), a Educação deve preparar as gerações não somente para dar respostas aos imprevistos, mas para que tenham compreensão das complexas relações e inter-relações objetivas e subjetivas ligadas ao seu cotidiano e para que possam inovar em suas respostas aprimorando ou gerando novas habilidades. Diante disso é preciso que a educação assuma um papel central na transformação social, que seja uma nova razão, não de uma cultura alienada e de desesperança, mas que possibilite uma reorganização e uma reapropriação de mundo e do conviver com o outro, para assim compreender a complexidade das relações.

Sobretudo as Macrotendências Conservacionista, Pragmática e Crítica narradas por Layrargues (2012) merece destaque a Macrotendência Crítica e suas características conforme segue:

É a única das três macrotendências que declara explicitamente o pertencimento a uma filiação político-pedagógica. É importante frisar esse aspecto, porque esse pode ser um sintoma de que a posição na relação de poder dentro do Campo Social ocupada pela macrotendência Crítica seja mesmo de contra-hegemonia, pois via de regra, sempre se demarca a diferença a partir da lógica do descontentamento em oposição ao poder dominante. Construída em oposição às vertentes conservadoras no início dos anos 90, é resultado da insatisfação com o predomínio de práticas educativas sempre pautadas por intencionalidades pedagógicas reducionistas, que investiam apenas em crianças nas escolas, em ações individuais e comportamentais no âmbito doméstico e privado, de forma a-histórica, apolítica, conteudística, instrumental e normativa. Se nutre do pensamento Freireano, Educação Popular, Teoria Crítica, Marxismo e Ecologia Política. (LAYRARGUES, 2012, p. 393-394).

É importante observar nas ideias de Layrargues (2012) que essa macrotendência Crítica declara seu posicionamento frente ao poder, se opondo ao dominante. Ela se constrói a partir, exatamente, do descontentamento do que estava vigente que era descontextualizado e conteudista, voltando-se para um viés político e para a participação, controle social e cidadania, além da política ambiental. Ela compreende que os problemas ambientais estão associados aos conflitos sociais, precisando ser debatido como são compreendidos os mecanismos de reprodução social e de que forma se dá a relação ser humano-natureza, se socioculturais, históricas ou construídas. A abordagem pedagógica deve ser contextualizada e problematizar as contradições do atual modelo de desenvolvimento e do acúmulo de capital. Deve atuar na luta contra o autoritarismo, opressão, exploração, e deve

possibilitar e enriquecer o debate das diversas questões ambientais, para promover a sustentabilidade e buscar o enfrentamento político, com a finalidade de superar as desigualdades e as injustiças no campo ambiental, sendo essa tendência a mais radical e que rompe com os modelos anteriores mantendo uma linha crítica anticapitalista no ideal de um projeto de sociedade alternativa.

3.3 PAPEL DOCENTE FRENTE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA NOS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM

Entendendo a educação como prática política de interação social, na qual se faz necessária a participação e o envolvimento dos cidadãos para que de fato existam transformações nas questões ambientais e sociais, é essencial estabelecermos alguns entendimentos conforme seguem:

A questão ambiental e a educação são eminentemente políticas e implicam em construir pela participação radical dos sujeitos na vida social e pela permanente problematização da realidade, ações necessárias à ação transformadora da sociedade. Trata-se de uma ontologia político-educativa que parte da certeza de que vivemos numa sociedade excludente e desigual, resultado dos caminhos históricos que fizemos ao estabelecermos as relações sociedade-natureza. (COSTA; LOUREIRO, 2017, p. 113).

Segundo Lima (2004) é muito comum entre educadores uma abordagem priorizada nas esferas de consumo, na qual são enfatizadas questões de consumo como resíduos sólidos, otimização e economia de energia. A escolha priorizada pelos educadores em trabalhar questões ambientais ligadas ao consumo demonstra que não há um aprofundamento nas discussões das raízes dos problemas, não se discute o processo de produção e nem há participação nas decisões dessa cultura de produção que vem a contribuir com o consumismo e lança sobre o trabalho pedagógico possíveis ações isoladas e descontextualizadas sobre o problema. As mudanças se fazem necessárias no pensar sobre a produção e o consumo, sem elas dificilmente as ações terão êxito. Nessa perspectiva, é preciso romper com o que está posto de que a educação ambiental vem para amenizar, e que o papel docente, nesse contexto, vem dar uma resposta amena aos problemas ambientais que se apresentam, diminuindo a culpa coletiva. Sendo assim, cria-se um ciclo vicioso de consumo, onde acredita-se que ações e programas simplistas de ação-

resposta rápida seriam o suficientes para as demandas de ordem social e ambiental que se apresentam na atualidade.

No que tange ao papel da educação, e mais precisamente do professor, é preciso estar atento a quem está possibilitando reflexões e conhecimentos que possam gerar transformações que venham a ultrajar este modelo selvagem de produção e consumo. Nesse intento Loureiro e Tozoni-Reis (2016, p. 76) contribui:

Então, se o processo de formação humana plena não se realiza sob o modo capitalista de produção, busquemos sua superação: a transformação do próprio modo de produção. Nesse sentido, não podemos afirmar que é pela educação que se realiza – ou realizará – esta transformação, mas podemos afirmar – e acreditar – que é a educação tem, nesta perspectiva, uma tarefa histórica e social e cumprir: instrumentalizar os sujeitos. Instrumentalizar a pessoa humana para que ela supere a condição de alienação e busque, em sua prática social, a transformação daquilo que a define alienada: o modo capitalista de produção.

Layrargues (2012) e Carvalho (1995) alertam para os problemas que abordagens individuais e comportamentais expressam quanto à questões socioambientais e suas respectivas respostas decorridas de forma errônea quanto a dinâmica ecossistêmica, o que gera busca por respostas morais da Ecologia em resposta à crises vindas dessas atitudes, que acabam por contribuir em atitudes isoladas que geram maior degradação.

Contrapondo esse pensamento há o destaque:

Diferenças de sentidos, significados e proposições precisam ser percebidas e aprofundadas na análise dos educadores ambientais, já que propostas vêm sendo aceitas quase que consensualmente, sem grandes críticas. Deparamo-nos com um posicionamento que vem sendo apresentado de forma consensual na sociedade, o de que uma das principais funções do trabalho com o tema Meio Ambiente, entre outros, é o de contribuir para a formação de cidadãos conscientes ambientalmente. (GUIMARÃES, 2016, p.19).

Consideremos aqui que o foco é justamente contrapor a ideia de escola tradicional e seus métodos jesuítcos de ensino que predominam e que ainda tem seus resquícios na educação brasileira, e que também imperam sobre a Educação Ambiental quando sobre ela quer impor conteúdos vazios e descontextualizados, onde o professor é o dono do saber e o centro de tudo e os alunos meros receptores de informação que devem responder mecanicamente. Sendo assim vale ressaltar:

A concepção bancária de educação nega o diálogo, à medida que na prática pedagógica prevalecem poucas palavras, já que “o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados” (FREIRE, 2005, p. 68).

É preciso que o docente tenha em mente que em uma Escola que busca uma educação inovadora, o pensar e o agir devem ser exatamente o contrário nos espaços de aprendizagem, pois deve-se acreditar na capacidade de cada educando e na superação de cada um. Nestes espaços a educação ambiental deve ser feita todos os dias, em todos os ambientes e de forma viva e dinâmica, entrelaçada a todos os saberes, entendendo o saber como uno e não como divisível. Conforme Costa e Loureiro (2017, p. 112) “Dizer não ao fatalismo e às posturas sectárias já é comprometer-se com uma nova forma de pensar a educação e agir enquanto sujeitos, pois Freire entende o ser humano como ser histórico-social”.

Segundo Lima (2004) é necessário a integração no sentido de superar a visão reducionista ao tratar das questões ambientais, introduzindo um sentido de complexidade, resgatando a interdependência e a interdisciplinaridade que é inerente à vida e rompe com a interpretação única e reduzida. É nesse caminho e nesse intento que a Educação Ambiental emancipatória busca que todos participem, sejam atores transformadores de seus ambientes e de suas vidas, que tenham consciência de seu papel no mundo, de seus direitos e de seu potencial para as relações consigo, com o outro e com a sociedade. Contudo, há de se entender que a Escola possui uma autonomia relativa, pois é condicionada a um sistema maior, que por sua vez é controlado pelo estado. Porém, mesmo assim tem papel fundamental de sensibilizar, despertar consciência, humanizar e se relacionar com o meio.

Educação Ambiental tem diversas concepções, mas é interessante verificar o que relata Guimarães (2016, p. 16):

A Educação Ambiental é uma das dimensões do processo educacional, no entanto, podemos ter diferentes projetos educacionais que refletem e são reflexos de diferentes “visões sociais de mundo”, em um espectro que alcança das visões mais conservadoras as mais críticas. O caráter conservador compreende práticas que mantêm o atual modelo de sociedade; enquanto crítico, o que aponta a dominação do Ser Humano e da Natureza, revelando as relações de poder na sociedade, em um processo de politização das ações humanas voltadas para as transformações da sociedade em direção ao equilíbrio socioambiental.

Corroborando com Guimarães entendemos que o papel da escola não é de simples repassadora de matéria e de conteúdos vindos dos livros ou de outros materiais didáticos, assim como entendemos que a função do professor frente à formação do aluno segue no sentido de auxiliá-lo a perceber o mundo e atribuir a ele significado em um contexto social e cultural onde todos estão imersos, aluno e professor, ambos interagindo com o meio. Para colaborar nas discussões Libâneo (2001, p. 40-41) nos afirma:

A escola hoje não pode limitar-se a passar informação sobre as matérias, a transmitir o conhecimento do livro didático. Ela é uma síntese entre a cultura experienciada que acontece na cidade, na rua, nas praças, nos pontos de encontro, nos meios de comunicação, na família, no trabalho etc., e a cultura formal que é o domínio dos conhecimentos, das habilidades de pensamento. Nela, os alunos aprendem a atribuir significados às mensagens e informações recebidas de fora, dos meios de comunicação, da vida cotidiana. Das formas de educação proporcionada pela cidade, pela comunidade. O professor tem aí seu lugar, com o papel insubstituível de provimento das condições cognitivas e afetivas que ajudarão o aluno a atribuir significados às mensagens e informações recebidas das mídias, das multimídias e formas diversas de intervenção educativa urbana. O valor da aprendizagem escolar, com a ajuda pedagógica do professor, está justamente na sua capacidade de introduzir os alunos nos significados da cultura e da ciência por meios de mediações cognitivas e interacionais. (LIBÂNEO, 2001, p. 40-41).

Nesse contexto é defendido por Loureiro (2006) o reconhecimento do modelo freireano, que possibilita o entendimento da educação para o enfrentamento e para a superação frente a todas as formas opressoras de controle e poder autoritário, advindo de um pensamento mais progressista. Uma das defesas de Freire, que conquista os educadores, é o amor pela vida e sua simpatia pela educação ambiental, campo fértil que ganhou muito espaço entre os educadores ambientais. O Conceito de educação defendido por Freire se torna uma matriz forte para educadores de educação ambiental crítica e emancipatória.

Guimarães (2016) alerta para o que ele nomeia de armadilha paradigmática, na qual ele chama atenção para a compreensão limitada e para a incapacidade de discurso, onde o educador pode apresentar seu ponto de vista de forma simplista, reduzida ou fragmentada de determinado problema ambiental. Esta prática pode criar embaraços discursivos e acabar afastando uma visão crítica e complexa da realidade, o que resulta em práticas pedagógicas frágeis de educação ambiental, estimulando a manutenção do ciclo e das concepções tradicionais. Com isso

permanece o ambiente de alienação ideológica e mantém-se a hegemonia, assim as técnicas de superação deste modelo se mostram de baixa eficiência. Somente é possível romper com essa armadilha com uma prática pedagógica de reflexão crítica e participação dos docentes e dos educandos, unindo a teoria e a prática de forma indissociável, emoção e razão, reflexão e ação, individual e coletivo, estimulando projetos que vivenciem a criticidade e consciência aliados a situações problemas estimulando o exercício da cidadania.

Para Freire (2005) o educador deve ser problematizador, precisa compreender que seus alunos não são meros receptores de conteúdo, são recipientes onde se deposita algo. É preciso entender o papel do diálogo entre o professor e o aluno na educação libertadora, pois os alunos passam a ser investigadores, passam a querer saber, são ativos, críticos e reflexivos. A Educação Libertadora é diferente da Educação Domesticadora, pois a segunda não aceita que o ser humano seja livre e solto, em contraponto com a missão da primeira que é humanizar o ser humano, fazendo com que este perceba a contradição em que a educação bancária os submete e pode encorajá-los a luta.

Considerando a busca da ação docente nesse contexto, nos espaços de aprendizagem: “Se queremos um aluno crítico reflexivo, é preciso um professor crítico reflexivo”. (LIBÂNEO, 2006, p. 76).

4 CONTEXTO DA PESQUISA

A rede Municipal de Ensino de São Francisco do Sul abrange 15 escolas - todas com anos iniciais e algumas com anos finais do ensino fundamental - 18 Centros de Educação Infantil e Pré-Escola (CEMEIS) e conta também com escolas multi-seriadas e com Educação de Jovens e Adultos (EJA) em forma de supletivo. A arquitetura e os espaços físicos de todas as escolas do município seguem um padrão formal, o que uniformiza em termos de logística as salas de aula, os espaços comuns, como sala informatizada, a biblioteca, a quadra poliesportiva, o refeitório (quando os tem). Contudo, mesmo com a padronização, muitas escolas sofrem com a questão de espaço e insuficiência de estrutura física, além de mobília precária e muitas vezes insuficiente a demanda.

Estruturalmente a escola é construída de forma que a liberdade e movimento dos seus habitantes são monitorados desde a sua concepção, pois olha-se para ela entendendo seus espaços estáticos e sem movimento. Esta prática é histórica e vem ocorrendo da mesma forma há anos, sendo que qualquer força em reorganizar estes espaços é visto por muitos educadores e até pela sociedade como uma afronta a ordem social e a disciplina. Embora existam fortes movimentos contrários a essas práticas, ainda persistem resquícios de uma educação tradicional, onde o professor é o centro do poder e do saber e o aluno é mero receptor, esses são atos intrínsecos de uma educação puramente bancária que contrapõe as ideias de Freire (2005).

É fato que tal logística impossibilita muitos educadores de desafiar o sistema e a lógica das unidades escolares, enrijecida nestes moldes e duramente resistente às mudanças por parte de seus gestores, educadores e até por parte da comunidade escolar. Isso gera um preconceito com os educadores que se utilizam de outros ambientes, que não a sala de aula, para aplicarem seus planos de ensino e suas aulas, sendo estes taxados de desordeiros e acusados de promoverem a indisciplina na unidade escolar. Além disso, estas aulas diferenciadas são associadas a passeios ou recreação, ponto de vista que nos desperta sincero interesse, pois temos a intenção de demonstrar que todos os ambientes, quer no interior dos muros da escola, quer fora deles, quaisquer ambientes proporcionam aprendizagem e que a mesma se dá de forma dinâmica e não estática.

Dentre as Escolas da Rede Municipal de Ensino do Município de São Francisco do Sul nosso campo de pesquisa foi a Escola Municipal João Germano Machado, que está situada ao lado da Rodovia Duque de Caxias S/N, em meio a uma comunidade localizada junto às margens da Baía Babitonga onde as principais atividades econômicas estão relacionadas com a pesca, coleta de mariscos e caranguejos.

A Escola João Germano Machado tem mais de 50 anos. Inicialmente pertenceu à Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina, depois foi Grupo Escolar e por último foi municipalizada, tendo no início do processo de municipalização professores da rede estadual. Em relação aos níveis de ensino, conta hoje com pré-escola e ensino fundamental anos iniciais e finais.

Até 2017 a escola funcionava em duas unidades, sendo os anos iniciais em salas locadas no campus da Universidade de Joinville em São Francisco do Sul e as séries finais no prédio Sede da Escola. Findado o contrato surgiu um grande problema, pois a Escola estava em construção do novo prédio que abrigaria todos os alunos, o projeto atrasou e até este ano as obras não foram finalizadas.

Tendo em vista que não há espaço no prédio sede da unidade para abrigar todos os alunos, foi discutido com a comunidade a possibilidade de alocar os alunos do ensino fundamental anos finais em outras unidades mais próximas, com isso os alunos pegariam transporte, outra sugestão era a ideia de um turno intermediário. Ambas as propostas foram rejeitadas, a primeira pelos pais, por temer a questão do perigo eminente no deslocamento dos filhos, visto ser uma travessia maior nas margens de uma rodovia, e a última pelos pais e pela equipe da secretaria de educação.

Por fim, sob coordenação do então Secretário de Educação e com a anuência do poder executivo do município foi locada uma Chácara próxima à Orla Marinha para abrigar os alunos do ensino fundamental anos finais. Este ambiente conta com um amplo espaço e com uma vasta área verde próxima a área de manguezal e mata atlântica.

Em discussão com a equipe gestora e de docentes da escola surgiu a incumbência de criar uma nova Proposta de Ensino tendo como inspirações a Escola da Ponte, a Escola Municipal Desembargador Amorim Lima, as Escolas Inovadoras e suas pedagogias. De todas as inspirações, a Escola da Ponte, em

Portugal, era a mais marcante, embora sempre se ressaltava nas falas da gestora escolar que a Escola João Germano Machado estava em busca de sua própria identidade e que não necessariamente seria uma cópia da Escola da Ponte. Esta proposta ocasionou a saída de muitos alunos, pois gerou muita resistência por parte dos pais e da comunidade em relação à forma de ensino inovadora e da disposição das crianças nestes ambientes. Esse movimento levou a Escola a discutir sua atuação, porém permaneceu a pedagogia de projetos inspirada em Paulo Freire, com Temas Geradores e com a organização das crianças não ocorrendo nem por série nem por ano, mas por ilhas de saberes, onde os professores atuam como facilitadores, sendo chamados de tutores, e são corresponsáveis por orientar e acompanhar um grupo de alunos, chamados de tutorandos, e ao mesmo tempo auxiliar todos os demais em suas pesquisas nas suas áreas de competência.

Entendendo a problemática da escola, que versa conduzir o desenvolvimento do aluno de forma plena, sendo difícil para os educadores irem além do espaço formal da escola, é preciso compreender que agir no ambiente hoje não necessariamente é imediatismo e que a educação ambiental crítica tem papel fundamental na transformação de um cidadão pró ativo, ético e capaz de agir sobre o meio em que vive. Nesse contexto acredita-se que os mais diversos espaços promovem aprendizagens sensibilizando e enriquecendo a Proposta Pedagógica da Escola.

No intento de promover uma reflexão, debate de ideias e ações sobre o papel da Educação Ambiental Crítica e sua presença nos mais diversos ambientes da Escola, buscou-se contribuir com o corpo docente na compreensão da proposta pedagógica. A unidade de ensino possui uma proposta pedagógica em estágio experimental e de auto avaliação de sua atuação. A escola conta com diversos espaços que não sala de aula, entendida como espaço fechado e formal, podemos citar bosques, campos, hortas, pátio escolar, reservas ecológicas, orla marinha, dentre outros ambientes que podem ser entendidos como ricos em proporcionar diversas aprendizagens. Destacamos aqui que tendo a escola como espaço de pesquisa foi possível compreender o papel da educação ambiental crítica na contribuição para o desenvolvimento de aprendizagens baseadas no cotidiano, nas vivências e nos diálogos proporcionadas pelos espaços da unidade escolar.

A intenção primordial foi movimentar o corpo docente na busca, na reflexão, na compreensão de sua identidade nessa Proposta Inovadora de Ensino, aliando a Educação Ambiental Crítica de forma que todos sejam capazes de perceber que o Meio Ambiente e a Natureza nos ensinam, e que é preciso se perceber nessa teia de relações quer sociais, de trabalho ou ambientais.

5 OBJETIVOS

Com base na problemática apresentada nosso objetivo geral foi desenvolver um documento intitulado: Principais Concepções Pedagógicas da Escola Municipal João Germano Machado, que venha servir como apoio na revisão, análise e reconstrução da proposta pedagógica e aos docentes no uso dos diversos espaços de aprendizagem, que não somente a sala de aula, como propulsores da Educação Ambiental Crítica.

Pretendeu-se que este objetivo geral tenha sido atingido a partir dos seguintes objetivos específicos:

- a) Problematizar questões ligadas a educação no geral, educação ambiental, educação ambiental crítica no contexto da Escola;
- b) Possibilitar momentos de reflexão e autorreflexão por parte dos professores e seu papel como docente no contexto onde está inserido;
- c) Elaborar instrumento de pesquisa/entrevista como forma de coletar dados e informações de como os professores percebem o Meio Ambiente, Educação Ambiental, os espaços de aprendizagem na Escola Municipal João Germano Machado, que tem um modelo diferenciado de uma Escola tradicional, e como estes professores se percebem nele e em suas respectivas ações;
- d) Identificar fatores que influenciam na identidade da Escola a fim de contribuir com a reafirmação de que a aprendizagem se dá nos mais diversos ambientes, não necessariamente uma sala de aula formal, e que o ambiente natural proporciona um campo fértil de discussões das relações entre ser humano e natureza.

6 METODOLOGIA

O desenvolvimento da pesquisa teve cunho qualitativo, pois conforme Prodanov e Freitas (2013) nos apontam para uma relação dinâmica entre o mundo em sua realidade e o sujeito, ou seja, não se tem como extrair números ou dados quantificáveis de um ser real que se vincula a subjetividade. Atribuir significados e interpretar fenômenos são tarefas básicas em pesquisa qualitativa, dispensando o uso de métodos e técnicas estatísticas. A coleta de dados se dá em ambientes naturais e de forma direta, tendo o pesquisador papel determinante como instrumento chave. Por ser uma pesquisa descritiva, na qual os dados são indutivamente analisados, nos remete que a pesquisa tem o ambiente como fonte de dados, sendo necessário que haja um trabalho de campo mais minucioso sem qualquer manipulação ou intenção de manipular do pesquisador. Na pesquisa qualitativa não há preocupação em comprovar hipóteses, o que não quer dizer que não exista uma ordem teórica que direcione a coleta, a análise e o interpretar dos dados, por isso ressaltamos a importância da descrição do maior número de elementos retirados da realidade analisada.

Demo (2000), nos traz a ideia de que o campo conceitual do que vem a ser pesquisa não se esgota, no que tange o conceito de pesquisa trazemos a pesquisa como produtora de conhecimento, aprendizagem que fazem a integração de novos saberes.

Minayo (2002, p.17) defende que a “Pesquisa traz a prática teórica vinculada ao pensamento e as ações”. Seguindo esse pressuposto entendemos que os problemas são anteriores ao momento em que são intelectualmente considerados como problemas, tendo sua origem na vida cotidiana.

Assim contribuem Prodanov e Freitas (2013) que nos acenam que há de se destacar a mudança dialética no campo da pesquisa, onde se evidencia que transformações acontecem através do contraditório, fica claro que nem tudo é quantidade, mas também movimentação e luta, temos então que na contradição se desenvolve o conteúdo. O método dialético é uma ferramenta que tem muito a contribuir para o entender da pesquisa qualitativa, pois sua visão é voltada para o mundo e suas constantes relações, o que exige um olhar diferenciado distante da rigidez quanto ao conhecimento.

Destacamos aqui a importância de ressaltar que não se pode confundir a pesquisa qualitativa com uma pesquisa livre de quaisquer normas e rigidez quanto a sua prova e contraprova, pelo contrário, podemos observar que a pesquisa qualitativa acontece de forma dinâmica entre o sujeito e o objeto de pesquisa e para ser validada é necessário a criatividade do pesquisador. Este deve ser um ótimo observador, porém cuidadoso para não misturar-se ao objeto da pesquisa desvirtuando o que se pesquisa. É importante que se colha o máximo de informações e símbolos das quais o objeto está imerso, para que se possa dar uma interpretação significativa diante da problemática levantada.

O instrumento utilizado como forma de coleta de dados foi a entrevista, que conforme destacamos:

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. (GIL, 2008, p109).

Sendo assim, o objetivo é colher informações sobre o assunto do entrevistado, sendo realizada a entrevista face a face entre entrevistador e entrevistado. Assumimos a técnica de Entrevista por Pautas, que pode ser compreendida como:

A entrevista por pautas apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. As pautas devem ser ordenadas e guardar certa relação entre si. O entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente à medida que refere às pautas assinaladas. Quando este se afasta delas, o entrevistador intervém, embora de maneira suficientemente sutil, para preservar a espontaneidade do processo. (GIL, 2008, p 112).

Essa técnica de entrevista dá certo conforto aos participantes, tanto ao entrevistador quanto ao entrevistado, pois cria um ambiente de conversa, onde embora as questões mantêm uma relação pontual, elas se abrem às relações sociais para além de objetivar dados, porém há de se ter o cuidado na dispersão das temáticas.

Ainda sob a colaboração de Gil (2008), nos leva ao entendimento de que o questionário é uma das mais importantes técnicas para se obter dados em pesquisas sociais. Essa técnica é muito utilizada para coletar dados expressos de forma empírica e que não são quantificáveis, mas que são reais.

A pesquisa evidenciou a forma com que pretendeu atingir os objetivos a que se propôs, descreveu a trajetória, desde o levantamento de dados e materiais de aporte teórico, passando pela metodologia adotada para análise e compreensão dos dados obtidos durante o percurso de busca e compreensão do problema, realizado em imersão com o contexto a que se aplica, buscando entender as interações sociais entre os sujeitos da pesquisa e suas dinâmicas o que justificou a escolha dos instrumentos de coleta de dados e sua posterior análise.

Ao concluirmos a coleta e a posterior análise dos dados e seus respectivos resultados tivemos a intenção de construir um documento com as principais concepções pedagógicas da escola. O objetivo era de que o mesmo apresentasse as principais concepções da escola enquanto instituição de ensino que se propõe a utilizar seus espaços em prol de uma educação inovadora, e também sua concepção sobre o papel da educação ambiental nesse contexto. Pretendemos que o documento possa subsidiar a proposta pedagógica da escola e o desenvolvimento dos planos de ensino, como também auxiliie no entendimento da importância dos diversos espaços, que não somente a sala de aula formal, na construção da consciência ambiental crítica.

7 SUJEITOS DA PESQUISA

A Escola Municipal João Germano Machado, situada às margens da Rodovia Duque de Caxias s/n, no bairro Iperóba, tem sua história ligada a cultura dos povos do bairro Iperóba, e Bairro da Reta na cidade de São Francisco do Sul, às margens e berço da Baía Babitonga, no Estado de Santa Catarina. Ela iniciou suas atividades em casas particulares no ano de 1937, posteriormente foi construída uma pequena sala de aula em um terreno cedido por um morador da comunidade, mais tarde, na década de 40, começou a atender como escola isolada multi-seriada. Com a urbanização das praias o local em que a escola está inserida sofreu significativo crescimento econômico e social, o que acabou refletindo no crescimento da Escola e na disputa de poderes pela manutenção da mesma, que inicialmente passou a pertencer à rede Estadual de Ensino e posteriormente foi municipalizada.

Até 2017 ela funcionava em dois locais diferentes, exatamente por não comportar todos os alunos no prédio sede. O Ensino Fundamental I anos iniciais era abrigado em salas locadas na Universidade de Joinville (UNIVILLE) campus São Francisco do Sul, e a Pré-escola e anos finais do Ensino Fundamental II estavam no prédio sede. Há alguns anos está em construção o “Novo prédio da Escola João Germano Machado”, porém, em 2017, findado o contrato com a Instituição UNIVILLE e não recontratado o aluguel das salas, houve grande alvoroço entre a comunidade, pois os alunos deveriam ser realocados em outras unidades de ensino distantes de suas residências, o que aumentaria a exposição dos alunos aos perigos do trânsito e contrapunha as bases legais do direito da criança e do adolescente de estudar em local mais próximo de sua residência.

Neste momento surgiram algumas ideias vindas da própria escola, uma delas era a criação de um horário intermediário, o que foi refutado pela comunidade e pela Secretaria Municipal de Educação, que na época sugeriu que os alunos fossem realocados em escolas que tivessem vagas. Após diversas discussões entre Secretaria Municipal de Educação e comunidade escolar, em 2018 assume o novo secretário Aldair de Carvalho, que juntamente com sua equipe e com a equipe de professores, gestão e equipe técnica pedagógica da escola instigaram um novo ideal de educação para este público. Chegou-se à ideia de uma educação

transformadora, capaz de tornar o aluno autônomo, para que o mesmo possa agir dentro de sua realidade, pautado no respeito e na ética.

Com o apoio da secretaria de educação foi locado um espaço social e educativo não formal, uma chácara com espaços verdes e um amplo terreno para desenvolvimento do projeto, além de subsidiar os materiais que eram necessários, mesmo que ainda faltassem muitos. Em 2018 os alunos foram alocados nesse espaço, porém houve muita resistência à proposta e ocorreram muitas transferências de alunos por não entenderem o projeto. Atualmente este movimento de saída de alunos não ocorre mais, pois a proposta está amadurecendo e vem ganhando corpo e sustentação, porém as contradições junto a equipe pedagógica da secretaria municipal de educação, assim como por parte de alguns docentes e profissionais de educação tem sido uma constante, sempre proporcionando um ambiente de muitos debates em torno do que vem a ser uma escola voltada para metodologias diferenciadas e sua eficiência no processo de aprendizagem.

A nova proposta vem ao encontro de todos que acreditam em uma Escola que promova a conexão teórico-prática, onde o poder de decisão do indivíduo está inserido na prática e no cotidiano, para que este possa viver em sociedade de forma autônoma, baseado nos valores da democracia, respeito e solidariedade, proporcionando a todos os alunos uma aprendizagem significativa e de construção pessoal.

FIGURA 1 – ESCOLA MUNICIPAL JOÃO GERMANO MACHADO



FONTE: Foto tirada pelo autor (2019).

A Escola Municipal João Germano Machado está desenvolvendo com os alunos do Ensino Fundamental II Anos Finais um projeto de ensino inovador, transformador, único, que nasceu do esforço de uma comunidade específica a partir da luta de significados, onde todos se assumem como parte legítima para lutar por seu direito inalienável de acesso à educação de qualidade, e voltado a suprir as demandas e anseios desta comunidade.

Para tanto, está construindo estratégias, encontrando soluções e criando os dispositivos pedagógicos que julga melhor se adequarem ao universo de seus alunos e educadores, no sentido de alcançar seus objetivos de forma plena e eficaz. É, portanto, um projeto que tem apoio e coerência com o propugnado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96). As Diretrizes Curriculares, assim como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), indicam quais são os objetivos propostos aos alunos do ensino público nos anos finais do Ensino Fundamental II que conseqüentemente serão linhas pedagógicas adotadas em nossa proposta.

A proposta pedagógica vem sendo construída coletivamente de forma interdisciplinar entre professores, equipe gestora e pedagógica da Escola Municipal

João Germano Machado, para o Ensino Fundamental II Anos Finais desde o ano de 2018, na cidade de São Francisco do Sul, no Estado de Santa Catarina.

Nessa perspectiva a Proposta Inovadora da Escola Municipal João Germano Machado vem a desmontar aquilo que se tem como concepção de Escola, Tempo, Ensinar e Aprender. Ela tira do professor o centro e passa para o aluno, ela supera uma educação dicotomizada, fragmentada e compartimentada para uma educação circular e em movimento. Coloca todos como protagonistas, pais, professores, alunos e comunidade. Em um ambiente onde todos estão envolvidos se fortalecem os laços afetivos e de solidariedade, o que garante que todos possam somar forças em prol de uma Escola que venha a formar plenamente para a cidadania.

Tanto a Escola, quanto todos os espaços são ambientes educadores e proporcionam aprendizagem significativas, portanto, nessa proposta os conteúdos curriculares estão imersos na vivência e no dia a dia do educando, sendo possibilitado a ele o contato direto com o conhecimento. Um dos projetos que inspiram a Escola Municipal João Germano Machado é a Escola da Ponte, situada no distrito do Porto em Portugal, dirigida pelo professor José Pacheco. Em ambas as unidades escolares não há classificação por série e ano, não há salas de aula e a figura do professor como centralizador. São formados grupos de acordo com as preferências e linhas de pesquisa e estudo, os alunos com auxílio dos professores que agem como tutores são instigados a pesquisar e conquistar sua autonomia.

FIGURA 2 – ASSEMBLEIA ESTUDANTIL



FONTE: Foto tirada pelo autor (2019).

Na Escola Municipal João Germano Machado os professores são os tutores e são corresponsáveis por grupos de cerca de 15 alunos, auxiliando-os no planejamento diário baseado nas pesquisas e no interesse de cada um. É dos professores também a responsabilidade de garantir que o aluno seja bem orientado nas formas que irá construir e reconstruir seu caminho ao saber, encaminhando-o às fontes corretas de pesquisa, auxiliando a filtrar informações e a redigir textos quando necessário, assim como encaminhá-lo aos demais professores especialistas de área para aprofundamento dos saberes.

Os alunos são chamados de tutorandos, termo derivado de tutor e adotado recentemente pela Escola. A finalidade na utilização do termo é aumentar os laços afetivos com o tutor tornando o grupo mais ativo, unido e solidário entre si. São responsabilidades do tutorando: planejar suas atividades diariamente junto ao tutor; apresentar seus avanços e possíveis fragilidades; ao final do dia apresentar suas conquistas quanto ao planejado; fazer sua auto avaliação; e replanejar se for necessário. Tutor e tutorando criam um espaço harmonioso e de parceria nas aprendizagens, pois todos são aprendizes, sendo o tutorando quem determina o que quer e o momento em que quer realizar suas atividades, sem esquecer que cabe ao tutor instigá-lo ao máximo para que o aprender seja cíclico, dinâmico e não estático.

O funcionamento da Escola é integral, das 07:30 às 16:00, sendo que os tempos de aula iniciam a partir das 08:00. São dados tempos de 30 minutos para tutoria de planejamento diário, este período inicia as 08:00 e termina as 08:30. Após este período são dados mais dois tempos de 1 hora cada, destinados às atividades de pesquisa sob orientação dos tutores e auxílio dos professores especialistas de área, no intuito de contemplar as áreas do saber inseridos no ato de pesquisar. Em seguida é feita uma parada de 15 minutos para lanche e mais um tempo de 45 minutos. O almoço é servido as 11:30, sendo esse um horário de educação alimentar e interação entre professores e alunos, segue com o ócio criativo até 12:30, tempo livre para prática de esportes, ouvir música, navegar na internet e socializar. Após as 12:30 são reiniciados os atendimentos pedagógicos, todos os professores presentes no dia tem uma agenda e atendem os alunos com a finalidade de orientar, instigar, propor desafios, auxiliar nas atividades correlacionadas com a pesquisa ou tirar possíveis dúvidas, sendo subdividido de modo que todos sejam atendidos pelos professores especialistas e/ou acompanhados pelo seu tutor até as 15:15, momento destinado ao lanche vespertino. Retornando as 15:30 todos os tutorandos devem se reunir com seu tutor para preencher sua auto avaliação, discutir seu dia, avaliar, replanejar se for necessário, momento esse que se encerra as 16:00 e os alunos são liberados. Os tutores e professores especialistas de área ficam na escola e se reúnem com a equipe gestora e pedagógica para preencher relatório dos tutorandos, realizar reuniões emergenciais e discussões coletivas.

FIGURA 3 – SENSIBILIZAÇÃO E HUMANIZAÇÃO AMBIENTAL



FONTE: Foto tirada pelo autor (2019).

7.1 PÚBLICO ALVO DA PESQUISA

A pesquisa foi aplicada com os professores regentes que respondem por áreas do saber nas turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II - anos finais da Escola Municipal João Germano Machado no Município de São Francisco do Sul.

Todos os professores respondem como tutores de grupos de alunos, orientando-os em suas atividades diárias, acompanhando a desenvoltura dos mesmos e dando os encaminhamentos junto aos demais professores. Cada professor além de atuar como tutor também é responsável pela disciplina ou área do saber a qual está vinculado, sendo de sua responsabilidade orientar, avaliar e acompanhar a evolução dos alunos dentro da área do saber em parceria com o respectivo tutor, desenvolvendo as atividades inerentes ao planejamento e avaliação dos mesmos. Também é incumbido ao professor a responsabilidade de ofertar uma oficina pedagógica no contra turno, visto que a Escola é integral.

Na perspectiva da formação integral do aluno, buscamos através da pesquisa analisar a visão do professor quanto as questões ambientais que podem auxiliar no processo de aprendizagem nos diversos ambientes e contextos para além das salas de aula e dos ambientes formais, que são muitas vezes desconexos e distantes da realidade vivida pelos alunos. Ao estimular o professor a refletir sobre si, sobre sua ação docente, buscamos possibilitar ao aluno um ambiente de

criticidade que promova o debate sobre o consumo consciente respeitando assim o meio ambiente e os espaços de preservação.

8 COLETA DE DADOS

Foram elaboradas questões de acordo com o eixo temático, buscando compreender a visão dos professores da Escola Municipal em relação à Educação Ambiental, afim de promover ao mesmo tempo indagações e também um movimento profundo de reflexões quanto às temáticas. A entrevista foi por pautas, e o questionário foi semiestruturado, justamente para dar liberdade ao entrevistador e ao entrevistado nas indagações, tendo certa flexibilidade nas temáticas. A metodologia adotada para interpretação dos dados colhidos nas entrevistas foi a análise de conteúdo.

8.1 EMERGÊNCIA DAS UNIDADES DE ANÁLISE

Abaixo apresentaremos, no Quadro 1, as questões a que foram submetidos os professores regentes da Escola Municipal João Germano Machado, tanto nos questionários, quanto na entrevista, bem como os eixos orientadores relacionados com as categorias: Relação Ser Humano-Natureza e Educação Ambiental.

QUADRO 1 - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES E SEUS EIXOS ORIENTADORES.

Questões	Eixos orientadores
1) O que é educação, processo ensino-aprendizagem na tua compreensão?	Concepção de educação no processo formativo
2) Qual é o seu papel de professor no contexto escolar onde você está inserido?	Percepção do papel docente.
3) Qual é a sua compreensão de Escola Inovadora?	Compreensão de Educação/Escola Inovadora x Escola Tradicional
4) O que é meio Ambiente e Natureza? Há diferenças entre meio ambiente e natureza?	Relação Ser Humano-Natureza.
5) Você concorda com campanhas de educação ambiental relacionadas com água, resíduos e outros? Por quê?	Relação Ser Humano-Natureza
6) Há diferenças entre lixo, resíduos e rejeito?	Relação Ser Humano-Natureza.
7) O que é impacto ambiental? É possível que a sociedade na atualidade sobreviva sem impactar o meio ambiente?	Relação Ser Humano-Natureza.
8) Existem áreas de preservação ambiental em nosso município ou na região? Quais? Qual é a importância de preservar estes espaços?	Concepção ou não dos espaços de preservação ambiental.

9) Quais problemas ambientais a humanidade vem enfrentando? O aumento da pobreza está ligado a problemas ambientais?	Relação Ser Humano-Natureza. Trabalho como interação Ser Humano-Natureza.
10) Você está conseguindo fazer a sua parte diminuir os problemas de ordem ambiental imediato, médio e longo prazo?	Relação Ser Humano-Natureza. Trabalho como interação Ser Humano-Natureza.
11) Como você entende a interdisciplinaridade quanto as problemáticas ambientais?	Concepção de interdisciplinaridade em relação a Educação Ambiental.
12) Qual é a importância da educação ambiental no contexto da nossa Escola que tem como cerne uma metodologia diferenciada de trabalho, onde os espaços e tempo de aprendizagem são múltiplos?	Concepção de educação no processo formativo. Compreensão de Educação/Escola Inovadora x Escola tradicional Concepção de interdisciplinaridade em relação a Educação Ambiental.
13) Qual é a sua compreensão sobre Educação Ambiental?	Concepções de Educação Ambiental.

FONTE: Elaborado pelo autor.

A proposição dos eixos norteadores teve como base as leituras levantadas no aporte bibliográfico junto com a interação do pesquisador e os sujeitos da pesquisa. A técnica aplicada para análise dos dados levantados é a Análise de Conteúdo defendida por Franco (2007) o qual entende que para tanto se inicia definindo os objetivos da pesquisa, segue com a escolha do aporte teórico e o material de análise, assim como a separação das Unidades de análise que podem ocorrer a priori ou posteriori emergindo do material de coleta. A medida em que se analisa as informações do material coletado, o conteúdo que surge nos discursos é de pronto comparado à teoria já existente, que dá suporte e confiança às informações e dados coletados.

As entrevistas foram registradas em áudio e após sua transcrição foi realizada uma leitura flutuante sobre o material coletado. Algumas Unidades de Análise destacaram-se a priori já no questionário, e seguidamente no material coletado na entrevista.

8.2 UNIDADES DE ANÁLISE REFERENTES AOS QUESTIONÁRIOS

O Quadro 2 foi composto pelas unidades de análise que mais se destacaram nos questionários aplicados aos professores da escola Municipal João Germano Machado. As unidades de análise foram construídas a partir das respostas dos participantes, em consonância à análise dos eixos orientadores que tiveram como guia os conceitos principais de nossa pesquisa.

QUADRO 2 - UNIDADES DE ANÁLISE QUE MAIS SE DESTACARAM NO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

Quantitativo de prioridades nos discursos resultantes da entrevista.	Unidades de registro	Resultado quanto aos entrevistados:
16	Compreensão da educação ambiental no cotidiano como resposta aos problemas ambientais contemporâneos.	100% dos professores trazem em seu discurso que a educação ambiental é atribuída a atividades escolares impostas por Instituições superiores, mas que na prática surtem efeito menor do que o esperado, pois as políticas se encerram em si mesmas sem atingir o objetivo maior.
15	Gestão e consumo de Água.	80% dos professores entrevistados abordam a temática como sendo relevante e problema de ordem política e social.
14	O Professor como mediador no processo ensino-aprendizagem.	100% dos professores entrevistados trazem em seu discurso que apresentam o papel de instigar os alunos, mas o teor ainda se centraliza no professor de alguma forma, não fica claro a mediação e a construção do conhecimento.
12	Concepção de Escola Tradicional e a construção dos espaços diferenciados na proposta de uma educação Inovadora.	80% dos professores entrevistados trazem forte no discurso o conceito de Escola tradicional e explicitam que a educação inovadora é o oposto a este conceito, porém não trazem claro um conceito e a contribuição dos espaços diferenciados da educação inovadora.
11	Conceito difuso quanto ao impacto ambiental ser processo metabólico Ser-humano natureza.	100% dos professores entrevistados atribuem o impacto ambiental ao ser humano e a natureza, não sendo possível observar as relações entre ambos.

8	Compreensão ou não das políticas públicas educacionais nas questões ambientais voltadas para o exercício da cidadania contribuindo para erradicação da pobreza e desigualdade social.	60% dos professores entrevistados acreditam que não há influência das questões ambientais em relação a pobreza e desigualdade social. 40% acreditam que há certa influência, mas não fica claro de que forma isso ocorre.
---	---	---

FONTE: Elaborado pelo autor.

A partir dos referenciais teóricos, que por sua vez embasaram os eixos norteadores, comparados às Unidades de Registro que mais se destacaram nas entrevistas apresentamos as Unidades de Análise que mais se destacaram, são elas: Educação Ambiental crítica; Relação Ser Humano-Natureza; Compreensão de Educação/Escola Inovadora x Escola Tradicional.

Para a construção das unidades de análise realizamos e tabelamos a transcrição das entrevistas, realizamos a leitura dos documentos transcritos diversas vezes, analisando de forma criteriosa todo o texto, seus parágrafos e o que os sujeitos da entrevista comentavam, com a finalidade de categorizá-los primariamente. Somente após a releitura dos registros das entrevistas eles foram identificados por afinidade como unidades de registro, com o intento de perceber o que foi dito e aquilo que se manifestava no conteúdo que tínhamos. Desta análise surgiram as categorias gerais: Educação Ambiental Crítica, Relação Ser Humano-Natureza; Concepção de Escola Tradicional x Educação Inovadora.

Destas emergiram as seguintes unidades de Análise:

QUADRO 3 - UNIDADES DE ANÁLISE

Unidades de Análise:
Educação Ambiental dialoga com as demandas sociais.
Consumo consciente e gestão da água.
Relação Ser Humano-Natureza.
Escola Inovadora em uso dos espaços rompe com o conceito de Escola tradicional.

FONTE: Elaborado pelo autor.

A unidade de análise “Educação Ambiental dialoga com as demandas sociais” perpassa pela questão trazida pelos entrevistados onde os mesmos não apresentavam clareza quanto à importância de se discutir as temáticas de ordem social que afetam o meio e por consequência a todos, induz ao entendimento de que

a Educação Ambiental vem como mera formalidade legal, mas que não corresponde às reais necessidades do entrevistado, e que por consequência acaba por não surtir o efeito esperado na ação pedagógica cotidiana de cada educador.

Foram entrevistados 5 professores regentes de turmas, dentre 9 disciplinas existentes, que lecionam no projeto e atuam concomitantemente como tutores de um grupo de até 15 alunos. Não foi possível atingir 100% dos professores, pois um encontrava-se de licença médica e não houve contratação de professor substituto, uma vez que nos moldes e na metodologia adotada pela escola é possível que os professores orientem os alunos na disciplina em questão, duas professoras se recusaram e o último é o pesquisador. A pedido dos professores será mantido o anonimato dos participantes, sendo eles identificados com os códigos abaixo:

QUADRO 4 - CÓDIGO APLICADO AOS SUJEITOS DA PESQUISA

Sujeitos da pesquisa:	Escola Municipal João Germano Machado – Projeto Inovador.	Número de participantes:	Códigos aplicados:
Professores regentes: Ensino Fundamental: Anos Finais.	Ensino Fundamental – Anos Finais.	3 professores 2 professoras Total: 5 professores	Professores: A1; A2; A3. Professoras: B1 e B2.

FONTE: Elaborado pelo autor.

Dado a descritiva dos passos metodológicos seguimos para análise e a discussão dos dados obtidos.

9 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Após todos os passos metodológicos, seguidos do aporte teórico e sua contextualização posterior ao instrumento de coleta de dados, foi possível obter um quantitativo de informações significativas que auxiliaram na construção das unidades de análise já citadas anteriormente.

Não apresentamos a intenção de julgar o trabalho desenvolvido pelos docentes, uma vez que como pesquisador estou imerso nesse meio, mas compreender as concepções individuais e que se constroem coletivamente através da análise dos diálogos estabelecidos no momento em que os dados foram coletados, pois entendemos a subjetividade e as interferências sobre o ambiente educacional em que a Escola em questão se encontra, que é de desconstrução e reconstrução de seus significados frente a muitas resistências sociais e políticas institucionais a que está subordinada.

Para Bardin (2011) a técnica de análise de conteúdo, a qual adotamos, tem como intenção uma leitura mais enriquecida e parte para a interpretação da mensagem recebida, além do entendimento imediato, na intenção de apreender elementos constituintes do objeto estudado, é ir além das aparências e ultrapassar o que é incerto. O que podemos ainda observar em Franco (2007) que baseia-se em Bardin (2011) é que tudo se dá pela comunicação, e que para isso é necessário o emissor, o codificador, a mensagem e um receptor ou detector que decodificará a mensagem recebida, porém o mesmo nos chama atenção que a análise deve ser compreendida partindo de uma problematização e que deve ter sustentação teórica delimitada a partir do objeto de estudo.

9.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIALOGA COM AS DEMANDAS SOCIAIS

Ao analisar as entrevistas apareceu de forma significativa que a Educação Ambiental não dialoga com as demandas sociais. Consideramos importante analisar como os professores compreendem a “Educação Ambiental” em seu cotidiano, e o seu constante diálogo interdisciplinar na busca por entender e auxiliar nas demandas sociais. A unidade em questão nos mostra que a Educação Ambiental no

cotidiano escolar está só, e que não dialoga com o cotidiano Escolar, além de enfrentar duras resistências no âmbito social. Conforme A1 expressa:

“[...] só discordaria do método que é feito muitas vezes que é algo acabado, que é algo que é pra aquele momento, ah vamos fazer Dia do Meio Ambiente, uma semana do meio ambiente aí faz cartaz, não se torna significativo pra o dia-a-dia do aluno, da criança, das pessoas, aí pode envolver a família também, a comunidade.”

Ao ser questionado no entorno da temática Educação Ambiental, o entrevistado nos sugere a ideia de que ela é estática, que não se movimenta e está atrelada a mera política educacional. Corroborando B2:

“[...] eu acho que não são ações efetivas que realmente é, ensinam, educam pro meio ambiente, são ações que vão sim falar sobre os assuntos, esclarecer dúvidas, mas ela não é uma coisa, não é frequente, ela não é, o aluno recebe aquilo muito superficialmente, então as vezes ele não faz a compreensão real necessária, entende a necessidade real daquilo, pra ela é mais uma palestra, é mais um [...], ela não é efetiva dentro do aprendizado né.”

A1 traz em seus argumentos a discordância de como as atividades relacionadas à educação vem sendo tratadas e desenvolvidas no ambiente escolar, pois discorda do método que é pontual e descontextualizado das demandas que se apresentam no meio social naquele momento, não há uma reflexão nem um diálogo daquilo que é proposto com as reais necessidades da sociedade. A ideia é reforçada por B2 quando afirma que as ações não são efetivas, e que não é um trabalho frequente e quando abordado torna-se de uma significância menor, visto como uma palestra que não reflete em aprendizagem significativa.

O que podemos destacar por meio destes discursos é que isso fomenta o desenvolvimento de uma Educação Ambiental voltada para macrotendência Conservadora, conforme Layrargues e Lima (2014) que apontam para uma representação conservadora, pois não se questiona a estrutura social em sua totalidade, apenas algumas reformas setoriais, apontam para transformações relevantes, mas que dificilmente podem ocorrer caso não haja mudanças nas bases políticas e econômicas da sociedade. Esta tendência passa a ser reducionista, pois ignora o viés social, político e cultural, ignorando a posição de classes e suas

responsabilidades frente a crise e o transferem para termos mais brandos como se a sustentabilidade viesse a responder sob os princípios de mercado.

Tais práticas referentes ao cotidiano e ao diálogo entre a Educação Ambiental e as demandas sociais contradizem o que nos é proposto por Leff (2009) que ressalta que o saber ambiental é tomado por inquietudes do saber do que já é existente, do que ainda está por ser, e assim novas realidades são construídas a partir do saber ambiental.

Ainda quanto a essa questão A2 colabora com seus argumentos:

“[...] Por que o estado também não vai procurar conscientizar ou multar ou fazer coisas com o grande empresariado que gasta uma quantidade enorme de água com as suas produções e ao mesmo tempo me parece que o Estado cobra assim dessa nossa cidadania aqui ou cobra da Escola como se fosse somente o lugar ah é na escola é que a gente vai melhorar a questão da preservação do meio ambiente, preservação da água, acho as vezes que a escola está numa discussão que é necessária não tô negando essa discussão, mas acho que existe a necessidade do Estado ampliar esses modos de fiscalização, multar sei lá que coisa, ficou tudo em política pública para né, pra que esses excessos, não só a Educação Ambiental dentro da escola.”

As afirmações trazem o entendimento do poder estatal enquanto dominante das políticas públicas e que este sobrepõe exclusivamente sobre o ambiente escolar a tarefa de conscientização ambiental, sem que haja uma participação social na construção, na aplicabilidade, avaliação e fiscalização das demandas sociais que perpassam a educação ambiental e sua abrangência no contexto social.

Carvalho (2004) traz exatamente o que podemos observar nos discursos ora expostos, ela nos traz que educação ambiental é construída sob conflitos e ressignificações, que está em constante movimentação e se constrói nos espaços sociais sob a disputa de forças e dificilmente se chega ao entendimento comum, visto que são diversos os atores e os interesses nestas relações, admitindo que cada um é um ser histórico cultural. O que notadamente é proposto por Layrargues e Lima (2014) sobre a dificuldade em situar a Educação Ambiental enquanto tendência pedagógica para educação ambiental, pois a destaca como conservadora, uma vez que ignora os problemas de ordem social e parte para ideias voltadas para o mercado, reduz a busca segmentária de uma solução para os problemas emergentes nas questões ambientais.

Percebe-se também que há indícios de uma educação ambiental crítica como a de Loureiro (2012), que destaca que educação ambiental é antes de tudo educação, e que deve estar embasada nos elementos de transformação social amparadas no diálogo, no fortalecer os sujeitos, no superar de dominação do capitalismo. O que é possível compreender o modo e a forma que a sociedade produz e como é a sua interação com o ambiente. A educação ambiental segundo Loureiro (2012) não atua somente na mecânica transmissão informativa, mas nas ações em compromisso com a vida e com o outro, pois entende-se que a educação se dá entre os sujeitos, respeitando sua realidade e individualidade. Ressalta ainda que ações conscientes ocorrem de maneira mútua, dependentes da capacidade crítica, do diálogo dos diferentes saberes e da transformação da realidade. Cabe aqui destacar que a Educação Ambiental crítica constrói e reconstrói o individual e o coletivo, dando uma redefinição do papel do ser humano como ser da natureza, nos princípios da ética voltada para o sentido da vida e da existência humana, que potencializam a ação e a atuação política.

9.2 CONSUMO CONSCIENTE E GESTÃO DA ÁGUA

Uma das temáticas que emergiu dos discursos analisados dos professores da escola João Germano Machado foi sobre o consumo consciente e a gestão das águas. O tema surgiu como uma preocupação e uma forte ligação com as questões ambientais aplicadas no cotidiano da unidade escolar.

Na unidade em questão fica claro como os professores demonstram sua visão sobre como veem o consumo consciente e como a água é gerida no contexto social e ambiental. O que fica claro no discurso de B1:

“[...] pra não impactar o meio ambiente como nós temos aqui, lógico a gente pensa, eu penso muito muitas das ações que a VEGA faz são engodo tá, muitas das ações que a VEGA faz ali é engodo porque a VEGA diz que tem um parque ao redor ali da empresa e que a água que sai ali dela sai limpa e que cai limpa lá não sei aonde, olha a gente não sabe né , lógico a gente torce pra que realmente o que eles pregam, o que eles demonstram seja realidade que realmente onde cai a água que sai da VEGA saia tão limpa [...]”

Considera-se nesse discurso, no exemplo utilizado pela entrevistada, que VEGA se trata de uma empresa que beneficia aço chamada Arcelor Mittal VEGA do

Sul, instalada no município de São Francisco do Sul e que mantém fortes relações com a população, principalmente por ser de grande porte e empregadora de mão de obra. O que no discurso podemos perceber é que a preocupação expressa ali é a incerteza de como é feita a gestão das águas pela empresa, pois desconhece onde fica o desague das águas residuais e também não se sabe a qualidade com que essa água é devolvida ao meio ambiente, esperando que as águas sejam tratadas e devolvidas com a qualidade esperada. Nesse sentido podemos destacar Loureiro e Tozoni-Reis (2016) que trazem a crítica quanto a dissociação entre pensamentos fragmentados do real, ignorando as contradições que se apresentam ora sociedade, ora indivíduos, e que é preciso entender e rejeitar todo pensamento que venha a dividir sociedade e natureza constituídas das relações capitalistas, onde os recursos naturais e a própria natureza são objetos a serem alcançados.

Nesse mesmo pensamento segue colaborando A2:

“[...] não manter seus corpos saudáveis também por conta da respiração, da água, da hiperconcentração de agrotóxicos nos alimentos, então conseqüentemente as populações mais pobres vão ter que gastar seu pouco dinheiro, seus poucos recursos nessas questões de saúde [...]”

Ficando claro que o mesmo argumenta a água como produto, classificando-a como produto a ser consumido e por consequência comercializado, relacionando-a a garantia de mais saúde e colocando nela a condição socioeconômica que vem a contribuir com a desigualdade social, considerando a forma como está e é gerida como produto. Nesse intento, Trein (2012) nos chama a atenção para uma leitura crítica, para que possamos perceber a forma que impera nas relações e nas organizações sociais, que acontecem de modo mercantilizado e que aliena a todos. É perceptível no discurso a tentativa de argumentos que classificam a água não como um bem natural, mas como um produto a ser consumido através do poder de mercado, negado a parte da população ou esta não a obtém com qualidade.

Ainda nessa perspectiva, ao ser questionado se traziam em essência suas ações práticas quanto ao meio ambiente A3 faz a seguinte colocação:

“De uma maneira que eu possa fazer né em casa cuidando do lixo, gasto de água né. Eu procuro fazer a minha parte, eu tenho essa consciência, eu procuro fazer.”

Notamos que o consumo de água é uma das preocupações no discurso, sem exatamente refletir sobre suas relações com o meio, mas que de uma forma generalista, objetiva e simplista podemos destacar aqui que a água novamente é vista como produto mercantilizado, e que realmente traz uma preocupação no discurso e que necessita de uma gestão individual do consumo. Percebe-se que as ações são futuristas não enfatizando as ações propriamente ditas, mas nos remetem a uma reflexão individual e coletiva sobre a temática que veio à tona não apenas nesse discurso. Assim, considerando que a sociedade precisa produzir para subsistir, acaba impondo uma transformação da natureza para satisfação de suas necessidades historicamente construídas quanto ao que é material, biológico ou simbólico, bem como nos afirma Loureiro e Tozoni-Reis (2016).

Podemos verificar que a forma como os professores abordam o tema consumo consciente e gestão da água nos leva ao que Leff (2009) chama atenção, que a educação ambiental deve ter a capacidade de ir além de dar respostas em meio aos imprevistos, mas deve ser capaz de compreender o cotidiano dos atores em suas relações e inter-relações objetivas e subjetivas, gerando novas habilidades. Nisto entendemos que a educação ambiental perpassa a ação e a compreensão docente sobre a transformação que se quer na educação como um todo, para que possamos atingir um nível melhor de compreensão, romper com a visão arcaica e tradicional onde o ser humano não faz parte da natureza, onde os conceitos de natural e natureza se misturam, os meios naturais são vistos como mercadoria e produção, moldes ditados pelo movimento mercantil e capitalista a que se está exposta.

Na expectativa colabora Layrargues (2012) com a ideia de uma pedagogia que não seja descontextualizada, pois é preciso olhar para as contradições deste modelo de desenvolvimento e do acúmulo de capital, sendo preciso viabilizar e enriquecer o debate das questões ambientais na luta contra a opressão, exploração e autoritarismo, numa linha radicalista que rompe com tudo que se conhece em uma linha crítica ao modelo capitalista, entendendo que assim é possível construirmos o que queremos a partir da educação ambiental que supere as desigualdades.

A partir disso defendemos que é preciso compreender que somos parte da natureza, e que não estamos dissociados dela, tendo essa compreensão fica claro que os ambientes e os recursos naturais são bem comum e que a educação

ambiental crítica tem papel fundamental nesse entendimento. É necessário reconhecer o processo histórico em que a própria educação ambiental veio se consolidando, e que a mesma se assume enquanto ferramenta de transformação. Mas também é preciso ter em mente a luta de classe e o antagonismo, que fica claro ao almejarmos uma educação mais romantizada e distante de nós, colocando os recursos ao nosso uso e dando a eles valor de mercado. É preciso lembrar que uma vez mercantilizada, a gestão desse recurso natural cabe a uma das partes, sem refletirmos que a lei de oferta e procura faz com que aumente a exploração e por consequência tantos problemas de ordem social e econômica vem a surgir. Só é possível mudar esse quadro através de uma ação proativa docente que seja capaz de compreender, dialogar e romper com o que está posto.

9.3 RELAÇÃO SER HUMANO – NATUREZA

Outro apontamento muito importante que se destacou nas entrevistas foi a forma com que os professores compreendem a relação do ser humano com a natureza, que acaba por conseguinte sendo importante como unidade de análise, pois nos auxilia a compreender quais são as concepções que estes trazem em seus discursos.

Não obstante estes nos trazem em seus discursos, algo que vem sendo explícito, a forma com que a ideologia de dominação está impregnada de maneira velada, mas que muitas vezes fica explícita no discurso. Como nos aponta A1 ao ser questionado sobre sua concepção de meio ambiente e natureza:

“Concretamente falando meio ambiente é todo ambiente que o homem vive, o ambiente o qual a gente está inserido, o meio ambiente é natureza, meio ambiente ele é construção, meio ambiente acho que a relação espaço geográfico vou falar já de Milton Santos na questão de espaço geográfico de que tudo é o meio é até as vezes as pessoas confundem um pouco meio ambiente com só natureza. É normal tu chegar pra um aluno ah faz um... desenhe um meio ambiente aí. É natural que ele vai fazer algo que seja totalmente natureza né, praia, uma ilha, mas não meio ambiente pode ser uma cidade São Paulo, mas não meio ambiente pode ser uma cidade São Paulo, São Paulo é meio ambiente, o que vai mudar como a sociedade... até penso que a cidade é uma construção do homem, ele constrói um ambiente pra ele se adaptar as questões da natureza e da evolução dele né ah e Natureza aí já é algo mais envolvendo a questão natural né, não a questão construída bom [...].”

O professor em questão traz em seu discurso a ideia de que o meio ambiente trata-se de espaço geográfico e que está sob a ideia do construir e das ações humanas, considerando de forma superficial a questão, as pessoas tem uma concepção de que a Natureza trata-se de algo intocado pelo homem, que optamos aqui utilizar o termo ser humano, ou traz a ideia de uma natureza mais natural e de que o meio em si é dado pelas relações entre o ser humano e a natureza. Nota-se fortemente no discurso que todo o meio está a serviço da manutenção do que está colocado como modelo, de que todos os recursos estão ali para serem usados para a evolução do ser humano, assim como para benefício da sociedade, reafirmando a ideia de que Natureza está ligada ao que é natural, o que podemos entender como intocado. Destacam Loureiro e Tozoni-Reis (2016) que ao refutarmos esse pensamento que divide a sociedade e a natureza, traz as contradições a que o modelo capitalista impõe, torna-se possível superarmos, desenvolvendo uma linha de pensamento que seja construída na prática social. Ainda Souza (2010) destaca que os sujeitos formam suas categorias históricas individualmente, de acordo com sua cultura e práticas sociais, e a partir das relações estabelecem certa união entre si. Para Layrargues e Lima (2014) é preciso analisar os problemas de ordem ambiental de forma conjunta com o todo, o ser humano social e cultural, afastando a ideia reducionista que se tem ao se pensar educação ambiental.

Ainda nesse pensamento colabora B1:

“Então meio ambiente é o todo. Meio ambiente é aquele espaço onde a gente está, envolve bens naturais e bens materiais. Eu acho Meio ... o meio ambiente, o ambiente como um todo composto por partes naturais digamos assim e parte construída pelo homem, é a junção do espaço natural seria mais ou menos isso. E a natureza enfim seria a parte natural, a paisagem natural, não a paisagem cultural, eu acho que a natureza é isso.”

Nessa linha de pensamento podemos destacar o que nos diz A2:

“[...] meio ambiente é o ambiente onde nós vivemos né, a transformação que a gente causa a natureza, a natureza na minha cabeça funciona como ela, como que eu vou dizer assim, ela a natureza seria ela no seu habitat normal sem modificações e o meio ambiente são as transformações que nós podemos causar a ela, se você pensar numa floresta sem grandes mutações, ela ao natural, eu posso, na minha concepção ela tá ao natural é a natureza pura sem modificação e se você começa a penetrar nessa floresta e você começa a fazer transformações ou desmatamento você pode ali transforma-la e fazer mal ao meio ambiente que ali tenha o ecossistema e transformar com bairro e você começa a tornar ela social né, pra um fim social, moradia, etc.”

Em ambas as opiniões podemos notar que é apresentada a ideia das relações do ser humano com a natureza, na forma de exploração de bens de consumo. É destacado por ambos os participantes que o meio ambiente é um espaço de bens que estão ali para o consumo, mantém a relação capitalista de exploração e consumo e que nós transformamos esses ambientes a nosso prazer. Neste sentido é muito importante destacar que quando se fala de natureza há uma relação de respeito ao intocado, como se o ser humano não fizesse parte e não se relacionasse com esse natural, mas logo percebe-se que ambos trazem certa ambiguidade nos discursos ao comparar os conceitos, visto que na prática diária entendem que não há ser humano sem natureza e que as relações são estabelecidas.

Colaborando com as opiniões dos colegas A3 destaca:

“[...] meio ambiente é o ambiente onde nós vivemos né, a transformação que a gente causa a natureza, a natureza na minha cabeça funciona como ela, como que eu vou dizer assim, ela a natureza seria ela no seu habitat normal sem modificações e o meio ambiente são as transformações que nós podemos causar a ela, se você pensar numa floresta sem grandes mutações, ela ao natural, eu posso, na minha concepção ela tá ao natural é a natureza pura sem modificação.”

Uma das opiniões que de certa forma trazem o contraditório é destacada por B2:

“[...] meio ambiente como um todo né, em todos os aspectos. A natureza também né? A gente tá inserido na natureza (risos) a natureza é o meio ambiente né no sentido da minha interpretação né, talvez no sentido da biologia, no sentido da [...] ela tenha diferença, mas no meu ver a natureza e o meio ambiente um faz parte do outro.”

A opinião em contraditório aos demais demonstra que as relações entre ser humano e natureza são cíclicas, ou podemos considerá-las como metabólicas, pois o ser humano age sobre o meio e o meio age sobre o ser humano, demonstrando que mesmo tendo a ideia de natureza como o natural, ela também é modificada.

Partindo destes discursos podemos compreender, como nos aponta Guimarães (2016), que há presença de um ideal mais conservador, compreensivo com as práticas sociais que mantêm o modelo atual, do que um olhar mais crítico que aponta essas relações de poder numa perspectiva transformadora. Ainda Guimarães (2016) afirma que é preciso perceber os diferentes sentidos e preposições, bem como seus significados, também é necessário que os educadores tenham um aprofundamento em suas análises, sendo que uma função importante no contexto educacional, no quesito meio ambiente e as relações com a sociedade, é contribuir com o desenvolvimento de cidadãos conscientes e ativos nas questões ambientais, que sejam capazes de contrapor o que vem sendo aceito em comum acordo e vazio de críticas. É preciso pensar uma educação que supere esse modelo que leva a falta de crítica, para isso Lima (2004) nos sugere que busquemos resgatar a interdependência e a interdisciplinaridade, que buscam introduzir-se no sentido complexo, sendo nato em nossa vida e que assim é capaz de romper com ideias reduzidas de única interpretação.

É necessário que o trabalho contribua com os professores e que estes possam construir suas concepções das relações entre o ser humano e a natureza, entendendo que são agentes atores e transformadores do meio em que estão inseridos, sendo necessária a percepção da prática social, e como professores inclusos num contexto social e político. Como parte do meio em que vivem precisam compreender que estão diante de um olhar mais conservador, sendo preciso romper com essa ideia e entender que a natureza em relação ao ser humano deve ser analisada primeiramente como relação metabólica e não como produto mercantilizado. Isso é necessário para fugirmos do contexto onde todas as temáticas relacionadas ao meio ambiente são vistas como produtos a serem consumidos e de que os recursos naturais são inesgotáveis, isso só ocorrerá a partir do momento em que se internalize a essência do ser humano.

9.4 ESCOLA INOVADORA EM USO DOS ESPAÇOS ROMPE COM O CONCEITO DE ESCOLA TRADICIONAL

Após analisar os dados, uma unidade não menos importante surgiu a partir das entrevistas e a consideramos como uma unidade de análise, pois a Escola Municipal João Germano Machado apresenta uma proposta em andamento com uma concepção diferente do que conhecemos enquanto escola formal. A unidade tem iniciado suas práticas pedagógicas com vistas a uma metodologia diferenciada, sendo usuária de diversos ambientes e situações como fontes de conhecimento e aprendizagem, o que vem ao encontro do principal objetivo da nossa pesquisa. Partindo da necessidade apresentada intentamos subsidiar os docentes no aproveitamento dos diversos espaços da escola para além da sala de aula, na construção de novos saberes e proporcionando aprendizagem significativa, tendo como foco principal a Educação Ambiental Crítica. Segundo Carvalho (2004) a educação ambiental crítica tem sua raiz nos ideais e pensamentos democráticos de emancipação aplicadas na educação, rompendo com os tipos de educação que se conheciam, onde o centro de tudo eram os métodos ou as técnicas, mas chama para construção social de uma educação que possa construir conhecimentos a partir da vida dos sujeitos envolvidos.

Tais argumento são fundamentados na necessidade de autoafirmação da Escola João Germano Machado enquanto espaço de educação inovadora, que tem um pré-projeto ousado de educação e que encontra vários entraves políticos e pedagógicos para ser assumido por todos os docentes, comunidade escolar e órgãos de governo. Assim como apontam Costa e Loureiro (2017) ao negar as formas que separam, que segregam e levam ao fatalismo já remete a uma nova forma de pensar educação e os faz atores enquanto sujeitos no processo.

O que fica evidente é o espaço de conflito, muitas vezes contraditório assumido pelos autores e atores nesse processo, pois a Escola que conhecemos hoje carrega muito de sua construção histórica e cultural, que de acordo com Bueno e Pereira (2013) o seu surgimento se deu pela sociedade burguesa e seu objetivo era instruir e educar. O que explica muito como se olha para escola nos dias de hoje e o que se espera dela, e qualquer um que desafie tais moldes terá resistência e contradições.

Ao entendermos um pouco sobre a visão dos docentes sobre escola inovadora percebeu-se a ligação que essa tem com a escola tradicional, mesmo querendo manter distanciamento. Conforme aponta A2:

“A minha compreensão de Escola Inovadora ela é bem ampla, acho que tem várias, várias questões. A Escola Inovadora essencialmente vai buscar fugir da Escola Tradicional que aí a gente pode discutir que são vários, que é formato em salas, formato daquele pensamento de que o professor tá ali pra impor conhecimento, colocar na cabeça, que tenha sinal, que tenha horários muito bem definidos, que tenha o que mais??? Que os alunos sejam divididos por série e mais é óbvio que vai além disso a concepção de Escola Inovadora, aliás acho que não tem uma só concepção tem várias eu acho que a priori é isso que eu penso de Escola Inovadora.”

Conforme a fala do professor entrevistado fica claro que não há uma divisão conceitual e atitudinal do que vem a ser uma Escola Inovadora de fato, pois o mesmo chama atenção para amplitude de conceitos que possam definir a escola inovadora, não fazendo menção em seu discurso de uma definição. O que nos chama atenção é a facilidade quanto ao discurso da prática vivida na escola tradicional o qual acredita ser o antônimo, e aponta com clareza as divisões formais em salas de aula e turmas/séries com horários definidos e que ao centro de tudo está o professor. Podemos destacar que não há uma clareza em seu discurso do ambiente que está se construindo, mas que se tem em mente que é o inverso do que se conhece.

Na mesma ideia, ao ser questionado sobre a importância da educação ambiental no contexto da Escola, visto que essa admite estar construindo espaços de educação inovadora e uma metodologia diferenciada de trabalho, onde a aprendizagem se dá em tempos e espaços diferentes, A1 comenta e contribui com esse entendimento:

“[...] é muito mais fácil nosso modelo de escola você aplicar isso, porém eu vejo ainda uma dificuldade de professores de lidar com isso, de ter esse entendimento de lidar com essa, eu acho que se pela escola que vemos, escola tradicional, mais penso que se o professor tivesse as vezes o entendimento melhor sobre essa questão acho que significaria mais.”

Podemos verificar que a escola adotou um modelo diferente na forma de ensinar os alunos e que na visão deste professor a educação ambiental e seu trabalho são facilitados nestes espaços e moldes. No entanto, afirma também que a

ligação da escola e seus docentes ainda carregam as vivências e conceitos da Escola tradicional, afirmando que os professores, podemos entender que este se remete aos colegas de trabalho, não apresentam clareza do que vem a ser uma Escola Inovadora o que por consequência pode interferir no seu ato pedagógico.

Uma contribuição importante sobre o papel que exerce no contexto da Escola João Germano frente a essa metodologia diferenciada é trazida por B2, que faz uma colocação importante e de destaque para compreendermos a ação destes docentes frente ao desafio. B2 relata:

“[...] eu instigo o aluno a conhecer sobre a arte estímulo a pesquisa no sentido de conhecimento sobre o que cabe no assunto que ele escolheu, mas não sou eu que detenho a disciplina, que vou dar uma aula né.”

No trecho em destaque podemos perceber o papel importante e a transformação que estes educadores vem sofrendo. No trecho em questão fica claro na atuação pedagógica dessa professora o papel fundamental do professor enquanto instigador e que a pesquisa está inerente ao trabalho do desenvolvimento de aprendizagens, em destaque também o papel mediador e de que as disciplinas precisam ser superadas, quando a mesma diz que não detém a disciplina, podemos entender que nessa escola o que se intenta é a busca pelo saber, o que por si só já está em desacordo com os moldes tradicionais.

Nesse entendimento comenta A1:

“Escola Inovadora penso que ela também tem que trazer todas estas questões, ela tem que acompanhar a sociedade, como a sociedade pensa, não é só um método em si, eu penso que a filosofia dela também tem que ser né, no caso na escola, posso falar da escola? ... Na Escola onde estou inserido agora João Germano que tem uma Proposta Inovadora, ela visa a autonomia do aluno, ela visa trabalhar o aluno como um centro, não do professor para o aluno, mas do aluno para o professor, pra mim isso já é diferente, já é inovador, sai daquele método cartesiano.”

Nessa questão fica evidente que ao trazer todas as questões, a escola assume um papel de centro de debate e discussões das demandas sociais, o que não seria possível se a Escola permanecesse presa ao conceito tradicional e conteudista que a sociedade historicamente insiste em atribuir a ela. Ao falar da escola em que exerce sua função, nota-se que o mesmo a percebe como inovadora e que conforme o discurso anterior, seu papel como professor não é centralizado,

mas que o aluno é o centro e que deve desenvolver a autonomia. Mostra também a diferença entre ambas as situações e aponta que sair do método cartesiano que é adotado pelas escolas já os torna inovadores.

Nessa perspectiva B2:

“Numa Escola que além de receber a comunidade de estar aberta as pessoas de fora e a comunidade estar participando juntamente, os alunos também estarem acessando outros espaços de conhecimento, para obter conhecimento né numa metodologia diferenciada daquela em que o aluno pode escolher pra si o que, o foco né, o seu tema gerador ou o assunto que ele traz curiosidade e a gente interceder né? nesse processo para aprendizagem dele.”

Consideremos aqui as relações comunidade-escola, a escola como espaço múltiplo e plural, pois permite a comunidade participar ativamente no processo escolar, não de forma meramente formal, além de possibilitar a troca de saberes com pessoas de outros pertencimentos, o que vem agregar conhecimento. Destaque importante nestes dados é o acesso aos outros espaços de conhecimento, ao dizer outros espaços levamos em consideração que os locais de aprendizagem são múltiplos, e a entrevistada concorda com os demais sobre o papel mediador do professor, enfatizando que o aluno traça suas metas e objetivos e o professor participa do processo para que o mesmo alcance.

Através da análise dos dados das falas nessa unidade foi possível observar as contradições tanto conceituais quanto atitudinais no que diz respeito a Escola Inovadora e Escola tradicional, assim como o entendimento do uso dos espaços diversos que podem contribuir para a aprendizagem. Nota-se que para se conceituar sobre a primeira carrega-se forte conceito da segunda, pois ambas estão historicamente entrelaçadas o que torna difícil fazer uma divisão, ou conceituar uma sem que se utilize da outra como exemplo. Vale destacar que mesmo diante de ambiguidades, os profissionais tem a clareza de que estão em processo de construção de uma proposta inovadora e desafiadora, pois os mesmos encontraram vários percalços em seu caminho, de sua própria formação acadêmica escolar até suas vivências, pois estão vivendo o novo. Contudo, todos estão empenhados em entender esse processo e de alguma forma estar contribuindo, na visão deles fica claro que estão no caminho certo, que deixam do método tradicional que sentem segurança, pois são detentores dos saberes fragmentados e partem para fazerem

parte do processo de fato. Uma educação inovadora é praticamente impossível de ser adotada nos antigos moldes, no formato e layout estrutural das escolas, o que os desafia ainda mais, mas entendem que todos os envolvidos tem como objetivo principal o desenvolvimento e o conhecimento e que estes possam desenvolver autonomia, solidariedade e emancipação.

Nesse entendimento Leff (2009) aponta, nesse contexto, para a construção e contribuição dos saberes ambientais como sendo através das problemáticas, que surgem a partir das perguntas e curiosidades, partindo de conhecimentos que ainda não existem na construção de novos conhecimentos e novas realidades. Se o conhecimento se dá a partir de inquietudes do sujeito, como ele pode ser instigado ou preservado em ambientes que não prezam pela liberdade de sua construção? Assim podemos entender o método cartesiano e a estrutura formal historicamente construída de escola. É preciso romper com esse formato, temos a partir daí uma concepção de Escola em movimento, se ela está em movimento, tão logo os novos conhecimentos se dão a partir das relações sociais e com os diversos ambientes e situações que possam proporcionar essas novas realidades.

Podemos ainda compreender de que forma a educação ambiental crítica vem a contribuir nesse processo do uso dos diversos ambientes na construção de uma Escola Inovadora. Nogueira (2015) comenta que é importante que o sujeitos ocupem papel central na tomada de decisões enquanto agentes políticos, entendendo que os conhecimentos não são construídos de forma fragmentada, em compartimentos, e nem de saberes de forma desunida, assim como nos chama atenção para a relação metabólica entre o ser humano e a natureza, pois ao contemplar a iniciativa escolar nos moldes inovadores destaca-se a formação do cidadão para emancipação, autonomia e solidariedade, sendo assim possível a tomada de decisões de forma democrática nas questões sociais e de meio ambiente. Para isso é necessário o rompimento com o atual molde que está amparado na necessidade de mercado e tem influenciado as decisões coletivas, é preciso superar e construir as tomadas de decisões amparadas sob a luz das necessidades humanas. Sendo a nossa defesa construída amparada na coletividade, e que os espaços usados pela escola ampliam a forma com que o indivíduo percebe o ambiente e age sobre ele.

É perceptível a compreensão de cada participante, os mesmos trazem consigo suas realidades, suas posições e suas construções sociais, o processo e a individualidade de cada um, o que favorece o auto reconhecimento de onde estão inseridos, e suas posições ora se mostram não tão rígidas, mas flexíveis quanto ao tema, o que dá a ideia de movimento e construção, o que apontamos como sendo primordial na defesa de nossos estudos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa surgiu a partir de uma inquietação gerada pelo ato pedagógico da Escola e suas relações com a educação ambiental, visto que a unidade de ensino em questão se lançou num campo que para eles é muito novo, que vem a ser desafiador por distinguir-se da concepção escola tradicional para uma escola com metodologias e didática que sejam inovadoras de fato. A pesquisa objetivou entender como seus docentes compreendem a proposta pedagógica e como os mesmos se veem diante do cotidiano escolar imerso numa nova proposta que tem como cerne uma nova compreensão de espaços de aprendizagem e a construção dos saberes.

Para que fosse possível atingir os objetivos descritos na dissertação foi necessário entender as relações entre ser humano e natureza, onde ambos agem um sobre o outro, para assim percebermos o papel fundamental da Educação Ambiental no cotidiano da escola, na sua proposta pedagógica, e também como os docentes apresentam estes conceitos, que contribuem com a construção e reconstrução de uma proposta que atenda aos princípios da Educação Ambiental, tornando-a prática inerente ao ato pedagógico.

Os questionários aplicados aos docentes na entrevista, assim como a entrevista e por consequência seus eixos orientadores possuem relação com as categorias: Educação Ambiental Crítica, Relação Ser Humano-Natureza; Concepção de Escola Tradicional x Educação Inovadora. A partir destas se apresentam as unidades de análise, a saber: Educação Ambiental dialoga com as demandas sociais; Consumo consciente e gestão da água; Relação Ser Humano-Natureza e Escola Inovadora em uso dos espaços rompe com o conceito de Escola Tradicional.

A Escola busca contribuir na construção de sujeitos ativos e emancipados, partindo da realidade vivida, de saberes realmente significativos que possam ser apropriados e que sejam bem fundamentados. Nesse viés a Educação Ambiental torna-se uma ferramenta e meio para essa transformação social. O que fora observado nos discursos dos docentes foi uma forte relação da educação ambiental enquanto política de governo, requerida da instituição, mas longe de ser uma prática efetiva, associada fortemente com problemas relacionados a água e sua gestão, assim como ações isoladas que contribuem com o meio ambiente. Podendo ser

entendido que os docentes observam as ações de educação ambiental como fragmentadas e um à parte do cotidiano escolar, um algo a mais a ser desenvolvido, admitindo o poder minimizador dos impactos ambientais, mas não uma política efetiva de conscientização da comunidade escolar, presente no seu ato e cotidiano pedagógico. Vem sendo aplicada uma educação ambiental formal e de caráter institucional, sendo replicada no ambiente escolar e repassada aos alunos, de certa forma similar ao modelo capitalista de produção, onde todos os processos são voltados à produção de bens e consumo, que todos os problemas ambientais são passíveis de solução imediata e simplória, desvinculados das questões sociais. Não foi possível observar nos discursos uma relação e uma exploração contextualizada da Educação Ambiental com o modelo de produção e consumo que se estabeleceu e que necessita ser superado para que mudanças sejam possíveis, para que aí sim problemas como gestão da água, as demandas sociais e o papel de uma escola inovadora sejam efetivos na construção de melhorias ao meio ambiente.

Dentre as unidades de análise que se apresentaram a de maior destaque por parte dos docentes entrevistados foi **Educação Ambiental dialoga com as demandas sociais**. Ficou evidente que a compreensão dos docentes quanto ao papel da educação ambiental em seu cotidiano, no intento de responder aos problemas ambientais que se apresentam na atualidade, é vista como mera formalidade, uma exigência legal e institucional por parte de instancias maiores, que seus efeitos não atingem sua totalidade e se encerram em si mesmos. Está explicito nessa unidade de análise um conceito distorcido do papel da educação ambiental e sua função social. Pode ser percebido que embora se admita a necessidade de mudanças e transformações, a unidade escolar por meio de seus docentes ainda carrega forte conceito de educação ambiental voltada para uma visão conservadora, pois há um questionamento forte quanto a estrutura externa, lançada sobre as políticas de governo, e não em sua totalidade, mas que as reformas acontecem em setores menores tornando uma transformação difícil de ser alcançada. Fica fortalecido aqui o discurso dominante do estado e a ausência de participação dos sujeitos na construção, aplicação e fiscalização dos anseios sociais nos quais a educação ambiental pode contribuir significativamente para sua transformação.

A unidade de análise que precede, com a segunda maior frequência, é **Consumo consciente e gestão da água**. Foi destaque e enfatizado por grande

parte dos docentes em seus discursos temáticas ligadas à água e à sua gestão, assim como políticas de controle de consumo que são relevantes e que são problemas de ordem política e social. A partir dos discursos dos docentes da unidade escolar pode ser percebido que a visão sobre a água, sua gestão e as próprias políticas ambientais sobre a água, são vistas de forma fragmentada da realidade, não há um aprofundamento nas discussões, as contradições são ignoradas, a natureza e seus recursos são vistos como bem de consumo nas relações e nas organizações sociais e de forma mercantilizada.

Como terceira maior frequência temos a unidade de análise **Relação Ser humano-Natureza**. Foi perceptível nos discursos que o conceito de o impacto ambiental ser resultante de um metabolismo entre ser humano e natureza ainda não está conceitualmente claro entre os docentes entrevistados, porém todos apontam o ser humano e a própria natureza como sendo causas do impacto ambiental, porém não foi possível observar as relações entre estes. Diante de tais abordagens percebeu-se que é preciso pensar o ser humano, suas relações e suas práticas sociais construídas individual e coletivamente, que todos os problemas ambientais devem ser pensados conjuntamente com o todo e afastar a ideia unidirecional de educação ambiental. Foi destaque nos discursos ora apresentados as relações do ser humano com a natureza como sendo exploratória de bens e consumo, onde a natureza é estática e que seus bens são para o consumo. As relações entre o ser humano e a natureza nestes moldes está marcado principalmente por um ideal mais conservador que trata de manter o modelo atual, mercantil e capitalista para com a natureza e de certa forma negando a crítica que poderia proporcionar transformações.

Como unidade de análise na quarta posição em frequência tivemos: **Escola Inovadora em uso dos espaços rompe com o conceito de Escola tradicional**. Nesta unidade de análise foi possível observar nos discursos dos docentes as concepções que os mesmos possuem de Escola tradicional e como construir uma nova proposta inovadora, que se utilize dos espaços diversos na construção dos saberes. A maioria dos docentes já tem apropriação do conceito de escola tradicional, reconheceram que o conceito de uma educação inovadora é o inverso, porém não houve clareza neste conceito e nem como os outros espaços, que não exclusivamente a sala de aula formal, podem contribuir com a educação inovadora.

As resistências a um conceito e a assumir uma postura de educação inovadora dos docentes se dá pelo fato da construção histórica e cultural a que a escola está sujeita desde a sua gênese, que reforçava de forma mecânica que a função da escola era instruir e educar. O que aponta para a contribuição dos saberes ambientais através das problemáticas apresentadas, levando a questionamentos e curiosidades que dinamizam e movimentam para construção de novos conhecimentos, o que não é possível em uma escola com formato de ensino linear e cartesiano e sem a liberdade de construção de saberes.

Como resultado desse trabalho, construiu-se um documento intitulado: As principais concepções pedagógicas da Escola Municipal João Germano Machado, que serve de apoio à unidade escolar na reconstrução de sua proposta pedagógica. Assim como subsidia a reflexão-ação por parte dos docentes em seus planos de ensino, da comunidade escolar sobre a realidade vivida e sobre os desafios a serem enfrentados ao assumir uma educação inovadora que se utilize dos diversos ambientes propulsores de aprendizagem dentro dos princípios da educação ambiental crítica.

Com toda elaboração da pesquisa e a construção do documento pedagógico espera-se que tenhamos contribuído com a Escola Municipal João Germano Machado, para que a Educação Ambiental tenha seu conceito reestruturado. Espera-se que a partir de uma educação ambiental de qualidade se desenvolva a capacidade de crítica dos docentes, e por conseguinte de toda comunidade escolar, que sua proposta pedagógica seja fortalecida, valorizando a individualidade e a coletividade na construção dos conhecimentos, assim como os diversos ambientes podem proporcionar humanização e aprendizagem. Que os envolvidos sejam atuantes, ativos, transformadores e disseminadores de experiências positivas de práticas pedagógicas inovadoras.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M et al. **Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas**. I Marco Conceitual: Escolas Inovadoras: Revisando a Bibliografia - Brasília: UNESCO, Ministério da educação 2004.
- ALVES, R. **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2003.
- ARROYO, M G; CALDART, Roseli Salet; MOLINA, Mônica Castagna. (orgs). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 out. 2020.
- BRASIL. **Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002**. Regulamenta a Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências. Pleno Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 11. Ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 21 jul. 2019.
- BRASIL. **Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981**. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6938.htm. Acesso em: 10 out. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP Nº: 8/2012**. Processo: 23001.000158/2010-55. Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Diário Oficial da União, 30 maio 2012, Seção 1, p. 33.
- BUENO, A; PEREIRA, E. Educação, escola e didática: uma análise dos conceitos das alunas do curso de pedagogia do terceiro ano – UEL. In: JORNADA DE DIDÁTICA, 2. SEMINÁRIO DE PESQUISA DO CEMAD, 1., 2013., Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade de Londrina, 2013, p. 349-362.
- CARVALHO, I. Movimentos sociais e políticos de meio ambiente: a educação ambiental onde fica? In: SORRENTINO, M.; TRAJBER, R.; BRAGA, T. (orgs.). **Cadernos do III Fórum de educação ambiental**. São Paulo: Gaia, 1995.
- CARVALHO, I.C.M. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.

COSTA, C. A.; LOUREIRO, C. F. A interdisciplinaridade em Paulo Freire: aproximações políticopedagógicas para a Educação Ambiental crítica. **Revista Katálysis**. Florianópolis: UFSC, v. 20, n. 1, p. 111 – 121, Jan./Abr., 2017.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez; 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2003.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas S/A, 2008.

GUARDA, N. S.; OLIVEIRA, A. A. S. Escola da Ponte: um exemplo de escola inclusiva. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 4., 2007, Londrina. **Anais [...]** Londrina, 2007, p. 1-8. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2007/195.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

GUIMARÃES, Mauro. Por uma educação ambiental crítica na sociedade atual. **Revista Margens Interdisciplinar**, [S.l.], v. 7, n. 9, p. 11-22, maio 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2767>. Acesso em: 21 ago. 2019.

LAYRARGUES, P. P. Para onde vai a educação ambiental? O cenário político-ideológico da educação ambiental brasileira e os desafios de uma agenda política crítica contra-hegemônica. **Revista Contemporânea de Educação**, vol. 7, n. 14, agosto/dezembro de 2012.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. da C. As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Revista Ambiente e Sociedade**. São Paulo, v. 17, n. 1, p. 23-40, jan-mar, 2014.

LEFF, E. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. **Educação e Realidade**, v. 34, n. 3, p. 17-24, 2009.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola**: Teoria e Prática. Goiânia: Alternativa, 2001.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: Teoria e Prática**. Goiânia: Alternativa, 2004.

LIBÂNEO, J. C. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? *In*: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (orgs.). **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 53-79.

LIMA, G. Educação, emancipação e sustentabilidade: em defesa de uma pedagogia libertadora para a educação ambiental. *In*: LAYRARGUES, P. P. (coord.) **Identidades da educação ambiental brasileira** / Ministério do Meio Ambiente. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LOUREIRO, C; TOZONI-REIS, M. Teoria social crítica e pedagogia histórico-crítica: contribuições à educação ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**. Especial, julho/2016.

MINAYO, M. C. S. Hermenêutica-dialética como caminho do pensamento social. *In*: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. (Orgs.) **Caminhos do Pensamento: epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

NOGUEIRA, Christiano. **As concepções de homem, natureza e trabalho de alunos dos cursos de técnico em meio ambiente e tecnólogo em Gestão Ambiental do Campos Pelotas- Visconde da Graça do Instituto Federal SulRio-Grandense**. 152 f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande. 2015.

NOGUEIRA, C. Education for Sustainable Development and Conceptions of Environmental Education in Brazil: possible approaches. **Journal of Education for Sustainable Development**, v.12, n.1, p. 47- 58, 2018.

PRODANOV, C.; FREITAS, E. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12 n. 34, p. 152- 180, jan./abr. 2007.

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação e movimentos sociais do campo: a produção do conhecimento no período de 1987 a 2007**. Curitiba: UFPR, 2010.

TREIN, Eunice S. Educação ambiental crítica: crítica de que? **Revista Contemporânea de Educação**, v. 7, n. 14, ago.-dez. 2012.

APÊNDICE 1 – PRINCIPAIS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS DA ESCOLA MUNICIPAL JOÃO GERMANO MACHADO.

1 HISTÓRICO DA UNIDADE ESCOLAR.

A Escola João Germano Machado, situada no bairro Iperóba em São Francisco do Sul – SC, nasce a partir da necessidade da comunidade local. A comunidade em torno da escola tem suas atividades ligadas principalmente à pesca e à coleta de frutos do mar, em segundo plano está ligada a outras atividades como comércio local, construção civil, pequenas indústrias, atividades portuárias e armazenamento de petróleo. A unidade escolar foi construída em terreno doado por um munícipe da comunidade e sua primeira atividade foi como escola multi-seriada, contemplando o antigo ensino primário. Posteriormente, com o crescimento da população, houve a necessidade de ampliação da escola, inclusive do atendimento, que passou do domínio da esfera estadual para a municipal. Atualmente a Escola conta com todo o ensino fundamental e com a pré-escola. O crescimento físico da escola não acompanhou o crescimento da população se fazendo necessária a locação de outros ambientes, dentre os quais citamos o espaço locado na UNIVILLE – Universidade de Joinville no campus de São Francisco do Sul até o ano de 2017. Findado o contrato, e com a negativa de renovação, houve a necessidade de encontrar outro local, após conflitos internos e externos foi locado o espaço extensão, em que atualmente funciona o ensino fundamental – anos finais. Neste novo ambiente teve início a construção de uma nova proposta pedagógica, formulada de acordo com a clientela do espaço.

A Escola iniciou a construção de uma proposta pedagógica, que ainda se encontra em desenvolvimento e avaliação, que respeitasse os alunos, professores e pais enquanto sujeitos. Com muito entusiasmo de seus participantes, tiveram como norte a Escola da Ponte em Portugal e a Escola Municipal Desembargador Amorim Lima, localizada na cidade de São Paulo. Repetidas vezes durante os encontros pedagógicos os ideais destas escolas, mais precisamente a primeira, eram repetidos e promovendo muitas reflexões, também eram realizadas algumas leituras de Ruben Alves, autor que incentiva uma educação diferenciada e vem ao encontro da proposta em construção. A exemplo destas, a Escola não tem salas formais, os

alunos se encontram nos ambientes da Escola, salão, espaços de estudo, no jardim, na horta, no campo ou no entorno da Escola próximo ao mar, manguezal e trilhas. Os alunos assumem seus projetos de estudo, que posteriormente foram adaptados como roteiro de estudos, onde o objetivo é desenvolver autonomia e o gosto pelo saber. Neste contexto, os professores são orientadores de grupo, chamados de tutores, e auxiliam na construção destes projetos e dos roteiros, assim como coordenam um grupo de alunos. Todos os professores são colaboradores na construção do conhecimento e devem agir incentivando o aluno na busca pelos saberes de sua área de competência, inclusive devem orientar e auxiliar os alunos para que eles observem os conhecimentos na prática.

Na intenção de auxiliar na compreensão e buscando subsidiar a revisão e construção de uma proposta pedagógica por parte da Escola, buscamos por meio de entrevista por pautas, aplicada aos professores regentes de disciplinas específicas dos anos finais do ensino fundamental, investigar a presença de uma educação crítica no ato pedagógico e na relação com o meio, para isso foram utilizados questionários pré-estabelecidos relacionados ao cotidiano escolar e às relações com educação ambiental. Para avançarmos na discussão das concepções pedagógicas em relação à educação ambiental e sua contribuição na construção de uma proposta pedagógica inovadora pode-se constatar as seguintes concepções em destaque:

2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIALOGA COM AS DEMANDAS SOCIAIS

Uma das temáticas muito importantes no contexto escolar foi recorrente no discurso dos docentes, ela está relacionada à ausência de diálogo entre a educação ambiental e as questões sociais. Essa demanda emerge das problemáticas sociais e resulta na desigualdade social e na divisão e uso dos recursos naturais em prol do enriquecimento de uns, além da perpetuação desse ciclo sem a participação efetiva da sociedade. Tais afirmações se tornam importantes na construção de uma proposta pedagógica atenta às demandas sociais, pois é necessário pensar como esta pode agir de forma interdisciplinar na busca pela compreensão e possíveis soluções.

A visão atual é de uma educação ambiental estática, presa a ações compartimentadas e isoladas, que acontecem de forma esporádica e momentânea, sempre atreladas à normativas curriculares, que não correspondem às demandas da comunidade escolar, desta forma, não resultam em uma aprendizagem significativa.

O contexto no qual a escola está inserida, embora já se tenha avançado muito na apresentação e direcionamento para uma escola com práticas inovadoras, ainda destaca-se a educação ambiental como uma macrotendência conservadora, pois o contexto social acaba sendo ignorado e as mudanças ocorrem de forma setORIZADA. Mesmo quando a educação ambiental aponta para modificações pouco se avança, pois ela é vista como formalidade a ser cumprida, colocando-a a serviço da sustentabilidade na esperança de responder aos problemas de mercado, negando a discussão e a construção de novas políticas.

Percebeu-se que a Educação Ambiental no ambiente escolar trata-se de uma inquietude por parte dos docentes, eles admitem a sua importância, assim como requerem seu papel na construção de novas políticas de educação ambiental para a unidade escolar, pois percebem que dessa forma podem surtir efeitos positivos na comunidade. A escola não pode ser o único espaço de discussão e elaboração das ideias em relação às problemáticas de ordem ambiental e social, sendo responsabilizada pela conscientização apenas por questões de subordinação estatal, é necessário que ela participe de todo o processo, observando o contexto social.

No ambiente escolar da unidade, podemos destacar como característica esse anseio por participar da construção das políticas, embora se admita que a educação ambiental está sendo construída em meio a conflitos e disputas, o que torna difícil um consenso. Ficou evidente que todos são parte do processo, assim como na visão docente a educação ambiental ainda traz fortes indícios conservadores, uma vez que ignora as problemáticas sociais.

A escola, em seu discurso através dos docentes, demonstra a iniciativa de uma educação ambiental crítica, pois percebe a função de transformação social, e sua prática tem a intenção de superação do modelo vigente de educação ambiental, que de certa forma se apresenta servil ao capitalismo. Para isso se faz necessário o diálogo e fortalecimento dos sujeitos.

A educação ambiental almejada pela escola, ao que se percebeu, é aquela que possa compreender as relações entre a forma em que a sociedade produz os seus bens e como a mesma interage com o meio ambiente. Entendendo que é preciso superar a atuação da educação como transmissor de informação mecânica, sendo preciso assumir as responsabilidades individuais e coletivas em relação ao outro e à vida respeitando a individualidade. Cabe aí o desenvolvimento de uma educação ambiental crítica, nessa redefinição do ser humano como um ser da natureza, e as suas relações dentro da ética para que possa agir em favor da vida.

3. CONSUMO CONSCIENTE E GESTÃO DA ÁGUA

A água é um bem natural, que inegavelmente vem a grande parte dos discursos quando se trata de educação ambiental. Foi destaque na unidade escolar a preocupação com a forma como vem sendo administrada essa questão no município, sendo apontada como um problema social recorrente. Dizemos que associar a água a uma discussão de educação ambiental já faz parte da cultura.

Não podemos ignorar o campo de contradições estabelecidos, mesmo nos discursos, pois admite-se a importância da água a serviço da geração de empregos e renda, uma mercantilização da água, mas sem uma auto crítica da construção do pensamento fragmentado, pois costuma-se ver o ser humano a parte da natureza, ignorando suas relações capitalistas, pois entende-se que ela está ali para uso e muitas vezes é mantenedora da desigualdade social. Assim, podemos destacar que as preocupações relacionadas com a água foram voltadas ao poder de compra e consumo dado a uns e negado a outros de forma naturalizada, não houve uma percepção do contexto social gerado a partir da temática e de sua importância no contexto da educação ambiental.

Um dos apontamentos muito interessantes postos os discursos dos docentes da unidade escolar quanto ao uso e gestão da água é a presença de uma educação ambiental para além de improvisos, mas que possa superar essa ideia, voltada ao cotidiano e às relações de seus atores, que possa gerar novas habilidades. Podemos destacar a importância da compreensão por parte do corpo docente para agir no sentido de transformar a educação em sua totalidade, superando essa visão compartimentada. Que não se veja o ser humano como distante do natural e natureza, mas que possa vê-lo como parte dela, assim como modificar moldes de produção e consumo ora postos.

Diante da percepção vivida pelos docentes, percebeu-se que é preciso romper com o modelo que usa dos recursos naturais para fins de mercado e consumo predatório. Busca-se por uma prática escolar que seja capaz de olhar para as contradições que estão vinculadas a esse processo, que aceite e possibilite condições para o debate sobre as questões ambientais, para que possamos superar as desigualdades por meio da educação ambiental que queremos.

É preciso ter clareza em nossa proposta pedagógica que educação ambiental crítica, a qual esperamos ser um meio de possibilitar as transformações, se dará a partir do momento que compreendermos que somos parte da natureza, e não um a parte, assim se tornará mais claro que os recursos naturais e o ambiente fazem parte de um bem comum. Para viabilizar uma prática docente voltada para uma educação ambiental crítica é preciso compreender a luta de classes e o antagonismo que existe em meio a esse processo de transformação, é preciso se distanciar da visão romântica e distante que perpetua a ideia de que os recursos são bens de consumo, eximindo a responsabilidade individual e coletiva. O papel fundamental docente nessa transformação é através da ação docente pró ativa, que seja capaz de compreender e dialogar com o que está posto, isso será possível a medida em que o fazer parte do processo é garantido.

4. RELAÇÃO SER HUMANO – NATUREZA.

Uma das concepções importantes que emergem nos discursos dos docentes é a forma como estes compreendem a relação ser humano e natureza. Como nas demais concepções, pudemos verificar de forma clara a presença de uma ideologia dominante, ora explícita ora implícita, em seus discursos. Não obstante, estes nos trazem algo que vem sendo explícito, a forma com que a ideologia de dominação está impregnada de forma velada, mas que muitas vezes fica explícita no discurso, o que acaba dificultando um conceito mais claro sobre meio ambiente – natureza em suas relações com o ser humano.

A visão conceitual que os docentes trazem quando se trata de meio ambiente – natureza é a ideia de que o primeiro se trata de espaço geográfico, enquanto o segundo apresenta uma visão mais romantizada, trazendo a ideia de que natureza é algo intocável e portanto preservada, livre da presença e da ação humana. Destaca-se também a mercantilização dos recursos da natureza, onde estes estão disponíveis para o uso e para manter o sistema que se estabeleceu na ideia, na produção e no consumo.

Há um forte anseio por parte dos docentes na construção de um modelo de educação ambiental capaz de superar essa dicotomia imposta pelo modelo de mercado, um projeto que possa ser construído na prática social respeitando os atores do processo como sujeitos históricos e culturais, a partir de suas relações, o que acaba por construir um espaço coletivo. Para que seja possível responder as demandas sociais e ambientais é preciso afastar a ideia compartimentada e reducionista, partindo para uma análise mais aprofundada sobre os problemas de ordem ambiental, não de forma isolada, mas no conjunto com as relações que se estabelecem em seu entorno.

Compreender o conceito dessa relação, perpassa entender que adotamos o termo humano justamente pela relação de humanização da natureza, as relações que a espécie humana estabelece onde está inserida. No entanto, na compreensão meio ambiente – natureza percebemos certa dificuldade em estabelecer um marco conceitual, pois de um lado temos a ideia de que a natureza é algo intocado e que o ser humano não se relaciona com o natural, do outro temos o meio ambiente que é um espaço no qual as relações se estabelecem, mas estas são voltadas para

exploração e produção de bens de consumo. Estes ambientes acabam tendo a função de manter uma relação capitalista de exploração dos recursos, sendo transformados pela vontade humana. O que acaba sendo muito interessante é a concepção docente de que o ser humano e a natureza estabelecem relações que para ele são vitais para sua existência e subsistência.

É preciso perceber a relação ser humano – natureza como metabólica ou em ciclos, pois tanto o ser humano quanto a natureza, um age sobre o outro, e mesmo tendo o conceito de que a natureza representa o natural, a mesma também sofre modificações.

A unidade escolar busca por um ambiente transformador e inovador para sua prática, muitos avanços são percebidos através dos discursos de seu corpo docente, que visa transformações, contudo, ainda há marcos de conservadorismo que tem um olhar mais compreensivo sobre o modelo de produção de bens e consumo, o que acaba fortalecendo a sua continuidade.

O que vem ao encontro da construção de uma proposta pedagógica é a necessidade de que o corpo docente possa ter capacidade de análise e percepção das proposições, sentidos e seus respectivos significados quanto às relações que se estabelecem no cotidiano escolar, quanto às questões ambientais e com a responsabilidade de contribuir para o desenvolvimento de cidadãos críticos e pró ativos, capazes de propor o contraditório em relação aos argumentos vazios de capacidade crítica. Para uma educação ambiental voltada para a transformação é preciso um resgate da interdisciplinaridade e interdependência, para romper com as ideias reducionistas, e da busca por compreensão das relações em sua complexidade. É emergente que os docentes e a comunidade escolar compreendam que a relação ser humano – natureza deve ser vista como relação metabólica, na qual ambos agem e reagem entre si, é preciso afastar-se do modelo em que esta relação é vista como produto e consumo e que os recursos naturais são inesgotáveis.

5. ESCOLA INOVADORA EM USO DOS ESPAÇOS ROMPE COM O CONCEITO DE ESCOLA TRADICIONAL.

Uma das concepções que nos chamou atenção para criar um espaço de reflexão sobre o desenvolvimento de um documento que viesse a subsidiar a construção de uma proposta pedagógica democrática foi a ousadia da referida escola em aventurar-se no desconhecido, enfrentando problemas de espaço físico e de condições estruturais, organizacionais, financeiras e humanas. Buscou também, coletivamente, iniciar a construção de uma proposta pedagógica que visasse o desenvolvimento do respeito, autonomia e solidariedade. Para atingir sua proposta ousou lançar-se na busca por metodologias e estratégias diferenciadas, que se apresentassem como um ambiente inovador e que a aprendizagem fosse significativa de fato. Buscou de forma associativa apoio nos ideais da educação ambiental crítica, na qual esta pudesse se construir e reconstruir nos diversos ambientes, não exclusivamente a sala de aula e sua organização formal.

A educação ambiental crítica tem muito a contribuir na construção de uma proposta pedagógica focada na educação ambiental enquanto prática social, pois está fundamentada nos pensamentos democráticos que visam a emancipação, o que por sua vez rompe com os tipos de educação que se conhece, na qual o centro é diverso e não pautado na construção social onde o conhecimento se constrói a partir das vivências dos sujeitos.

São vários os entraves encontrados pela unidade escolar na construção de sua proposta, desde as políticas de controle por parte das instituições superiores, quanto a própria organização pedagógica e o reconhecimento por parte de todos os envolvidos ao assumir uma proposta inovadora, porém vale destacar que o fato de perceber a realidade, mesmo que contradiga ao que se espera, já reflete um novo pensamento e faz com que todos os envolvidos sejam parte do processo. Um fato ligado à resistência diz respeito ao modelo de escola que a unidade escolar em questão passou a trilhar e o peso conceitual que o termo escola carrega. Agregado de significado histórico e cultural desde a sua origem, o termo escola está fortemente ligado ao educar e instruir, tão logo envolvia um ambiente disciplinador e que requeria muito mais do seus aprendizes do que o processo em si, isso acaba

nos dando a ideia dos motivos que impedem ou geram embaraços às unidades que tentam romper com os moldes tradicionais e suas contradições.

Na concepção dos docentes da unidade ficou evidente que buscam por um ambiente acolhedor e desafiador. Apresentam como objetivo construir na escola um modelo inovador, porém mesmo inspirada em modelos já existentes, dos quais cita-se a Escola da Ponte – Portugal e a Escola Municipal Desembargador Amorim Lima, busca sua própria identidade, não se atrelando a conceitos por estas já consolidados. Como já descrito nas demais concepções pedagógicas propostas, essa também traz, de maneira expressiva, presente nos discursos fortes traços do conceito tradicional, sendo perceptível o domínio por parte dos docentes do campo conceitual e atitudinal, assim como suas metodologias e práticas didáticas da Escola Tradicional. Porém, quando se trata de Escola Inovadora, ambientes inovadores de aprendizagem, não se alcança o mesmo êxito, sendo notório que ainda é um campo em construção por parte da comunidade escolar, sendo reforçado que um ambiente escolar inovador seria o antônimo do ambiente tradicional, sem detalhar ou permitir uma reflexão mais profunda sobre as práticas adotadas pela unidade escolar.

O uso da educação ambiental como aliada no processo de emancipação é vista como facilitadora numa escola que apresenta uma proposta pedagógica aberta à inovação, o que acaba perpassando no discurso docente. Há essa abertura e essa facilidade de proporcionar ambientes de discussão, debates e reflexão sobre as demandas de ordem ambiental e social, mas também é fato marcante a preocupação com os resquícios da escola tradicional presentes na formação docente e que acabam influenciando no trabalho pedagógico.

As práticas vivenciadas pela escola e presentes no discurso docente marcam fortemente que a escola está caminhando para a construção de uma proposta pedagógica construída a muitas mãos, respeitando o espaço democrático. Os discursos vem ao encontro daquilo que se espera de uma escola inovadora, pois rompe com a ideia de que professor, métodos e técnicas seriam o essencial e centro da prática escolar, e parte do aluno como sujeito social, que tem suas demandas e que cabe à escola a mediação e a transformação delas em conhecimento científico. Fica evidente que em um modelo inovador a ser construído pela unidade é urgente o despreendimento dos conceitos tradicionais e conteudistas, deve haver uma ressignificação do conceito de escola.

No contexto vivenciado pela escola há presente no discurso a importância do uso dos vários espaços, não exatamente o da sala de aula formal como o conhecemos nos moldes tradicionais, assim como a gestão e condução dos projetos individuais de aprendizagem, adotados pelo aluno, o qual passou por ressignificação e hoje é chamado de roteiros de estudo, estes contribuem com o crescimento individual e coletivo atendendo a uma prática inovadora, e também a importância do papel de mediador e aprendiz por parte dos professores envolvidos.

Num ambiente como o da unidade escolar em questão os saberes ambientais tem muito a contribuir, pois apresentam as problemáticas das quais surgirão novos saberes que serão construídos em novas realidades, o que não cabe em uma instituição que preze pelo formalismo e tradicionalismo.

Para contribuir com a construção de uma proposta pedagógica que contemple a educação ambiental crítica, a partir das discussões, debates e problemáticas é preciso se afastar do conceito tradicional construído e assumir uma escola dinâmica e em movimento. A partir de uma proposta pedagógica que possibilite aos sujeitos participação efetiva na construção, é possível estruturar uma escola inovadora, onde os sujeitos são notados como agentes políticos, com papel central na tomada de decisões e entendem que a construção do conhecimento não se dá de forma fragmentada, mas nas relações e inter-relações entre os saberes e as áreas do conhecimento. Assumindo uma postura ética no contexto escolar e admitindo o papel social dos sujeitos e sua pluralidade, poderemos formar cidadãos para emancipação que sejam autônomos, solidários e que respeitem a vida e o outro.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A unidade escolar em sua história apresenta indícios de uma prática pedagógica amparada no conservadorismo, dados obtidos através do discurso de docentes de forma explícita e implícita, tais se fundamentam numa prática pedagógica já consolidada entre a comunidade escolar. A unidade escolar apresenta traços de uma pedagógica tradicional voltada para o professor e os métodos enquanto centro do processo, também passa por diversos conflitos que impedem um reconhecimento identitário por parte dos sujeitos que interagem nesse meio, pois a medida que a população foi crescendo a escola teve dificuldades para absorver a demanda, por questões de espaço físico, o que impedia um trabalho mais unânime na unidade, que perdura até hoje, principalmente pelo fato de a Escola desenvolver seu trabalho pedagógico em espaços diferentes, sendo no prédio sede os anos iniciais e no prédio extensão os anos finais. Foi possível observar o anseio da unidade escolar na construção de sua proposta pedagógica, visto que inicialmente se viram em rompimento com o conceito de escola tradicional, porém o que está posto histórico e culturalmente é a presença intrínseca de uma pedagogia pautada na proposta daquilo que já conhecemos e já dominamos, dificultando um caminhar para o desconhecido, do qual citamos o ambiente propício a construção.

A partir do momento em que a escola se viu desabrigada, pelo fato da não continuidade da locação do antigo imóvel, a mesma estava diante de um dos problemas mais angustiantes enfrentados pela comunidade escolar, não ter espaço físico suficiente para a demanda de alunos. Naquele momento as possibilidades eram conflituosas aos interesses da comunidade, que mesmo diante de dificuldades se apresentava como pertencente àquele espaço. Posteriormente a situação foi resolvida com a locação de uma chácara com vários ambientes para alocar os alunos, porém surgiu a problemática de construção de uma proposta pedagógica diferenciada que atendesse a essa demanda, visto que a escola possuía um espaço físico, mas muito diferente do espaço escolar formal que conhecemos.

Desde o ano de 2017 a unidade escolar vem trabalhando na construção de sua proposta pedagógica, ela deve vir ao encontro de uma escola que não só acolha seus alunos, mas que possibilite a eles, por meio de uma educação crítica e de qualidade, subsídios para que possam ser sujeitos no processo, mas para isso se

fez necessário romper com os moldes que estão estabelecidos e impregnados de forma histórica e cultural no conceito de escola e de sua atuação pedagógica.

Diante do exposto, nossa pesquisa buscou proporcionar aos docentes que atuam no ensino fundamental – anos finais alguns momentos de reflexão sobre suas práticas pedagógicas e como atingir o patamar de uma escola inovadora a qual a comunidade escolar acredita estar a caminho. Esta reflexão pode posteriormente contribuir com os sujeitos envolvidos no processo e também com os demais professores que possam futuramente fazer parte do quadro, assim como com a equipe de coordenação pedagógica e gestora da unidade, situando-os quanto aos marcos históricos percorridos pela escola, seus avanços, suas fragilidades e suas perspectivas futuras na reconstrução de sua proposta pedagógica a partir de um olhar crítico sobre si e sobre as suas relações. Entende-se que ao reconhecer o papel da educação ambiental crítica, enlaçada nas concepções pedagógicas já discutidas, é possível contribuir com a percepção docente de que mesmo em um ambiente inovador é preciso assumir que ainda carrega-se muito da concepção tradicional e isso precisa ser rompido. A educação e prática educacional são construídas a partir das relações sociais que se dão entre os sujeitos respeitando suas singularidades e sua cultura, a partir dessa análise pode-se construir uma proposta pedagógica inovadora que tenha as questões ambientais e a educação ambiental como inerentes ao processo construído nos princípios éticos e democráticos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M et al. **Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas**. I Marco Conceitual: Escolas Inovadoras: Revisando a Bibliografia - Brasília: UNESCO, Ministério da educação 2004.
- ALVES, R. **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2003.
- ARROYO, M G; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. (orgs). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 out. 2020.
- BRASIL. **Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002**. Regulamenta a Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências. Pleno Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 11. Ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 21 jul. 2019.
- BRASIL. **Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981**. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6938.htm. Acesso em: 10 out. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP Nº: 8/2012**. Processo: 23001.000158/2010-55. Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Diário Oficial da União, 30 maio 2012, Seção 1, p. 33.
- BUENO, A; PEREIRA, E. Educação, escola e didática: uma análise dos conceitos das alunas do curso de pedagogia do terceiro ano – UEL. In: JORNADA DE DIDÁTICA, 2. SEMINÁRIO DE PESQUISA DO CEMAD, 1., 2013., Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade de Londrina, 2013, p. 349-362.
- CARVALHO, I. Movimentos sociais e políticos de meio ambiente: a educação ambiental onde fica? In: SORRENTINO, M.; TRAJBER, R.; BRAGA, T. (orgs.). **Cadernos do III Fórum de educação ambiental**. São Paulo: Gaia, 1995.
- CARVALHO, I.C.M. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.

COSTA, C. A.; LOUREIRO, C. F. A interdisciplinaridade em Paulo Freire: aproximações políticopedagógicas para a Educação Ambiental crítica. **Revista Katálysis**. Florianópolis: UFSC, v. 20, n. 1, p. 111 – 121, Jan./Abr., 2017.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez; 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2003.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social** . São Paulo: Atlas S/A, 2008.

GUARDA, N. S.; OLIVEIRA, A. A. S. Escola da Ponte: um exemplo de escola inclusiva. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 4., 2007, Londrina. **Anais [...]** Londrina, 2007, p. 1-8. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2007/195.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

GUIMARÃES, Mauro. Por uma educação ambiental crítica na sociedade atual. **Revista Margens Interdisciplinar**, [S.l.], v. 7, n. 9, p. 11-22, maio 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2767>. Acesso em: 21 ago. 2019.

LAYRARGUES, P. P. Para onde vai a educação ambiental? O cenário político-ideológico da educação ambiental brasileira e os desafios de uma agenda política crítica contra-hegemônica. **Revista Contemporânea de Educação**, vol. 7, n. 14, agosto/dezembro de 2012.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. da C. As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Revista Ambiente e Sociedade**. São Paulo, v. 17, n. 1, p. 23-40, jan-mar, 2014.

LEFF, E. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. **Educação e Realidade**, v. 34, n. 3, p. 17-24, 2009.

LIBÂNIO, J. C. **Organização e gestão da escola**: Teoria e Prática. Goiânia: Alternativa, 2001.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: Teoria e Prática**. Goiânia: Alternativa, 2004.

LIBÂNEO, J. C. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? *In*: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (orgs.). **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 53-79.

LIMA, G. Educação, emancipação e sustentabilidade: em defesa de uma pedagogia libertadora para a educação ambiental. *In*: LAYRARGUES, P. P. (coord.) **Identidades da educação ambiental brasileira** / Ministério do Meio Ambiente. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LOUREIRO, C; TOZONI-REIS, M. Teoria social crítica e pedagogia histórico-crítica: contribuições à educação ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**. Especial, julho/2016.

MINAYO, M. C. S. Hermenêutica-dialética como caminho do pensamento social. *In*: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. (Orgs.) **Caminhos do Pensamento: epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

NOGUEIRA, Christiano. **As concepções de homem, natureza e trabalho de alunos dos cursos de técnico em meio ambiente e tecnólogo em Gestão Ambiental do Campos Pelotas- Visconde da Graça do Instituto Federal SulRio-Grandense**. 152 f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande. 2015.

NOGUEIRA, C. Education for Sustainable Development and Conceptions of Environmental Education in Brazil: possible approaches. **Journal of Education for Sustainable Development**, v.12, n.1, p. 47- 58, 2018.

PRODANOV, C.; FREITAS, E. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12 n. 34, p. 152- 180, jan./abr. 2007.

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação e movimentos sociais do campo: a produção do conhecimento no período de 1987 a 2007**. Curitiba: UFPR, 2010.

TREIN, Eunice S. Educação ambiental crítica: crítica de que? **Revista Contemporânea de Educação**, v. 7, n. 14, ago.-dez. 2012.

**APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES DA PROPOSTA
INOVADORA DA ESCOLA MUNICIPAL JOÃO GERMANO MACHADO.**

Juliano Ferreira de Moraes.

1- O que é educação, processo de ensino e aprendizagem na sua compreensão?

Compreender o que o professor pensa sobre o cotidiano escolar no qual ele faz parte e age e reage nesse contexto.

2- Qual é o seu papel de professor no contexto escolar onde está inserido?

Promover uma reflexão sobre si em relação ao todo.

3- Qual sua compreensão de Escola Inovadora?

Nessa questão o professor reflete sobre onde ele este qual o seu papel diante dos desafios de promover um ambiente acolhedor e de conhecimento que está sempre em movimento.

4- O que são Meio Ambiente e Natureza? Há diferenças?

O objetivo da questão é verificar os diversos conceitos que irão depender da fonte e dos próprios saberes. Na questão pode-se levar a entender as relações Ser Humano- Natureza e a compreensão da cisão entre eles.

5- Você concorda com campanhas de educação ambiental relacionados a água, resíduos e outros? Por quê?

A intenção aqui é verificar a forma que o professor entende, relaciona e vivencia essas temáticas o que por fim reflete no processo de conscientização ambiental.

6- Há diferenças entre lixo, resíduos e rejeito?

Busca-se entender a relação em que o professor faz sobre o lixo, e suas relações com a reciclagem e reaproveitamento e quando não se tem outra finalidade senão o descarte.

7- Para se falar em Educação ambiental é importante termos em mente que ações antrópicas e naturais podem gerar impactos ambientais. O que é impacto ambiental? É possível que a sociedade na atualidade sobreviva sem impactar o meio ambiente?

A intenção é compreender o conceito que o professor tem do que vem a ser impacto ambiental. Perceber se este relaciona o impacto ambiental com a força de produção e que está ligado ao meio de produção capitalista. E que Ser Humano e natureza se inter-relacionam e um age sobre o outro e ambos saem transformados.

8- Existem áreas de preservação ambiental em nosso município e região? Quais? Qual é a importância de se preservar tais espaços?

Essa questão leva ao reconhecimento de pertencimento a um local e a função de colher dados que facilitem o acesso, reconhecer o elo capitalista entre esse preservar.

9- Quais problemas ambientais a humanidade vem enfrentando? O aumento da pobreza está ligado aos problemas ambientais? Explique.

Essa questão leva a um nível de reflexão, pois o homem age sobre a natureza e ela sobre o homem, e destas relações advêm problemas muitas vezes difíceis de se encontrar resposta.

10-Você está conseguindo a fazer a sua parte e diminuir os problemas de ordem ambiental imediato, médio e longo prazo?

Proporcionar uma reflexão sobre o eu frente as questões ambientais, devolvendo o sujeito a natureza.

11-Como você entende a interdisciplinaridade quanto a problemáticas ambientais?

Busca-se o entendimento de como o professor relaciona as temáticas ambientais com as outras áreas do saber.

12-Qual é a importância da educação ambiental no contexto da nossa Escola que tem como cerne uma metodologia diferenciada de trabalho, onde os espaços e tempo de aprendizagem são múltiplos?

A escola espelhada na Escola da Ponte, tem sua metodologia diferenciada, os conteúdos não são sobrepostos, não há salas de aula e nem aulas/tempo conforme a aula tradicional. Nesse viés buscamos entender a importância que esse professor dá a educação ambiental nesse contexto inovador.

13-Qual é a sua compreensão sobre Educação Ambiental?

Aqui se faz necessário perceber qual é a concepção de Educação ambiental que o professor tem de Educação Ambiental e o seu papel no cotidiano pedagógico de trabalho, e a importância que este dá aos temas correlacionados a Educação Ambiental.

As entrevistas ocorreram em três etapas, sendo a primeira a mais exitosa com maior número de entrevistados, a segunda após a percepção dos mesmos quanto a seriedade do teor acadêmico houve receio por parte dos professores uma certa resistência por parte dos demais em participar.

TRANSCRIÇÃO DO QUESTIONÁRIO E DA ENTREVISTA:

A 1 – Geografia.

1- (Então professor – fala do entrevistador) O que é educação, processo ensino-aprendizagem na tua compreensão?

Educação pra mim é assim prepara, primeiro é bem complexo penso que não é uma coisa tão simples, não é um conceito fechado isso também eu acho que vai variar o que o que é ... parece que vai variar de um lugar pro outro né ... A educação, eu penso que a educação ela é algo que prepara o cidadão para conviver naquela sociedade a qual ela tá inserida numa maneira plena né ou tentando buscar aquilo vá de ser cidadão, de compreender a complexidade da sociedade, de ter entendimento sobre ele enquanto sujeito, de ter o respeito com os demais então tudo envolve esse coletivo acho que a educação é isso daí, assim num conceito mais aberto tem mais uma pergunta? (O entrevistador: O processo ensino aprendizagem?) O processo ensino-aprendizagem também penso que o processo ensino aprendizagem pra mim é aquele que envolve o cidadão caso sujeito aluno né enquanto ele parte do processo em que a troca de informação da leitura que ele já tem de mundo do que está sendo ensinado pra ele, na interação com... com o educador, o educador eu vejo nesse processo de ensino-aprendizagem, eu vejo o educador como ele é o que vai dar o start, o mecanismo, os meios para que aquele sujeito ele consiga construir né e desenvolver a... ele precisa no momento em que for falar da disciplina ou se for que ele tá aprendendo né ... então eu acho... por isso que quando ele fala processo ele tem todo um ...é toda uma metodologia né independente de qual se use qual que ... e também eu vejo numa visão mais ampla processo como a todo momento, então o sujeito pode tá aprendendo num ônibus, num ponto de ônibus esperando respeitando de repente o cara que tá do lado que tá se ele de repente tá conversando muito alto atrapalhando o outro que tá fazendo uma leitura, então todo o meio acho que a pessoa tá de alguma maneira mesmo que não haja o sujeito ali te mostrando o que tem que fazer esperando o sujeito que faz uma leitura ele vai tá aprendendo de alguma maneira, então por isso acho que é um processo, não é... não envolve só, acho que escola é uma parte dela.

É ... próxima pergunta então professor:

2- Qual é o seu papel de professor no contexto escolar onde você está inserido?

Então, Juliano, eu assim ó, isso é uma coisa... isso é uma coisa que eu acabo tentando compreender sabe? Percebo que assim no início talvez isso vai envolver as questões que eu já trouxe, o que que foi a faculdade, o que que foi a escola pra mim no período de né? Que eu cursei como pra ser professor e tal eu percebi assim que o um conceito, na minha visão sobre o meu papel na escola ele foi assim mudando, evoluindo entende.... Hoje, hoje, Eu Rodrigo hoje entendo que o meu papel é esse de tá despertando no aluno, não sei se é a palavra mais correta que seria né, mas fazer com que, esse aluno como sujeito mediador né do conhecimento de fazer com que o aluno crie interesse e aí instruindo ele, ajudando ele dando ferramentas pra que ele consiga dentro daquela despertar dele ele consiga é de uma maneira responder as expectativas deles e ter o entendimento daquilo que ele tem que aprender. Então, claro que não., aí fala também numa visão mais ampla do que é o meu papel na escola eu acho que envolve muitas questões né, é uma variável muito grande, é desde mostrar pra ele o conhecimento científico e de mostrar pra ele a importância de ele ter várias leituras e entender vários contextos pra poder chegar a um resultado, a um pensamento , de repente um pensamento crítico por exemplo ah se eu sou de esquerda ou se eu sou de direita numa questão política eu tenho que saber o que é a direita e o que é a esquerda , não adianta eu só me posicionar de um lado, eu tenho que compreender ah ah se ele de repente ouve que o primo dele fala da terra plana, pra ele discutir com ele é hiper-interessante ele entender o que o cara quer trazer, então eu penso que o professor ele tem esse, hoje eu Rodrigo, o meu papel é esse daí neste momento.

3- Qual é a sua compreensão de Escola Inovadora?

A minha compreensão de Escola Inovadora é uma compreensão ... eu penso que ela sai do... daquele método cartesiano nas quais a sociedade onde ela está inserida, no caso nós falando de território né por exemplo no Brasil uma metodologia que é uma prática comum né que já vem já ao longo do tempo sendo feito daquela maneira e aí a Escola Inovadora ela vai fazer com que esse método, ele seja

diferente do tradicional e ao mesmo tempo ele vai acompanhando realmente as necessidades que a sociedade tem naquele momento né, eu penso que é a sociedade que era... falando de Brasil, a sociedade que era lá na ditadura ela era diferente de repente a Escola teria que ter um papel diferente do que foi nos anos 90 ou pós ditadura militar, o que a sociedade é hoje como por exemplo eu percebo a dificuldade que existe a sociedade em lidar, o próprio aluno, o próprio pai em casa, a mãe com a tecnologia. Porque a tecnologia pode te ajudar e ela pode te atrapalhar. Então a Escola Inovadora penso que ela também tem que trazer todas estas questões, ela tem que acompanhar a sociedade, como a sociedade pensa, não é só um método em si, eu penso que a filosofia dela também tem que ser né, no caso na escola, posso falar da escola? ... Na Escola onde estou inserido agora João Germano que tem uma Proposta Inovadora, ela visa a autonomia do aluno, ela visa trabalhar o aluno como um centro, não do professor para o aluno, mas do aluno para o professor, pra mim isso já é diferente, já é inovador, sai daquele método cartesiano.

4- (Professor – fala do entrevistador) **O que é meio Ambiente e Natureza? Há diferenças entre meio ambiente e natureza?**

Geograficamente falando sim, geograficamente porque pode falar que natureza é da pessoa, pode ser várias questões, claro que isso aí é uma discussão, uma reflexão muito mais complexa, vou tentar deixar mais concreto. Concretamente falando meio ambiente é todo ambiente que o homem vive, o ambiente o qual a gente está inserido, o meio ambiente é natureza, meio ambiente ele é construção, meio ambiente acho que a relação espaço geográfico vou falar já de Milton Santos na questão de espaço geográfico de que tudo é o meio é até as vezes as pessoas confundem um pouco meio ambiente com só natureza. É normal tu chegar pra um aluno ah faz um... desenhe um meio ambiente aí. É natural que ele vai fazer algo que seja totalmente natureza né, praia, uma ilha, mas não meio ambiente pode ser uma cidade São Paulo, São Paulo é meio ambiente, o que vai mudar como a sociedade... até penso que a cidade é uma construção do homem, ele constrói um ambiente pra ele se adaptar as questões da natureza e da evolução dele né ah e Natureza aí já é algo mais envolvendo a questão natural né, não a questão construída bom, eu ... eu poss... eu a gente partiu pra duas linhas, não sei se a

biologia é assim, mas na geografia posso ver assim o ser humano é como talvez que ele não faça parte ali a gente pode pensar assim, porque a partir do momento que eu ouço numa entrevista de que um jacaré lá na Baía de Guanabara atacou uma criança aí o repórter foi perguntar lá pro biólogo o rapaz da FATMA lá, ele falou ah o jacaré atacou a criança porque a criança estava no ambiente do jacaré certo, mas tá aquele ambiente é do jacaré, o frio lá é do urso polar, aqui é da águia, Qual é o ambiente do ser humano? Tem ambiente ou será que ele entra como um todo? Aí é uma discussão mais né do que é natureza. Eu penso que a natureza é voltada mais pro natural e meio ambiente. (Tá Boa suas respostas – fala do entrevistador).

5- (Professor como geografo né – fala do entrevistador) Você concorda com campanhas de educação ambiental relacionadas com água, resíduos e outros? Por que?

Eu concordo, só discordaria do método que é feito muitas vezes que é algo acabado, que é algo que é pra aquele momento, ah vamos fazer Dia do Meio Ambiente, uma semana do meio ambiente aí faz cartaz, não se torna significativo pra o dia-a-dia do aluno, da criança, das pessoas, aí pode envolver a família também, a comunidade. Penso que funciona a partir do momento que você torna aquilo ali significativo né. De alguma e de alguma maneira pra aquela pessoa se torna importante, ela faça reflexão e veja que realmente ela fazendo diferente ela pode mudar não o mundo, mas o ambiente onde ela tá vivendo, o lugar onde ela tá vivendo, o local onde ela tá vivendo, a casa dela né ... porque se tu falar veja lá vamos economizar água, vai dizer não, mas peraí se eu economizar água as indústrias também tem que economizar água, (ruído inaudível) economizar água no planeta, agricultura, agropecuária, irrigação, aí tá o que é eu perto disso tudo? Mas também pode pensar então, mas se eu economizar água vou economizar um pouco de dinheiro, eu vou ter que falar com propriedade porque eu tô fazendo a minha parte né, é a mesma coisa que a gente fala da corrupção, o problema da corrupção são os corruptos, os políticos daí o cidadão na prática dele do dia-a-dia ele faz um tipo de corrupção, de alguma forma ele burla alguma coisa, então a educação ambiental pensa na mesma coisa, da mesma forma se for daqui desse jeito só pra aparecer fizemos e a escola fez acho que não é muito significativo , agora se ele é

feito de uma maneira mais que faça nesse entendimento, nessa reflexão eu acredito que funciona

6- (Professor – fala do entrevistador) Há diferenças entre lixo, resíduos e rejeito?

Sim. É Lixo, resíduo e rejeito? (Isso – entrevistador) Tá eu entendo que lixo é tudo aquilo que realmente... realmente você não consiga de alguma maneira reaproveitar, resíduo eu penso que é algo que de repente aquilo que residual que sobrou de alguma coisa ou na alimentação ou sobrou no que tu tá fazendo ou ele vai ter um descarte, ele pode ser reutilizado de repente pra uma outra coisa. E a outra era? (Rejeito – fala do entrevistador) Acho que é ... eu vou confundir um pouco o que é rejeito o que é resíduo. Penso que rejeito porque assim óh quando eu trabalhava Multibrás existia o rejeito de uma placa de alumínio que entrava numa máquina ela fazia os cortes e tinha um resto eles chamavam de rejeito, de alguma maneira aquilo lá não tinha serventia nenhuma, mas um cidadão lá da fábrica descobriu um método que eles começaram a reaproveitar aquilo ali né, então o rejeito acabou voltando de alguma maneira, então não sei se acho que é isso aí.

7- (Professor – fala do entrevistador) O que é impacto ambiental?

Impacto ambiental eu penso que aquilo que acaba tirando a funcionalidade normal do ambiente onde ele tá, onde aquilo acontece, seja na atmosfera, seja na água, seja na biosfera, seja (não completou a frase). A partir do momento que você tem o ciclo normal das coisas ali, naquele momento que uma atividade, não só humano, pode ser de um animal que não faz parte local, que ele danifique aquele ambiente ali, deixe de ser natural na sua essência, na sua organização ali, eu penso que isso já é um impacto.

(E pensando nisso, nessa resposta sua de impacto ambiental – fala do entrevistador.) **É possível que a sociedade na atualidade sobreviva sem impactar o meio ambiente?**

Sem ... Eu penso que não, penso que pode reduzir através de sustentabilidade, (ruídos inaudíveis), secretarias de meio ambiente, penso que ele pode diminuir o impacto né, mas no ritmo que tá porque é que o entendimento que eu tenho de sustentabilidade é assim a hora que a humanidade olhou pro negócio

falou assim pow nós temos que cuidar porque vai faltar agua, enchentes nas grandes cidades, poluição, no ar, isso aqui. Temos que repensar... temos que pensar sobre isso, só que aí é o seguinte nós não precisamos voltar pra idade da pedra, nós temos que pensar em como viver do jeito que nós já vivemos, mas de uma maneira em que você sempre tenha isso para outras e outras gerações, pra que você consiga manter isso, porque senão vai chegar uma hora em que isso não vai existir mais esse tipo de coisa e que vá fazer falta realmente pra vida dos animais das plantas e seres humanos. Acho que minha maneira, minha visão né que é sustentabilidade é isso daí, mas viver sem acho que não tem como, ruídos inaudíveis).

8- (Professor agora um conhecimento mais regional nosso aqui – fala do entrevistador) **Existem áreas de preservação ambiental em nosso município ou na região?**

Sim.

Quais? (Fala do entrevistador)

Parque Estadual do Acaraí, APP.

(E Pro Senhor- fala do entrevistador) **Qual é a importância de preservar estes espaços?**

Eu penso que é uma maneira de você melhorar até mesmo a qualidade local né normalmente claro que tanto é que hoje existe a compensação de os países que poluem muito a atmosfera vão lá e ajudam com dinheiro, com financiamento em muitos locais totalmente diferente em outros continentes e tal, uma questão global, é mas eu acho que principalmente local eu acho extremamente... de extrema importância, que você vai ter um impacto ... (não concluiu a frase) é uma pressão a menos sobre o ambiente né, vamos falar aqui da ilha de São Francisco do Sul né a especulação imobiliária versus desenvolvimento versus meio ambiente versus natureza é se tu permitir que o parque é 1/3 quase da ilha né (ruídos inaudíveis), é 1/3 do nosso município quase, você impede que o homem coloque um monte de arranha céus, asfalto, esgoto tudo é uma maneira que tá contribuindo para que preserve ali um ambiente natural ali.

9- Quais problemas ambientais a humanidade vem enfrentando?

Ambientais? (É – fala do entrevistador) Poluição da água, acho que é forte, dos mananciais, dos rios, isso tá muito evidente, é muito sério, nas grandes cidades poluição atmosférica né, pensar que tem cidades na China que chegaram a entrar em alerta vermelho pensando em poluição atmosférica aí a gente envolve outros eu penso também poluição sonora na cidade grande os elementos são altamente agressivos com as pessoas, a poluição sonora, aí tem outros que aí tá envolvendo acidentes como poluição de radioatividade, questões assim, acho que estas seriam.

O aumento da pobreza está ligado a problemas ambientais? (Você acredita que possa ter essa ligação? – complemento do entrevistador)

Como assim a pobreza ... o problema ambiental aumenta a pobreza? (É ... pode ter uma ligação com o aumento da pobreza – fala do entrevistador) Por vários aspectos, vou citar dois: primeiro sobre a exploração do ... (não completou a frase) porque a gente não tem problemas ambientais seríssimos com a renda da África por exemplo né explorando a mão de obra lá tem ... assim como ao contrário, ao contrário tipo o sujeito enquanto, eu não digo pobre de financeiro, mas pobre de conhecimento, vão envolver outras coisas que envolve a pobreza né, ele não tem essa consciência as vezes que aquilo que ele tá fazendo ele, o lixo que ele joga na rua dele, no espaço dele, o ambiente em que ele tá vivendo tá totalmente poluído vai trazer consequências diretas pra saúde dele, pra vida dele né, então eu acho que meio que tá relacionado.

10-Você está conseguindo fazer a sua parte diminuir os problemas de ordem ambiental imediato, médio e longo prazo?

Eu penso Juliano que eu poderia tá fazendo mais entendeu? Eu seria muito prepotente de falar que sim, (risos), muitas coisas do meu hábito eu teria que praticamente excluir que eu sei que é coisa que foge, não é meu ali, mais o meu consumo por exemplo né, são várias coisas que provavelmente se eu falar de (inaudível) negócio eu tô contribuindo de alguma maneira, mas penso que na

medida do possível as coisas que estão mais diretamente ligada tanto ao meu discurso como a minha pratica ser possível de alguma maneira contribuir para não passar o inverso do que é a sociedade.

11-Aqui dentro da nossa prática da escola aqui. Como você entende a interdisciplinaridade quanto as problemáticas ambientais?

Ah se isso acontece aqui ou como eu entendo? (Como você entende, teu entendimento – complemento do entrevistador) Aí que tá é, eu penso que quando tu fala de ambientais e meio ambiente não pode separar por disciplina porque você tá falando de um todo, meio ambiente é um todo, então a interdisciplinaridade ela é extremamente importante para o funcionamento, eu vejo por exemplo uma situação no passado do desenvolver de um projeto relacionado ao meio ambiente ah que isso aí é de Geografia, isso aí é de Ciências, não eu jogo aqui o lixo aqui, mas o professor tem que ficar fiscalizando, ah eu faço isso aqui, mas o professor lá ele é responsável, mas acho que isso atrapalha porque não parece que é responsabilidade de todos, mas parece responsabilidade de alguns ou de algumas disciplinas.

12-Qual é a importância da educação ambiental no contexto da nossa Escola que tem como cerne uma metodologia diferenciada de trabalho, onde os espaços e tempo de aprendizagem são múltiplos?

Eu tô pensando que é mais fácil de você aplicar, desenvolver não tenha a mínima dúvida, muito mais complexo você desenvolver um projeto ambiental principalmente interdisciplinar e que envolve várias disciplinas no colégio como um todo, isso eu tô falando desde a merendeira, desde a moça da limpeza, desde a comunidade escolar é ... é muito mais fácil nosso modelo de escola você aplicar isso, porém eu vejo ainda uma dificuldade de professores de lidar com isso, de ter esse entendimento de lidar com essa, eu acho que se pela escola que viemos, escola tradicional, mais penso que se o professor tivesse as vezes o entendimento melhor sobre essa questão acho que significaria mais.

13- Qual é a sua compreensão sobre Educação Ambiental?

Agora vou ser repetitivo em algumas falas, Educação ambiental é desde de higiene, desde saúde mental, desde saúde do corpo física, desde alimentação, aí tu vai pra questões ambientais relacionadas a natureza, resíduos, lixo. Eu acho, eu penso que a educação ambiental porque que eu falei disso, porque falando assim dá pra ver a complexidade tão quanto é importante a educação ambiental como um todo, ela deveria ser assim, tanto é que ... no currículo ela entra como transversal, tema transversal, justamente para dar essa possibilidade que ela é, acho que o meio ambiente é a saúde da humanidade, saúde do cidadão.

B 2 - Artes.**1- (Professora pra você – fala do entrevistador) O que é educação, processo ensino-aprendizagem?**

Educação no sentido de um sistema educacional eu acho né das políticas que envolvem a educação no país. Ensino-aprendizagem é troca com os alunos né, então do professor passar ou instigar o conhecimento no aluno, o aluno te dá uma resposta né ou a princípio né te demonstra o que ele aprendeu ou não e vice e versa eu também aprendendo com o aluno né no dia a dia.

2- Qual é o seu papel de professora no contexto escolar onde você está inserida?

Mais como uma tutora né, então dentro no sentido da nossa metodologia da escola eu tenho a função de tutora de 15 alunos e também de professora de artes, mas não exerço uma “aula de artes” (ênfase dada na fala da professora) né eu instigo o aluno a conhecer sobre a arte estímulo a pesquisa no sentido de conhecimento sobre o que cabe no assunto que ele escolheu, mas não sou eu que detenho a disciplina, que vou dar uma aula né.

3- Qual é a sua compreensão de Escola Inovadora?

Numa Escola que além de receber a comunidade de estar aberta as pessoas de fora e a comunidade estar participando juntamente, os alunos também estarem acessando outros espaços de conhecimento, para obter conhecimento né numa metodologia diferenciada daquela em que o aluno pode escolher pra si o que, o foco né, o seu tema gerador ou o assunto que ele traz curiosidade e a gente interceder né? nesse processo para aprendizagem dele.

4- (Pra você como Professora de Artes você acredita que – fala do entrevistador) Há diferenças entre Meio Ambiente e Natureza?

Não. Acho que não. Eu entendo o meio ambiente como um todo né, em todos os aspectos. A natureza também né? A gente tá inserido na natureza (risos) a

natureza é o meio ambiente né no sentido da minha interpretação né, talvez no sentido da biologia, no sentido da (não completou) ela tenha diferença, mas no meu ver a natureza e o meio ambiente um faz parte do outro.

5- (Você como professora, tutora- fala do entrevistador) **Você concorda com campanhas de educação ambiental que são relacionadas com água, com resíduos e outros?**

Não.

Por que? (Entrevistador)

Porque eu acho que não são ações efetivas que realmente é, ensinam, educam pro meio ambiente, são ações que vão sim falar sobre os assuntos, esclarecer dúvidas, mas ela não é uma coisa, não é frequente, ela não e, o aluno recebe aquilo muito superficialmente, então as vezes ele não faz a compreensão real necessária, entende a necessidade real daquilo, pra ela é mais uma palestra, é mais um ..., ela não é efetiva dentro do aprendizado né. Eu acredito numa educação que insira isso no processo educacional do aluno no andar dele escolar dele né, não com ações a parte, concursos, etc.

6- Há diferenças entre lixo, resíduos e rejeitos?

No ver da palavra né tem uma diferença, mas quando a gente trata com o aluno essas palavras elas ganham quase que o mesmo sentido assim né. Pro aluno é difícil você falar rejeito, lixo e resíduo né pra ele tudo isso concebe o lixo né. A gente entende que tem diferenças não tão abrangentes mais que... (não completou).

7- O que é impacto ambiental?

Eu acredito que são ações é que gerem danos ao meio ambiente efetivos né. Então impacto ambiental é algo que é um é o que acontece no todo e que dificilmente tem um retorno. É um impacto é o que aconteceu e que vem dessas ações das pessoas, das interferências.

É possível que a sociedade na atualidade sobreviva sem impactar o meio ambiente? (Entrevistador)

Difícil né. Porque tudo que gente ... é possível desde que se mudasse a concepção social, cultural, política né, econômica, por isso que eu acho que ela se torna mais difícil de acontecer né.

8- (Mais nosso aqui) Existem áreas de preservação ambiental em nosso município ou em nossa região?

Existem. Parque do Acaraí é um exemplo de uma área de preservação permanente né, e eu sei também que tem as áreas de preservação como que e o nome? PA ... enfim ... mas tem.

Qual é a importância de preservar estes espaços?

Porque são espaços que já passaram por estudos né, e fica evidente que se forem impactados é a gente vai ter uma grande perda, não só ambiental dos benefícios dessa área pro meio ambiente em geral né, mas como fonte de conhecimento. Exemplo o Parque do Acaraí nós temos o Sambaquis que ficam preservados por serem uma área de preservação permanente, então ali a possibilidade de estudos históricos né, não é só uma questão ambiental, é uma questão cultural né e de estudo que ali se proporcione então das universidades estarem estudando esse meio ambiente, esse espaço que foi preservado, mas que sofre interferência urban.. Humana né, mas nesse sentido.

9- Quais problemas ambientais a humanidade vem enfrentando?

Existem vários né, mas assim o que grita mais assim pra mim que eu observo e vejo mais são os resíduos dos oceânicos né, o plástico ne, o microlixo, é porque mexe com a vida marinha né ... interfere em todo o meio ambiente em todo, em todos os ... no planeta todo né, mas assim o desmatamento também né, a extinção de espécies, de animais né também são ... (não completou).

O aumento da pobreza está ligado a problemas ambientais?

Talvez. (Existe uma explicação? fala do entrevistador). Se a gente for pensar no todo né, (Pausa Silêncio por uns instantes), eu não sei te explicar assim é em todos os pontos assim o como ou o porquê que, mas eu acredito que sim que faz interferência. Quando eu penso quem explora por exemplo na Amazônia o desmatamento a gente tem o grande empresário né, mas quem tá na ação ali desmatando são pessoas é até que passam por processos de escravidão, por trabalho forçado com condições..., então talvez nesse aspecto de não entendimento, de não compreensão desses espaços e por falta de acesso ao conhecimento da importância do meio ambiente né é, ele esteja nesse trabalho né, que talvez se ele não necessitasse e compreendesse a importância desse meio ambiente, ele talvez não agiria contra o meio ambiente né, mas eu fico em dúvida, não sei te responder direito essa questão.

10- Você está conseguindo fazer a sua parte diminuir os problemas de ordem ambiental imediato, médio e longo prazo?

Eu tento é... minhas ações não são significativas e grandiosas, mas dentro da minha casa eu separo o resíduo reciclável do resíduo orgânico eu já faz... Quando eu compreendi a questão do consumo e eu entendi o meu papel nesse consumo, então eu tento consumir menos né, resíduos plásticos e alimentos e as roupas eu compro em brechó, então eu tento quebrar esse ciclo de consumo né, eu acho que essas são as minhas ações mais que fazem uma pequena diferença.

11-Como você entende a interdisciplinaridade quanto as problemáticas ambientais?

Eu acho que problemáticas ambientais entram em discussão de qualquer disciplina né, na posição que eu estou hoje que não é de professora de artes, mas de tutora de alguns alunos, essas discussões são extremamente relevantes. Porque pouco importa a área específica que eu trabalho né. Essa concepção de meio ambiente né é uma concepção que deveria...que é humana né, não é o professor de Ciências que detém esse conteúdo ou ...Qualquer pessoa que compreenda né essas dificuldades do meio ambiente observe o tanto de resíduos que é descartado, esses problemas ambientais que estão acontecendo, os nossos consumos né. Ele

vai entrar em discussão com o aluno, o aluno vai trazer esses assuntos né para as discussões. Então eu acredito que não é de uma disciplina é dos humanos né que querem existir e a gente sabe que com os problemas que nós mesmos estamos gerando o planeta suportar pra sempre né. Então demonstra que a nossa exploração e o uso do planeta já é ... (não completou).

12-Qual é a importância da educação ambiental no contexto da nossa escola que tem como cerne uma metodologia diferenciada de trabalho, onde os espaços e tempo de aprendizagem são múltiplos?

Ela tem que acontecer né, eu acho que assim fazendo uma comparação com a questão do meio ambiente como por exemplo, como que eu posso te explicar, fazendo uma comparação do meio ambiente com qualquer outro assunto assim né. O meio ambiente ele é muito pertinente ele leva a outros assuntos, ele é um meio, ele não é um assunto, uma disciplina, um conteúdo, ele é um meio até para se discutir outros assuntos eu posso começar pelo meio ambiente né, porque o meio ambiente é onde eu estou inserido já né, não é só a floresta, não é só o parque, as reservas né, o meio ambiente também é o espaço da escola né, é tudo pertinente, não existe como separar o meio ambiente das pessoas né, das discussões do dia-a-dia, eu acho que ele tem que estar inserido em conjunto né. Ao mesmo tempo ele acontece ele vai surgir na discussão, ele vai surgir no pensamento já, sabe!? assim vem da gente né ou deveria, não sei se eu me expliquei direito.

13-Qual é a sua compreensão sobre Educação Ambiental?

Eu vejo ela como por exemplo a disciplina de cidadania né. Na verdade o meio ambiente explica a cidadania, então ele é mais amplo ainda, pelo meio ambiente eu explico cidadania, pelo meio ambiente eu consigo explicar história, pelo meio ambiente eu posso observar a arte, então é muito mais é o meio ambiente que abre as portas né pros outros assuntos, de fato o aluno compreender aonde ele está inserido e o meio ambiente que está ao redor dele e pensando assim no local pela primeira compreensão para entender e conceber essa questão de que a importância do que meio ambiente é né, do planeta, dos biomas, dos animais, enfim eu acho que podia partir tudo pelo meio ambiente assim pra acessar o

conhecimento, pra discutir as informações né, um bom cidadão vai compreender o ambiente vai respeitar o espaço natureza, ele não vai jogar lixo no chão, não vai pichar um muro que é uma poluição visual né, que é o nosso ambiente preservado que não é só a floresta.

B 1 - História.

1- Professora pra você: O que é educação?

Educação é um processo conjunto, coletivo e de mão dupla e é um processo de interação né e que visa ... mão dupla, desculpa, é aprendizagem, a aprendizagem está dentro do processo educativo e visa orientar e preparar alguém para algo né, esta é a educação quando a gente fala em educação em âmbito geral né e dependendo da cultura ela tem várias finalidades no caso né, na nossa sociedade respectivamente ela tem como referência padronizada de centro de educação a para o mercado de trabalho, para os estudos posteriores a escola, porém a educação é um processo que começa desde a casa, desde a família né e que é uma primeira instituição informal a qual a pessoa tem contato, depois a igreja e outras coisas e pôr fim a escola enquanto primeiro espaço formal que o indivíduo tem acesso.

E a tua compreensão de processo *ensino-aprendizagem*? (Fala do entrevistador)

Então ... (risos) como eu já coloquei lá na frente né, pra mim no caso o processo de ensino-aprendizagem é um processo de mão dupla onde o aluno aprende comigo e eu aprendo com o aluno.

2- Qual é o seu papel de professora no contexto escolar em que você está inserida?

Aqui eu tenho papel de mediador, de mediadora, onde eu tento onde o aluno vem com uma determinada curiosidade, uma determinada vontade eu tento orientá-lo para que ele possa sanar aquela dúvida, aquela curiosidade e despertar e ainda tento incentiva-lo e tento instiga-lo a ter outras curiosidades além daquela.

3- Qual é a sua compreensão de Escola Inovadora?

Então, a Escola Inovadora pra mim ela tem que de fato ser inovadora e de fato trazer algo diferenciado né? Para o aluno, algo diferenciado, lógico que o processo de aprendizagem ela vai, ele ocorre de diferentes formas porque quando

you want you can teach up to the trunk of a tree, but the Innovative School she requires study, preparation, requires will, interaction and help, we cannot make an innovative school alone, people need the help of public institutions, the secretary, the municipality, their own parents, the understanding, of having a unity also among the teachers of the institution, aiming to always offer the best for the student who is our clientele, the objective of everything and everything that is commerce, of everything that is business is always to please their clients to increase even more their profits we will say so, in our case while educators our students, our students, they are our clients, so people should offer, try to offer the best for them and the innovative school should offer some differential, for example if you go to a ... there are two snack bars to go, you have one that is the one you go to, you order, they serve you, you eat and go away, a very tasty snack and another you go to, you order, they bring you the snack, then they already offer you a coffee and that? that would be an innovative technique. Bring a differential, something new. Something new beyond what already would be the primordial. This for me would be the concept of innovator.

4- Para você: O que é Meio Ambiente e Natureza? Há diferenças?

So the environment is everything. The environment is that space where we are, involves natural goods and material goods. I think the environment ... the environment, the environment as a whole composed of natural parts let's say so and the part constructed by man, the joining of the natural space would be more or less so. And nature in the end would be the natural part, the natural landscape, not the cultural landscape, I think that nature is this, for example go to our trapiche there it is an example of natural landscape mixed with cultural landscape because the trapiche is cultural was made by man.

5- Você concorda com campanhas de educação ambiental que são relacionadas com água, com resíduos e outros?

Humhum. Sim. Acho bem interessante.

Por que? (Fala do entrevistador)

Acho interessante porque eles aprendem bastante porque são temas que fazem parte do cotidiano deles tanto lixo quanto a água, são coisas que eles se utilizam diariamente ou produzem diariamente como a questão do lixo. Acredito que eles aprendem bastante, porém na prática, a aprendizagem é ampla, porém, como eu posso te dizer depois, a prática, por exemplo ele vem aqui e fazem um trabalho lindo de reciclagem e tal, alguns vão pra casa, alguns alunos vão pra casa, poucos, e servem, como que a gente fala aquela palavra da pessoa que vai divulgando ..., disseminador dentro da sua casa, nos vizinhos, mas outros aprenderam aqui, fizeram aqui, mas não fazem utilização não colocam em prática aquilo que aprenderam na teoria.

6- Há diferenças entre lixo, resíduos e rejeitos?

Acho que sim. Eu acho que lixo é tudo o que o homem produz assim que pode ser descartado né. O rejeito não, o resíduo são aquelas coisas que podem prejudicar a natureza eu acho né, resíduos, como é que eu posso dizer, resíduos tóxicos, resíduos daqueles lixos residuais que falam daquelas pilhas aquelas coisas. Rejeitos são aquelas sei lá fossas, eu não sei (risos), mas eu penso que seja isso.

7- O Que é impacto ambiental?

Impacto ambiental é quando... a própria palavra já diz tudo, é quando alguma parte de determinado ambiente sofre uma agressão é, as vezes por causas naturais, as vezes por causas humanas, geralmente por ação humana. Por exemplo quando houve aquele fato da barcaça da NORSUL afundar ali foi um impacto bem... um impacto ambiental bem grande para Baía da Babitonga inclusive afetou economicamente a vida dos pescadores que ficaram vários, vários tempos sem pescar por causa do óleo que caiu no mar, mas por outro lado ajudou financeiramente outros que trabalharam catando esses resíduos na praia, aquelas bolinhas óleo na praia, esse foi um impacto bem grande. Tivemos também a questão da fumaça da Global.

É possível que a sociedade na atualidade sobreviva sem impactar o meio ambiente? (Entrevistador)

Ah precisaria de políticas, implementar políticas que... primeiramente precisaria de pessoas comprometidas com o meio ambiente, que no caso nossos governantes tivessem um comprometimento maior com a questão do meio ambiente para criarem, para que pudessem criar políticas públicas que viessem a não, que causassem agressões ao meio ambiente né tipo fizesse com que ..., estimulasse o crescimento do país, o desenvolvimento do país, porém de uma forma sustentável sabe, tipo assim implementando políticas né tipo quer abrir essa empresa tal são com essas regras porque pá pá pá.... pra não impactar o meio ambiente como nós temos aqui, lógico a gente pensa, eu penso muito muitas das ações que a VEGA faz são engodo tá, muitas das ações que a VEGA faz ali é engodo porque a VEGA diz que tem um parque ao redor ali da empresa e que a água que sai ali dela sai limpa e que cai limpa lá não sei aonde, olha a gente não sabe né , lógico a gente torce pra que realmente o que eles pregam, o que eles demonstram seja realidade que realmente onde cai a água que sai da VEGA saia tão limpa que nasça peixe, cria peixe e faz não sei o que, mas até que ponto isso é verdade a gente não sabe, mas desde que existam governantes comprometidos com a questão ambiental.

8- (Conhecimento mais nosso aqui – fala do entrevistador) Existem **áreas de preservação ambiental em nosso município ou em nossa região?**

Sim.

Quais?

Nós temos ali o Parque Acaraí né, que é uma área, que é um parque Acaraí. Existem várias áreas não especificamente no parque Acaraí, mas várias outras áreas que são consideradas áreas verdes do município em que são proibidos de vender, de construir e tal, tem várias, não tão extensas quanto o Parque Acaraí, mas nós temos sim.

Qual seria a importância de preservar estes espaços? (Entrevistador)

Eu acredito que uma forma além de beneficiar o nosso ... a nossa atmosfera ...o ar e coisa, porque tu já viu como as cidades que não tem arborização como as pessoas sofrem com a questão da respiração a dificuldade que elas tem de pra respirar, então pra melhorar a questão do nosso ar puro e também pra preservar

uma série de espécies da fauna e da flora porque tem determinadas espécies que só vivem em determinadas regiões e somente em algumas vegetações e coisas assim. De repente esse tipo de preservação da flora acaba muitas vezes beneficiando a fauna também né a diversidade da fauna.

9- Quais problemas ambientais a humanidade vem enfrentando?

É ... produção demasiada de lixo né, a questão da não utilização na prática dos 3 Rs porque falar até papagaio fala, o negócio é colocar na prática. É a questão do próprio aumento da camada de ozônio ... do buraco da camada de ozônio né, a poluição né, muita poluição e tal, o lixo nos rios, na ... as pessoas não tem de repente um lugar correto para jogar ou pra colocar seu móveis velhos colocam nos rios e quando enche ... quando chove enche tudo e vai tudo por água a baixo. Então assim é lixo em excesso a não que já é um problema daí assim ó ... o lixo em excesso já é porque as pessoas não tem a cultura de reutilizar de fazer os 3 Rs, muito daquele lixo que está lá no mar ou nos rios poderia ter sido reutilizado não é verdade? Poderia ser reutilizado as indústrias, as fabricas não precisariam fazer uma série de coisas, é uma sequência e estas coisas fossem utilizadas não estariam nos rios de repente causando enchentes causando uma série de coisas.

O aumento da pobreza está ligado aos problemas ambientais?

O aumento da pobreza??? (Existe uma ligação ou uma explicação – fala do entrevistador).

Eu creio que não. O aumento da pobreza, o fato das pessoas serem mais pobres. Não vejo essa relação porque olha só nós temos o Brasil praticamente é o dono do pulmão do mundo e a pobreza é um índice altíssimo. O problema da pobreza é a má distribuição de renda, má distribuição de verbas. O problema é mais de questão econômica mesmo não ambiental. De políticas, falta de políticas públicas de uma série de coisas.

10-Você está conseguindo fazer a sua parte diminuir os problemas de ordem ambiental imediato, médio e longo prazo?

Olha bem a médio e longo prazo (ênfase da frase). Porque eu tento separar o lixo na minha casa né, o pouco que eu posso fazer tento separar o lixo na minha

casa assim, o que daria pra reciclar, o que não daria pra reciclar, tento orientar as minhas meninas, tento falar na questão da reciclagem, procuro trabalhar com a questão de sustentabilidade, acho importante citar isso, até peço trabalhos com materiais recicláveis, mas poderia fazer mais, eu acredito que poderia fazer mais, mas a gente acaba digamos que assim se colocando numa, como que se diz a palavra, num espaço de conforto, a gente fica numa zona de conforto é tipo o problema não é meu né. Enquanto não estiver me afetando diretamente eu até tento fazer a minha parte não com a efetividade que que poderia fazer, eu acho que não está me afetando, a gente acha, na verdade isso vai afetar as gerações futuras meus filhos, meus netos, meus bisnetos e que ... preciso melhorar essa parte (risos).

11-Como você entende a interdisciplinaridade quanto as problemáticas ambientais?

Eu entendo como uma coisa bem importante para se trabalhar a problemática por exemplo a gente consegue através de uma temática de sustentabilidade, de temas ambientais vamos dizer assim você consegue trabalhar diversas áreas do conhecimento né, fazer com ... com todas você consegue, você pode fazer a inter e a multidisciplinar e não que você precise ser especialista em todas as áreas, tu consegue, a gente sabe que existe um muro entre as disciplinas, esse muro seria da especificidade de cada disciplina, mas não que você vá ultrapassar esse muro, mas você sabe o que você pode mais ou menos encaixar utilizar diferentes disciplina, por exemplo assim vamos trabalhar a questão do... posso falar do impacto ambiental, vamos pegar lá a questão do Vesúvio já ouviu falar? Lá na ...Foi lá na ... foi aquele vulcão lá na Itália que houve aquela coisa que acabou aterrando a cidade de Herculano e de Pompeia né, vamos supor aquilo ali se a gente fosse pegar aquele desastre ambiental e for puxar fazer um trabalho interdisciplinar em cima dá pra dá trabalhar a questão de química, física, matemática, geografia a própria localização, Ciências o que teria feito o vulcão entrar em erupção, quais as causas naturais, História porque qual era o contexto social e econômico daquela sociedade naquele momento, do que viviam. Eu acho que dá pra fazer um trabalho bem legal usando a interdisciplinaridade sempre partindo da questão ambiental né.

12- Qual é a importância da educação ambiental no contexto da nossa Escola que tem como cerne uma metodologia diferenciada de trabalho, onde os espaços e tempo de aprendizagem são múltiplos?

Educação ambiental eu acho que aqui bem mais que uma escola tradicional existe uma facilidade de trabalhar com essa questão da educação ambiental porque tu passa mais ..., bastante tempo com juntamente seus tutorandos que você consegue ter um diálogo maior com eles e ver o que eles, não é de forma superficial, mas você consegue ver o que eles pensam, o que que eles gostam, sugestões, tu escuta cada coisas assim conversando com eles, que eles tem muitas ideias pra preservar, como ajudar o meio ambiente, de repente faltaria, falta colocar projetos pra colocar em prática essas várias ideias que eles tem sobre temas de educação ambiental.

O que seria esses tutorandos?

Então tutorandos seriam grupos de 15 alunos de diferentes séries, de diferentes ciclos do ensino fundamental que estão reunidas em grupos de 15, então nós temos 3 do sexto, 4 do sétimo, 3 do oitavo e vamos supor 4 do nono ano é um exemplo e esses alunos recebem orientação do tutor no caso e o tutor estimula eles, orienta eles a passar pelos mais professores das outras disciplinas pra trabalhar com seus projetos dentro diferentes áreas do conhecimento para direcioná-las e tal e quando tem dúvidas eles vão aos professores das disciplinas específicas, mas sempre pedindo a orientação do tutor. Na verdade o tutorando, ele é uma espécie de aprendiz ou não é aprendiz é ..., aquela pessoa que você vai conduzir, que você tem a obrigação de conduzir, de orientá-lo até ele chegar em um determinado lugar, é como se você pegasse um pessoa que você tivesse a responsabilidade de fazer essa pessoa em determinado lugar, então tens que estar sempre alerta né, pra pessoa não se perder no meio do caminho, pra pessoa opa opa opa tu tá indo pro caminho errado volta aqui.

13- Qual sua compreensão de Educação Ambiental?

A minha compreensão de educação ambiental então entendo não muito sobre educação ambiental, mas dentro das minhas limitações e dentro da minha ignorância eu penso que é uma ... eu acredito que deveria até permitir ... não sei se

uma disciplina, não sei como, mas deveria ter como é um problema recorrente e é um problema que pode afetar e vai afetar as sociedades futuras. Eu acredito que deveria ter um tipo Educação artística sabe, tipo Ensino Religioso deveria um lugar na grade para que o aluno pudesse trabalhar efetivamente, constantemente com a questão de educação ambiental por ser ela de suma importância e uma... é algo que seria muito fácil de se trabalhar com o aluno porque estaria ligado diretamente ao cotidiano dele, todo o dia ele vive num ambiente, eles vão daqui pra casa eles vão olhando o lixo pelo caminho, vão vendo o mar, vão vendo as coisas, vão vendo o mangue principalmente na região em que eles moram aqui seria bem interessante pensar uma possibilidade, seria uma proposta e pensa quantos projetos e quanta coisa efetivas poderiam surgir.

A 3 - Língua Portuguesa.

1- O Que é educação?

Na minha visão educação é você apresentar ao educando as várias possibilidades que ele tem na vida, as várias possibilidades que ele tem de conhecimento, de adquirir conhecimento que ele já possui e ampliar esse conhecimento.

E o que ensino-aprendizagem na sua compreensão? (Fala do entrevistador)

Processo ensino-aprendizagem é fazer com que esse aluno tenha compreensão de adequar o conhecimento que ele tem do cotidiano com o conhecimento científico, ele tem que aliar os dois, saber adequar tanto o conhecimento do cotidiano quanto com o conhecimento científico, saber trabalhar os dois

2- Qual é o seu papel de professor no contexto onde você está inserido?

Dentro do projeto e dentro da minha vida profissional sempre foi direcionar o aluno, o educando que ele tenha sua opinião própria, que ele pense, que ele tenha possibilidade de adquirir a sua opinião, de ter a sua opinião sem a minha interferência, eu não gosto de fazer com que o aluno ele vá em frente da minha opinião que ele siga aquilo que eu penso, mas que ele possa seguir a opinião dele, que ele possa refletir e a partir daí ele ter a opinião dele.

3- Qual é a sua compreensão de Escola Inovadora?

A minha compreensão de Escola Inovadora é fazer com que esse educando possa estar inserido dentro da sociedade e ver o mundo científico mais amplamente fora do mundo didático do livro, que ele possa tá pesquisando, trabalhando mais amplamente a nossa realidade, a realidade dele, a realidade da vida dele fora do contexto didático sem nós estarmos presos a conteúdo e sim a sua realidade a aquilo que ele tem vontade de aprender, aquilo que ele gosta, aquilo que ele tem interesse de ver, a curiosidade.

4- (Essa aqui seria mais um pouquinho de meio ambiente e de natureza- fala do entrevistador) O que é meio ambiente e natureza? Há diferenças?

Eu vejo pra mim que meio ambiente é o ambiente onde nós vivemos né, a transformação que a gente causa a natureza, a natureza na minha cabeça funciona como ela, como que eu vou dizer assim, ela a natureza seria ela no seu habitat normal sem modificações e o meio ambiente são as transformações que nós podemos causar a ela, se você pensar numa floresta sem grandes mutações, ela ao natural, eu posso, na minha concepção ela tá ao natural é a natureza pura sem modificação e se você começa a penetrar nessa floresta e você começa a fazer transformações ou desmatamento você pode ali transforma-la e fazer mal ao meio ambiente que ali tenha o ecossistema e transformar com bairro e você começa a tornar ela social né, pra um fim social, moradia, etc.

5- Você concorda com campanhas de educação ambiental que são relacionadas com água, com resíduos e outros?

Concordo de uma maneira assim que você possa estar levando as crianças a pensarem né, só que deveria ser não só as crianças, mas pra todos porque nós podemos perceber que nossos governantes né, não só a sociedade deveria ser pra todos, a sociedade, mas a gente vê que a classe política em geral ela não dá muita atenção, ela não ... ela não respeita, ela faz com que a gente leve isso para as escolas, mas a classe política, aquele que detém o poder na mão, ela não contribui muito pra que realmente aconteça a transformação do meio ambiente, ela ainda contribuindo para que o meio ambiente seja devastado.

6- Há diferenças entre lixo, resíduo e rejeito?

Olha sei que tem, mas definir qual é a diferença eu não sei, mas eu sei que existe a diferença sim, mas eu não posso lhe dizer qual é.

7- O que é impacto ambiental?

Impacto ambiental na minha visão seria toda desgraça né que pode ser causada ao meio ambiente, a destruição ao meio ambiente. Quando eu penso meio ambiente é o ecossistema, qualquer tipo de ecossistema seja ele do maior para o menor, qualquer tipo de ecossistema que tem, que vive no meio ambiente, que vive ali

desde o micro ao macro destruído ali, qualquer um que causa uma destruição difícil de se renovar.

É possível que a sociedade na atualidade sobreviva sem impactar o meio ambiente? (Entrevistador)

Pergunta difícil de responder, mas como a esperança é a última que morre, a gente tem que ter esperança que sim... mais ... tem que ter esperança, mas eu acho meio difícil porque a sociedade mesmo tendo toda essa luta pra que faça com que o meio ambiente, se preserve o meio ambiente, a sociedade ainda continua não olhando com outros olhos pro meio ambiente, pro mundo que nos cerca né pra aquilo que nós precisamos sobreviver aqui né, pro mundo em geral, não só o meio ambiente como para as pessoas porque nós somos fazemos parte do meio ambiente também.

8- (Um conhecimento mais nosso aqui regional – fala do entrevistador) Existem áreas de preservação ambiental em nosso município ou em nossa região?

Existe. Existe algumas áreas aqui em São Francisco que são reservas ambientais, pena que algumas não são respeitadas.

Quais?

Nós temos aqui o Forte, não é uma reserva, deveria ser, mas vai ser construído o Porto. Nós temos a reserva do Acaraí que ainda é uma reserva, mas a gente vê que sofre danos com a falta de conhecimento né, não de indústria, mas a manipulação de rejeitos, tem a PETROBRAS que cuida também, mas outras coisas e o ser humano que estraga, nós mesmos sociedade.

Qual seria a importância de preservar estes espaços? (Entrevistador)

Preservar esses espaços é preservar a nós mesmos, a nossa natureza, a nós.

9- Quais problemas ambientais a humanidade vem enfrentando?

Todos. Climáticos, todos, principalmente os climáticos. No meio ambiente ele tá mudando aos poucos devido a nossa devastação né, aquilo causamos ao meio ambiente, muita coisa acontece porque nós não estamos enxergando ou fingimos não enxergar.

O aumento da pobreza está ligado aos problemas ambientais?

Não sei ao certo se podemos ligar a isso, mas como nós fazemos parte do meio ambiente, a sociedade em geral, pode dizer que sim, de alguma forma ou de outra sim porque tudo é um ecossistema fazemos parte do meio ambiente, fazemos parte de um sistema vivo, então podemos dizer que nós seres humanos, nós fazemos parte do planeta, então podemos dizer que sim, se eu for pensar e analisar dessa forma o aumento da pobreza podemos dizer que sim, que é influência, é influência.

10- Você está conseguindo fazer a sua parte diminuir os problemas de ordem ambiental imediato, médio e longo prazo?

Eu procuro fazer. De uma maneira que eu possa fazer né em casa cuidando do lixo, gasto de água né. Eu procuro fazer a minha parte, eu tenho essa consciência, eu procuro fazer.

11- Como você entende a interdisciplinaridade quanto as problemáticas ambientais?

Eu entendo que você trabalha problemáticas ambientais na interdisciplinaridade é você integrar todo assunto que é possível em todas as disciplinas, você tratar desse assunto a todo momento desde que venha aferir, interagir com o assunto que esteja trabalhando né, principalmente dentro do nosso projeto que bata com o interesse do aluno, você pode inserir assunto, você coloca esse assunto à tona pra você poder trabalhar.

12- Qual é a importância da educação ambiental no contexto da nossa Escola que tem como cerne uma metodologia diferenciada de trabalho, onde os espaços e tempo de aprendizagem são múltiplos?

É trabalhar isso com mais intensidade a todo momento, não só uma dedicação de projeto uma vez por semana, uma vez por mês ou quando vem um projeto pela Secretaria de Educação. É você trabalhar todos os dias a todos os momentos independente de projetos. É você trazer a tona a todo momento essa questão.

13- Qual sua compreensão de Educação Ambiental?

Se eu for pensar na palavra Educação, educação é educar, mas pensando em escola educação pra mim é trazer conhecimento, é você trazer o conhecimento a todo momento, é você trazer a questão pra discussão a todo momento que é possível, seja em grande grupo ou grupos pequenos ou com um educando só quando surge a oportunidade de você conversar com ele sobre qualquer assunto a qualquer momento.

A 2 - Educação Física.

1- O que é educação, processo de ensino e aprendizagem?

Pra mim educação tem a ver com a Não é com transmissão, com a socialização dos saberes de maneira institucionalizada pelo estado ou pelos entes do estado de uma nação.

E o processo ensino-aprendizagem? (Fala do entrevistador)

O processo ensino-aprendizagem é o processo... são as maneiras, os métodos, as ações que serão utilizados para esses saberes sejam socializados dentro dessas entidades, dentro dessa instituição que se chama escola.

2- Qual é o seu papel de professor no contexto onde você está inserido?

O meu papel como professor é eu penso que ... pelo menos aqui na escola eles não são ambíguos, mas eles são dois momentos assim que a gente tá dividido em tutor né que é aquele que é responsável por um grupo X de alunos, responsável no sentido de ajuda-los a construir seu processo de aprendizagem né, os processos de compreensão, de aprendizagem mesmo daquilo que é socializado pela escola, daquilo que é preconizado pelos sistemas nacionais acima da instituição escola enquanto Lei, orientação eu acho que o meu papel enquanto tutor nesse momento é se responsabilizar e ajudar os alunos e como professor de uma ilha de conhecimento é que a partir dos meus encontros com os outros educandos que não são da minha ilha de conhecimento eu contribua para que eles alcancem as competências relacionadas a Educação Física, relacionada aquilo que se espera dos educandos dentro de suas faixas etárias ou dentro de suas possibilidades completar enquanto aquilo que se espera dele relacionado à Educação Física.

3- Qual é a sua compreensão de Escola Inovadora?

A minha compreensão de Escola Inovadora ela é bem ampla, acho que tem várias, várias questões. A Escola Inovadora essencialmente vai buscar fugir da Escola Tradicional que aí a gente pode discutir que são vários, que é formato em salas, formato daquele pensamento de que o professor tá ali pra impor

conhecimento, colocar na cabeça, que tenha sinal, que tenha horários muito bem definidos, que tenha o que mais??? Que os alunos sejam divididos por série e mais é óbvio que vai além disso a concepção de Escola Inovadora, aliás acho que não tem uma só concepção tem várias eu acho que a priori é isso que eu penso de Escola Inovadora.

4- O que é meio ambiente e natureza? Há diferenças?

Meio ambiente e natureza eu acredito que não, que não tenha por dois motivos óbvios pra mim na minha concepção eu ainda acho difícil separar meio ambiente e natureza. Nós estamos no meio ambiente né, aqui é um meio ambiente alterado, mas é meio ambiente na minha concepção, eu gosto de pensar que essa separação que a gente faz é uma separação que também é perigosa porque parece que eu nunca tô no meio ambiente em nenhum lugar, se é uma casa ela não tá no meio ambiente. Então pra mim essa separação seguindo a linha de alguns teóricos também, acho que essa separação nos impede, acho que deveria se tratar tudo como meio ambiente né, tudo que está dentro da esfera do planeta onde pode ser habitável por qualquer tipo de ser vivo.

Existe uma definição sobre *O que é meio ambiente* e *O que é natureza*? (Indagação feita novamente pelo entrevistador com a finalidade de focar na temática da entrevista)

Se existiria pra mim? Olha pra mim não existiria, mas eu sei que tem coisas que influenciam na minha vivência que tem sim. A natureza vai tratar aquilo que está relacionado a fauna, flora e não necessariamente aquilo que ... (não concluiu a frase). O meio ambiente por exemplo um espaço como esse também alterado logicamente pelo ser humano eu penso que é isso.

5- Você concorda com campanhas de educação ambiental que são relacionadas com água, com resíduos e outros?

Eu concordo.

Por que? (Entrevistador)

Por alguns motivos. Eu acho que é necessário que a educação faça esse papel de conscientização né com relação ao meio ambiente, o lugar em que a gente vive, os recursos que a gente utiliza que não são recursos baratos e eles são ... e a renovação desses recursos são bem difíceis né, e ao mesmo tempo eu concordo com as campanhas, mas me parece que existe uma necessidade de dialogar para além dessas campanhas, por exemplo é a sociedade discutir ou a escola discutir também é, na campanha da água por exemplo. Por que o estado também não vai procurar conscientizar ou multar ou fazer coisas com o grande empresariado que gasta uma quantidade enorme de água com as suas produções e ao mesmo tempo me parece que o Estado cobra assim dessa nossa cidadania aqui ou cobra da Escola como se fosse somente o lugar ah é na escola é que a gente vai melhorar a questão da preservação do meio ambiente, preservação da água, acho as vezes a escola está numa discussão que é necessária não tô negando essa discussão, mas acho que existe a necessidade do Estado ampliar esses modos de fiscalização, multar sei lá que coisa, ficou tudo em política pública para né, pra que esses excessos, não só a Educação Ambiental dentro da escola.

6- Há diferenças entre lixo, resíduo e rejeito?

Há. Eu não sei explicar conceitualmente assim o que cada um é, mas me parece que o rejeito é aquilo que a gente não consegue de jeito-maneira reutilizar né, o resíduo a gente até determinada forma consegue recicla-lo e depois reutilizá-lo né e o lixo não sei definir bem o que que é, não tenho concreto, o lixo me parece também uma forma daquilo que sobra os dois e a gente não consegue destinar muito bem eu também não sei conceituar bem esses três termos, esses três conceitos.

7- O que é impacto ambiental?

Olha impacto ambiental no meu ponto de vista é tudo aquilo que acontece como uma ação da natureza ou do meio ambiente, não só pelo ser humano, mas principalmente pelo ser humano mediante o que é discutido, aquilo que é construído e o que fica de ação do ser humano ou das ... do ser humano nesse meio ambiente positiva ou negativamente. O impacto ambiental acontece a todo momento até se a

gente plantar uma árvore aqui pode causar um impacto ambiental na minha concepção e ... vou fazer uma hidrelétrica é impacto ambiental, fazer aqueles ... energia eólica também pode ser impacto ambiental então discutir, a gente transpor o Rio São Francisco impacto ambiental porque ele pode alterar uma coisa no meio ambiente que as vezes a gente não pode controlar né na minha concepção.

É possível que a sociedade na atualidade sobreviva sem impactar o meio ambiente? (Entrevistador)

Eu acho difícil, eu acho difícil sobreviver sem impactar o meio ambiente eu acho difícil por alguns motivos pela lógica econômica do hiper produzir e essa hiperprodução sempre procura expandir suas indústrias e o ser humano ainda não conseguiu compreender que em grande parte esse planeta ele é esgotável, ele tá esgotando, exaurindo suas riquezas naturais e por aí em diante né, E o ambiente eu acho bem difícil conviver sem esse impacto, mas principalmente porque enquanto a gente não compreender que o impacto não é natural, não é só da hiper população, mas também de como se produz no mundo. Eu acho que enquanto esse molde de produção for o que domina, não se compreende o meio ambiente como um lugar de todos e que serve a todos e que cada ser vivo é necessário para esse meio ambiente eu acho difícil a gente permanecer sem impactar o ambiente.

8- Existem áreas de preservação ambiental em nosso município ou em nossa região?

Eu acredito que exista. Eu só não sei registrar e falar qual que é a área de preservação permanente aqui.

Qual seria a importância de preservar estes espaços? (Entrevistador)

Primeiro que a importância de preservar estes espaços é poder ser um lugar de reflexão para as próximas gerações, e que não só pras próximas gerações, mas as gerações que estão aí, pra que a gente visualize esse espaço de preservação permanente como um espaço que pouco foi modificado pelo ser humano ou que pouco sofreu fortemente os impactos ecológicos dessas ações humanas, então ao mesmo tempo que é o lugar que tem que ser preservado eu acho que é um lugar da necessidade do aprender sobre pra realmente não só, pra gente compreender que

há necessidade desse novo olhar pra sociedade, a gente realmente tem que viver duma maneira mais sustentável, duma maneira que possibilite que outros lugares como esse sejam preservados.

9- Quais problemas ambientais a humanidade vem enfrentando?

Ah são vários. Acho que os mais graves é a questão do aquecimento global e uma, justamente as potencias econômicas elas não querem deixar de produzir ou se responsabilizar por esse efeito dos gases que causam na atmosfera a própria ... a própria produção do petróleo que vai impactar em algumas questões de quando se tem vazamento de óleo ou quando se vai construir um oleoduto desse também o impacto ambiental que gera naquele lugar. A própria questão do aquecimento dos mares, dos oceanos vem produzindo algumas percas para os seres vivos marítimos né então, a questão dos grandes desmatamentos, a questão das grandes hiper produções agrícolas principalmente da agropecuária é aí se desmata e não se coloca nada no lugar só deixa, então eu acho que isso é um dos grandes problemas e principalmente a hiperprodução dessas questões né, hiperprodução de materiais, de lixo que a gente não tem destinação, não sabe pra onde coloca, volte e meia tem alguns lugares são hiper atolados de materiais que na verdade nada é fora, ninguém joga nada fora, a gente joga as coisas em algum lugar onde a gente joga em um lugar que não consegue ver, então eu acho que é isso.

O aumento da pobreza está ligado aos problemas ambientais?

Certamente. Por alguns motivos eu acho que a partir do momento também que as pessoas procuram áreas que não são tão valorizadas dentro da cidade começam a ir pra esses lugares que tem uma maior concentração de fauna, de flora e aí vai acontecendo um fenômeno no meu ponto de vista que é o fenômeno da falta de território né, então essa questão da pobreza, o acesso ao território acho que tá relacionado com a questão da preservação do meio ambiente. Porque ao mesmo tempo que a gente não tem um ambiente saudável as pessoas tendem a gastar mais com saúde né, ah a não ter ... não manter seus corpos saudáveis também por conta da respiração, da água, da hiperconcentração de agrotóxicos nos alimentos, então conseqüentemente as populações mais pobres vão ter que gastar seu pouco dinheiro, seus poucos recursos nessas questões de saúde, eu acho que isso viabiliza a questão da pobreza.

10- Você está conseguindo fazer a sua parte diminuir os problemas de ordem ambiental imediato, médio e longo prazo?

Olha... não da maneira que eu gostaria de fazer é por conta de algumas coisas assim, lá em casa a gente destina o lixo reciclável e tal, eu sempre procuro jogar e desfazer das minhas coisas nos recicláveis né, mas a gente não conseguiu reduzir a utilização do carro, a gente pouco utiliza bicicleta, nós utilizamos lá em casa muita sacola de lixo, plástico, nós também não sabemos ... não temos a oportunidade também financeira de comprar alimentos que não são das grandes produtoras que usam agrotóxicos, então a gente ainda tem essa limitação, a gente produz bastante lixo, a gente não tem uma composteira, então eu acho que isso eu não faço a minha parte de maneira que eu ache que deveria ser o certo.

11-Como você entende a interdisciplinaridade quanto as problemáticas ambientais?

Eu acho que tem um esforço focalizado não muito amplo na escola com relação essa questão de lixo, também não temos composteira, não temos um programa na escola de reciclagem, nós temos algumas tímidas, algumas ações tímidas assim na questão da apresentação de meio ambiente. Eu acho que seria hiper necessário principalmente quando a gente pensa essa questão da interdisciplinaridade, eu acho que tem um esforço dos professores, mas de uma maneira institucionalizada não e aí cito até eu enquanto... até na minha competência que é de fazer as discussões da necessidade da utilização das bicicletas, da necessidade da utilização do transporte público ou fazer uma discussão também o porquê o transporte público é bom ser usado, então me parece ainda que a escola nessa questão a gente criamos por óbvio a necessidade de discutir o canteiro que não se utiliza agrotóxicos, que procura criar... fazer ... alimentos, produzir alimentação saudável então, ainda acho muito tímido por parte da escola, é claro que a gente tá em construção, mas eu acho que a gente poderia ampliar.

12- Qual é a importância da educação ambiental no contexto da nossa Escola que tem como cerne uma metodologia diferenciada de trabalho, onde os espaços e tempo de aprendizagem são múltiplos?

Eu acho que a discussão ambiental no nosso espaço ela é essencial por dois motivos primeiro porque além da nossa escola tem uma questão dessa educação diferenciada a gente também está no lugar que o meio ambiente ou sua flora, sua fauna a gente consegue tá muito perto, os alunos conseguem ter muito contato, eles conseguem visualizar, eles tem a possibilidade de estar embaixo dessa flora ou aquilo que se pode distinguir como natureza e meio urbano, ele tá mais perto, ele tem aqui atrás o mangue, um braço de mar né, então a importância principalmente pra esse município da educação principalmente para o nosso contexto escolar é justamente a possibilidade de se compreender ou discutir de outras formas o que é essa educação ambiental e o aluno vai poder ir até o lugar se deslocar. Aqui nessa escola essa experiência é muito mais fácil né. Existe uma grande possibilidade de abertura pra essa discussão e o ideal seria que a gente pudesse ter um diálogo mais refinado com os alunos, então eu penso que essa questão da educação ambiental é muito importante também por que aqui é um lugar que muitos alunos, os pais e as famílias tem o contato direto com a pesca, com o mar, com o mangue né e ao mesmo tempo é importante porque é uma questão de identidade pra essa população ao meu ver. E que deveria ser uma questão de identidade para todas as outras escolas, mas essa possibilita, deveria possibilitar mais esses diálogos justamente pelo ambiente, pela cidade, pelas diversas coisas, acessos a esse meio ambiente um tanto quanto preservado.

13- Qual é a sua compreensão sobre Educação Ambiental?

Olha minha compreensão sobre educação ambiental eu acho que... eu penso que ela é, ou ela deveria ser, ou que eu quero pra mim? O que eu acho como ideal? (A sua compreensão – fala do entrevistador)

Eu acho que ela de ser essencial na escola, entender tudo como meio ambiente, a gente entende muito pouco, a gente separa o ambiente natural do que arquitetura parece que não é o ambiente, parece que a gente não faz parte dos seres vivos, parece que a gente não é animal, a gente tem uma leitura de que gente

tem que dominar a natureza não sei o que, e essa natureza, a gente não compreende essa natureza que está se esvaindo então quando penso que essa educação ambiental é realmente saber compreender e aprender a viver num ambiente como um todo, saber que esse ambiente ele se esgota, ele está se acabando, quando ele se acaba ele causa problema num outro lugar que volta as vezes pra gente mesmo. Então quando penso Educação Ambiental eu acho que antes de tudo fundamento, não só uma parte né, o fundamento de uma escola, de uma sociedade que quer ser sustentável ele tem que ser no ambiente ou aquilo que a gente produz no ambiente, que faz no ambiente ele impacta diretamente nas nossas vidas e principalmente na vida daqueles que são mais vulneráveis né, então quando a gente não tem acesso à educação, saúde o meio ambiente que seja realmente sustentável, o ser humano que tá mais vulnerável vai ser sempre ... vai ter doenças, pouco acesso a alimentos saudáveis vai ter pouca de resumo não vai ter uma vida sustentável, não é sustentável a palavra, não vai ter uma vida que possa ser de qualidade e aí a gente pode discutir que ninguém chegou nisso aí ainda.